
Denis Cruz
O Livro Amargo
quando o sonho não se realiza

O Livro Amargo

quando o sonho não se realiza

Denis Cruz

Casa Publicadora Brasileira
Tatuí, SP

Direitos de tradução e publicação em
língua portuguesa reservados à
Casa Publicadora Brasileira
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP
Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900
Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888
www.cpb.com.br

1ª edição neste formato
Versão 1.1
2014

Editoração: Neila Oliveira e Michelson Borges
Capa e Projeto Gráfico: Éfeso Granieri
Design Developer: Fernando Santana
Ilustração da Capa: Thiago Lobo
Imagens da Capa: Fotolia
Fotos dos Personagens Reais: AFC

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cruz, Denis
O livro amargo [livro eletrônico]: quando o sonho não se realiza / Denis Cruz. – Tatuí, SP : Casa Publicadora Brasileira, 2014.
2,6 Mb ; ePub.

ISBN 978-85-345-2068-3

1. Ficção religiosa I. Título.

14-03238 CDD-869.930382

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção religiosa : Literatura brasileira
869.930382

EDITORA AFILIADA

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, *sem prévia autorização escrita* do autor e da Editora.

14549/29902

Para o meu Deus, a quem devo tudo. Para a minha esposa Elisa. Seu sorriso enriquece meus dias. Jamais o economize. Para minha menina Lívia, criança linda e talentosa. Para o meu garoto Kalel. Você é a expressão máxima do significado de seu nome: "enviado por Deus". Para os amigos que me ajudaram ao longo desta jornada como escritor: Felipe de Oliveira, Lury Maeda, Keila Cruz, Haroldo Júnior, Franciellen Mendes e tantos outros. Para os amados irmãos da Igreja Adventista de Mundo Novo, MS. Suas orações fizeram e fazem muita diferença em minha vida. E para você, querido leitor, que tem tornado esta tarefa de escrever um verdadeiro desafio.



O velho homem olhava para o céu e seu coração era agraciado com um sentimento reconfortante: a esperança.

Sentado na cadeira de balanço da varanda na rústica casa de madeira sem pintura, ele olhou para o portão, por onde quatro jovens entravam.

– Boa-tarde, Sr. Jordan – disse o rapaz de camisa xadrez e calça jeans, que se chamava Sam.

– Boa-tarde, amigos – respondeu o homem, alargando um sorriso. – Vamos, entrem.

– Meu pai mandou batatas – disse uma das moças que acompanhava os jovens.

– Que ótimo! Adoro batatas. – O velho esticou-se, pegou o saco com os tubérculos e o colocou ao seu lado. Olhou para os quatro jovens à sua frente, com estampado ar de inquietude (um olhava para o outro, como se dissessem “Vamos, fale!”, “Não, fale você!”). Como ninguém iria dizer nada, ele mesmo puxou o assunto:

– Mas vocês não vieram apenas trazer as batatas, não é?

– Não, senhor! – falou Sam – Viemos pelas histórias.

O homem deu uma grande risada. Recostou-se na cadeira e balançou duas vezes.

– Está bem. Sentem-se.

Os quatro sorriram satisfeitos, olhando uns para os outros. Sam puxou um banco. Vane e Jill assentaram-se no chão com o garoto mais novo, Matheus (este tinha os cabelos vermelhos e o rosto cheio de sardas; as duas moças usavam vestidos de algodão, longos e de um azul bem discreto, comuns nas pequenas cidades daquele início do século 19).

– Jill, coloque as batatas para cozinhar. Será uma longa história; por isso, é bom termos algo para comer mais tarde – falou o homem.

– Eu sei fazer purê – disse Vane.

– Seus pais sabem que vocês poderão demorar aqui? – perguntou o Sr. Jordan.

– Sim – respondeu Sam. – Avisamos que iríamos pedir que o senhor contasse uma história. Se demorarmos, saberão que estamos aqui.

– As batatas estão cozinhando – disse Jill. – Coloquei mais dois pedaços de madeira no fogo, e, por falar nisso, sua lenha cortada está no fim.

– Eu posso cortar a lenha mais tarde, ou amanhã, se o senhor quiser – disse Sam.

– Falaremos disso depois – respondeu o homem. – Mas já adianto que seria de grande ajuda. Podemos começar?

A resposta estava no olhar dos quatro jovens, que se ajeitaram da melhor forma possível. Então, o Sr. Jordan iniciou:

– Um homem chamado Guilherme Miller disse que Jesus voltaria em 1844. Muitas pessoas acreditaram nele, entre elas, um jovem chamado Jerryl McNolan. É a história dele que vou contar para vocês agora...

Jerryl McNolan saiu da ferraria. Olhou para o alto e viu o sol do verão de 1842. Sentia um calor intenso, pois acabara de sair da frente da fornalha, onde batia uma barra de ferro para seu pai, o Sr. Nolan McNolan.

Enxugou o suor com o punho da camisa e alisou o avental de couro surrado. Por mais quente que fosse a roupa, ela era uma proteção contra o fogo e suas faíscas.

– Ei, filho! – gritou o Sr. Nolan de dentro do galpão da ferraria. – Está com calor hoje? – Deu uma risada com seu gracejo.

– Aqui fora está mais fresco – sorriu o filho. – Quer água? Acho que vou buscar um balde no poço.

– Quero. Aproveite e jogue um na cabeça, para esfriar a cuca. Temos três arados para terminar.

Jerryl encaminhou-se para os fundos. Jogou o balde no poço e o puxou com a manivela de madeira, com seu peculiar e rítmico “clanc, clanc”. Bebeu a água fresca em uma caneca de metal, feita pelo próprio pai.

Quando entrou no galpão, viu Nolan parado na grande porta dupla. À frente dele estava um homem bem vestido, que dizia:

– Você me deve um cavalo, McNolan.

Jerryl o reconheceu imediatamente. Era Zachary Brat, um dos burgueses do Condado Novo, no estado de Nova York. Um encrenqueiro com roupas finas e um sobrenome desejado pela maioria das moças das outras famílias.

– Não devo nada para você, Sr. Brat – disse o senhor McNolan enquanto Jerryl se aproximava deles.

– Meu cavalo quebrou uma das patas depois que você colocou ferraduras nele, ferreiro – disse Zachary, com tom arrogante. Arrumou o chapéu fino na cabeça e alisou o bigode sobre um sorriso cínico. – Tive que sacrificar o animal por sua culpa.

– Se seu cavalo quebrou a pata, não foi em razão das ferraduras novas que coloquei.

– Cuidado com o tom, ferreiro. – Ao dizer isso, dois capangas se colocaram ao lado de Zachary e as mãos de ambos se apoiaram no cabo de revólveres que traziam à cintura.

Jerryl repetiu o gesto, ficando ao lado do pai, mas não tinha arma para impor presença maior que a dos comparsas de Brat.

– Vá para casa, Jerryl – disse Nolan. Mas o filho não obedeceu.

– Pague o que me deve, McNolan, ou vou quebrar uma das suas pernas – ameaçou o burguês.

– Não me venha com ameaças, Sr. Brat – disse o ferreiro com um tom de indignação –, ou levo nosso caso para o xerife Brautigan.

O homem deu um passo em direção a Nolan, ficando a menos de um palmo de seu nariz. Falou com o mesmo tom ameaçador:

– Nada aqui será resolvido na presença do xerife. Vamos fazer da maneira antiga, McNolan. Como homens de verdade.

Como covardes de verdade, pensou Jerryl, olhando para os homens armados, mas preferiu não falar nada, ou iria piorar a cena.

– Seu avô jamais aprovaria isto! – argumentou Nolan.

– Meu falecido avô não tem nada a ver com nossos negócios – disse o burguês, apoiando a mão direita no trabalhado cabo de um florete que trazia na cinta. A espada fora feita pelo próprio McNolan e dada de presente a um de seus melhores amigos do Condado Novo, o Sr. Gustaph Brat, o patriarca daquela família. – Trinta dias, ferreiro. Esse é o prazo que eu dou para você indenizar meu prejuízo. – Ele se virou e saiu para a rua poeirenta do condado, com seus dois homens mal-encarados no encalço.

O ferreiro tirou o chapéu surrado e coçou o calvo cocuruto, um gesto que sempre repetia quando estava preocupado com algo. Jerryl bem sabia.

– O que foi isso, pai?

– Maluquice desse homem, Jerryl. Ele culpa minhas ferraduras novas pela queda de seu cavalo e quer que eu o indenize pela perda do animal.

– E o senhor vai pagar?

– E como eu poderia pagar o valor do appaloosa[1] do Brat?

Sem perceber, Jerryl repetiu o gesto nervoso do pai, coçando a própria cabeça.

– Vamos voltar ao trabalho – disse o Sr. McNolan.

O jovem atravessou a bagunçada ferraria, cheia de metais pendurados e peças escoradas por todos os lados. Foi até a fornalha e remexeu numa placa de metal mergulhada na brasa. Com um fole, soprou as brasas que ficaram ainda mais vermelhas. Puxou com um alicate o metal e o colocou sobre a bigorna, modelando sua forma com pancadas de martelo. A cada batida, uma miríade de faíscas cintilava e morria no chão terroso.

---

1. *Appaloosa* é uma raça de cavalo também conhecida como cavalo-pintado.



No dia seguinte, a pedido da mãe, Jerryl foi até o armazém do Sr. Fearnot comprar alguns mantimentos. A meio caminho de seu destino, o jovem viu um garoto em frente a um outro armazém que vendia guloseimas.

– Joe! – chamou ele. O menino respondeu com um imenso sorriso.

– Jerryl! – disse o garoto depois de atravessar a rua. – Tudo bem com você?

– Sim. Estou ótimo! – disse Jerryl, mas olhava por sobre os ombros de Joe, como se procurasse mais alguma coisa. – Você está sozinho?

– Não. Vim com meu pai e com minhas irmãs. Olhe! – ele tirou do bolso uma pequena faca, com cabo metálico. – Eu a trouxe comigo. Tem sido muito útil.

Jerryl pegou a faca na mão e conferiu o fio, vendo que estava bem afiada.

– É ótima para descascar frutas e realizar outras tarefas emergenciais na fazenda – disse Joe.

Um mês antes, o jovem ferreiro, aproveitando a visita do pai daquele garoto na ferraria para fazer a encomenda de um arado, o presenteou com uma faca (ferramenta muito útil para uma pessoa da área rural). A partir daí, Joe o considerava um grande amigo.

– E não é melhor você estar junto de seu pai? – disse Jerryl, sem tentar mostrar muito interesse.

– Ele está no armazém do Sr. Fearnot – disse o garoto. – Já estou indo lá.

Jerryl estremeceu e começou a caminhar ao lado de Joe, conversando aleatoriamente até chegarem à venda. Subiram os três degraus de madeira e atravessaram a portinhola.

Duas pessoas estavam sendo atendidas no balcão de madeira amarronzada pela poeira e outras duas andavam por entre rústicas prateleiras. Os cheiros do ambiente se misturavam, mas o aroma de carnes ressecadas e defumadas predominava.

Entre uma das prateleiras, Jerryl viu uma moça com vestido longo e discreto, num tom pérola, olhando uma peça de tecido. Era Allice, irmã de Joe. A pele branca combinava perfeitamente com o tom loiro de seus cabelos lisos.

– Oi, Allice – disse ele aproximando-se e tentando controlar o descompasso emocional ao ver a garota.

– Oi, Jerryl – respondeu ela com um sorriso. Joe se aproximou, alternando o olhar entre os dois. – Eu vi a faca que você fez para meu irmão. Ele gostou muito.

– Eu... eu... – gaguejou McNolan. – Eu fiz algo para você também. Ele enfiou a mão no bolso interno do paletó surrado. Mas, antes de tirar, o Sr. Gerald Norton gritou do outro lado do armazém:

– Allice!? Já encontrou o que procurava?

– Não, pai – respondeu a moça, afastando-se, inconscientemente, um passo de Jerryl.

– Então deixe para outra vez – gritou o homem num tom severo, batendo impacientemente a ponta da botina negra ao ver que a filha não foi até ele. Entendendo o gesto, Allice abaixou a cabeça, pegou Joe pela mão e saiu pela porta. O menino disse apenas: – Tchau, Jerryl!

– Sr. Norton – chamou o jovem ferreiro quando o homem também se virou para ir embora.

Gerald parou sob o umbral da porta. Jerryl se aproximou e disse:

– Acho que o senhor me conhece, sou...

– O filho de McNolan, o ferreiro. Sim, eu o conheço.

– Senhor, caso não se importe, eu gostaria de ir até sua fazenda para...

– Não quero você na minha fazenda – interrompeu Norton, secamente.

– Mas...

– Olha, garoto, sei muito bem quais são suas intenções. Saiba que não estamos procurando um namorado para nossa Allice. Não aprovo sua corte e não me faça ser mais claro do que isto. – Ele se virou sem dar oportunidade para qualquer outra palavra.

Jerryl ficou ali, engasgado com o complexo conjunto de argumentos previamente ensaiados. “Sou de uma família conhecida na cidade”, “já tenho uma profissão e minhas próprias ferramentas para exercê-la”, “frequentamos a mesma igreja aos domingos”, e aí por diante.

Recostou-se no balcão e empurrou a lista de compra para o Sr. Fearnot, que a pegou com sua carranca mal-humorada de sempre.

– Não se preocupe com essas coisas pequenas, garoto – disse um homem de barba branca e espessa recostando-se ao seu lado. – Jesus vai voltar muito em breve.

O olhar que Jerryl direcionou para o homem foi de franca surpresa. Não pela frase que ele usou, mas por ter visto e compreendido toda a cena que se desenrolou entre ele e o Sr. Norton. Outras pessoas também perceberam?, pensou o jovem.

– Lá vem você, Ted, com essa história de Jesus voltando – disse Fearnot, colocando uma pilha de sacos no balcão.

– Você acredita na Bíblia, Fearnot? – perguntou Ted.

– Claro, sou metodista, como você.

– Então, meu caro. A Bíblia diz que Jesus vai voltar até 21 de março de 1844.

– Onde está escrito isso, Ted? – desafiou o dono do armazém.

– Não está escrito em nenhum lugar, velho maluco. Tem que interpretar.

– Maluco é você – disse Fearnot, fazendo um gesto com a mão. Parecia que estava espantando uma mosca, e voltou para pegar outros itens da lista dos McNolan.

– Como é isso? – interessou-se Jerryl.

– Já ouviu falar de Guilherme Miller?

– Acho que sim.

– Eu o conheci, há uns dez anos, num barco, enquanto viajava pelo rio Hudson – disse Ted. – Quer ouvir minha história?

Jerryl olhou para o dono do armazém e viu que demoraria um pouco para completar a lista. Meneou afirmativamente a cabeça e Ted começou:

– Bem, garoto, sou um viajante. Ando por aí vendendo minhas tralhas desde que me entendo por gente. Em 1833, eu estava num barco, viajando pelo rio Hudson. Eu discutia com outros viajantes sobre os avanços que vemos ultimamente. Essas maravilhas todas, você sabe bem: luzes de gás, máquinas de extrair caroços de algodão, comidas em latas, fotografia, colheitadeiras, trens a vapor, essas coisas. O próprio barco em que estávamos era a vapor, soltando sua fumaça negra sobre nossas cabeças e deslizando numa velocidade sem igual. Num certo momento da conversa, um dos homens chegou a dizer que as coisas não podiam continuar daquele jeito, ou em trinta anos o homem se tornaria mais que humano.

Ted fez uma pausa e continuou:

– Nesse momento, outro homem se aproximou de nós. Disse que seu nome era Guilherme Miller e citou com suas palavras Daniel 12:4: “Nos últimos dias, muitos correrão de um lado para o outro e a ciência se multiplicará.” Achamos interessante a visão daquele homem e esperamos que ele continuasse a falar. E continuou. Miller começou a contar sobre as profecias do livro de Daniel, exatamente nos capítulos 11 e 12, dando uma síntese sobre a história do mundo. Ficamos todos boquiabertos com o que ele falava, até que finalmente ele se desculpou, dizendo que não queria ter tomado tanto do nosso tempo. Na verdade, nem notamos que havia passado tanto tempo assim. Durante a viagem, continuamos no encalço dele e ouvimos coisas interessantíssimas sobre o livro de Daniel, incluindo uma profecia sobre 2.300 tardes e manhãs que, segundo Miller, prediz o retorno de Jesus para muito em breve, aproximadamente em 1843.[1]

– E como é essa profecia? – perguntou Jerryl.

– Ah, garoto. Eu tinha alguns panfletos que, na época, peguei com Miller. Também achei outros impressos por aí, falando do assunto, mas já distribuí tudo.

– É tudo balela – disse Fearnot. – Esses mileritas são todos uns desocupados. Estão é torcendo para que o mundo acabe. Sinceramente, espero que não apareçam aqui na nossa cidade com essa história.

– Lamento desapontá-lo – disse Ted com um sorriso. – Mas o pastor Anatoli convidou um pregador milerita para explicar a tese das 2.300 tardes e manhãs na sua congregação, meu caro amigo.

Fearnot soltou os sacos sobre o balcão com violência. Fechou ainda mais a carranca e voltou para outra seção de produtos.

---

1. Dados extraídos de C. Mervyn Maxwell, *História do Adventismo* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1982), p. 22, 23.



Jerryl voltou para casa pensando tanto na postura do Sr. Norton em não permitir sua aproximação de Allice quanto nas palavras de Ted. Andava pelas ruas do Condado Novo puxando uma carrocinha cheia de provisões para o mês e, quando chegou em casa, situada mais aos fundos da ferraria, na extremidade norte da pequena vila, ajudou a mãe, Sra. Marta, a descarregar e guardar a compra.

– Está preocupado com alguma coisa, Jerryl? – perguntou a mãe, notando a expressão do filho.

O jovem sorriu desconcertado, pois não esperava deixar marcada nas feições sua atual condição.

– Ainda não sei se é algo para preocupação – disse ele, evasivo. – Mas prometo que contarei se realmente merecer atenção.

Nesse momento, chegaram à despensa os dois irmãos mais novos, Ralph e Palmer, evitando a continuidade da cena.

– Trouxe doces? – perguntou Palmer do vão da porta.

– Não! – respondeu Marta. – Seu pai mandou que comprasse na mercearia do Sr. Fearnot.

– Se ele vendesse doces, tenho certeza de que teria uma cara menos amarga – resmungou Ralph, enquanto Jerryl lhe despenteava o cabelo.

– Papai vai me dar uma parte dos lucros de algumas ferramentas que fiz. Prometo levar vocês na Azul Celeste e comprar balas – disse Jerryl.

A resposta veio num sonoro “Ebaaaa!” dos irmãos, que foi ouvido lá dentro da ferraria onde, logo depois, o jovem McNolan entrou para começar suas atividades de ajudante.

– Por favor, aqueça a fornalha, Jerryl! – gritou Nolan, carregando algumas peças de metal.

O filho obedeceu imediatamente, indo para a boca incandescente do grande forno. Jogou madeira dentro dele e, com o fole, o abrasou ainda mais. Alguns minutos depois, a fornalha estava no ponto.

– Tudo certo com Fearnot? – perguntou o pai, parando ao lado de Jerryl e assistindo a revitalização do fogo.

– Sim. Ele tinha tudo da lista, mas os meninos reclamaram por eu não ter trazido doce.

Ambos riram e ficaram em silêncio, ouvindo o estalar da madeira queimando.

– Pai, o senhor tem alguma inimizade com o Sr. Norton? – perguntou Jerryl, quebrando o silêncio.

– Não. Pelo contrário, sempre nos demos muito bem. Já fiz muito serviço para ele, em troca de boa madeira que sua fazenda nos fornece. Mas, por que a pergunta?

– Coisa boba, acho – disse o jovem encabulado. – Creio que ele não gostou de eu estar conversando com a filha dele, a Allice.

– Ah, Jerryl, você está querendo cortejá-la? – perguntou Nolan. A resposta foi apenas o coçar de cabeça do filho. O homem riu e deu um tapa no ombro do garoto. – Às vezes, esqueço que meu pequeno McNolan já é um homem. Venha, vamos nos afastar da fornalha. Não precisamos ficar aqui queimando os pelos se não estivermos trabalhando nela.

Foram para o outro lado do galpão e, enquanto Jerryl vestia o avental de couro, Nolan serviu-se de um copo de água. Então, disse:

– Gerald tem uma superproteção com essa filha. Foi sempre assim e já teve épocas de ficarmos meses sem vê-la na cidade ou na igreja do condado.

– E o senhor sabe o motivo?

– Não exatamente. Mas há boatos a respeito. Dizem que ela é dedicada a Deus, com voto de castidade. Se este for o caso, não poderá se casar; portanto, pode desistir da corte.

Mais uma vez, Jerryl repetiu o gesto de preocupação e o pai emendou dizendo:

– Agora vamos ao trabalho. Temos encomendas para terminar.

E voltaram à lida.

Jerryl ficou os dias seguintes cuidando do movimento da rua, esperando ver alguém da família Norton na cidade. Nenhum deles passou por ali.

No domingo, logo que a noite caiu, os McNolan arrumaram-se com as melhores roupas e foram caminhando juntos para a Igreja Metodista, situada no centro do condado.

Havia um considerável movimento de pessoas chegando, a pé, a cavalo ou famílias inteiras em charretes. Entravam no pátio da igreja, cercada com balaústres pintados em branco. A própria igreja, toda de madeira, era branca, e, sobre o hall de entrada, havia uma pequena torre da qual pendia um sino e sobre a qual havia uma cruz.

Os moradores da cidade e das fazendas ao redor vinham para assistir ao culto de domingo.

Quando Jerryl estava para entrar, Joe o puxou pelo braço e o conduziu para a lateral da igreja.

– Tenho um recado da minha irmã – disse o garoto, num tom baixinho. – Ela pediu que eu perguntasse o que você fabricou para ela.

De imediato, Jerryl se lembrou de que, no armazém do Sr. Fearnot, tentou entregar o presente para Allice, mas o Sr. Norton o interrompeu. Colocou a mão dentro do paletó enquanto pensava se queria entregar o objeto para Joe ou preferia fazê-lo pessoalmente. Na verdade, ensaiou uma série de vezes a cena; a maioria delas era encerrada, em seus sonhos, com um beijo de agradecimento da amada.

Porém, ele não contava com a oposição do Sr. Norton. E, se de fato queria entregar o objeto, teria que usar o pequeno mensageiro à sua frente.

– É isto – disse Jerryl, tirando do bolso uma rosa com haste, uma folha e pétalas de metal prateado e polido. – Eu mesmo fiz.

– Uau! – exclamou Joe, olhando para o objeto que media cerca de um palmo – É perfeita. Vou levar para ela.

– Espere, Joe – disse McNolan, segurando o garoto pelo ombro assim que ele se virou. – Por que seu pai não gostou quando me viu falando com Allice?

O menino não respondeu e apenas abaixou a cabeça.

– Ela não pode ser cortejada? – insistiu Jerryl.

– Não tenho permissão para falar sobre esse assunto – disse Joe, sem levantar o rosto.

Por um momento Jerryl ficou olhando para o garoto à sua frente. Achava que tinha mais ou menos a idade de Joe quando se apaixonou pela menina Allice. Conversou poucas vezes com sua amada, mas foi suficiente para aumentar ainda mais o que sentia. Seu sonho adolescente se tornou, com o tempo, a determinação de um homem. Mas agora tinha essa novidade. A proibição em cortejar a moça poderia destruir todos os seus planos de um futuro em comum.

– Não tem problema, amiguinho – disse Jerryl, colocando a mão sobre o

ombro do garoto. – Apenas entregue a rosa para Allice e você já estará fazendo o que está ao seu alcance.

Joe levantou o semblante com um sorriso encabulado. Virou-se, entrou na igreja e foi logo seguido pelo amigo ferreiro.

Como estava sentado nos últimos bancos, Jerryl pôde ver quando o menino entregou furtivamente o artesanato para a irmã. Sorriu, quando viu o fino traço dos lábios alegres de Allice; porém, o que ele queria contemplar eram os olhos azuis da jovem.

– Boa-noite, irmãos! – disse o pastor Anatoli, assumindo o púlpito e dando início à liturgia metodista.

Os membros daquela igreja cantaram e depois oraram juntos. Em seguida, o pastor apresentou o pregador:

– Este é o pastor Ulric. Ele irá nos esclarecer melhor o que temos lido em panfletos e revistas assinadas por Guilherme Miller, sobre a breve vinda de Jesus.

Ulric, um sujeito magro e de sorriso carismático, que trajava um terno cinza e discreta camisa branca, adornada com uma gravata no mesmo tom do terno, levantou-se, cumprimentou a todos e deu início à mensagem:

– Até o dia 21 de março de 1844, Jesus voltará para buscar Seus fiéis neste planeta. É o que a Bíblia diz e eu vou mostrar para vocês nesta noite.



A congregação de irmãos metodistas entreolhou-se. Do púlpito, o pastor Ulric disse claramente uma data de previsão para o retorno de Jesus e mencionou que iria provar.

– No livro de Daniel, capítulo 8, versículo 14, está escrito: “Ele me disse: Isso tudo levará duas mil e trezentas tardes e manhãs; então o santuário será reconsagrado [purificado].” Esse verso encerra uma visão que Daniel teve e que está descrita no capítulo 8. A explicação parcial da visão está no verso 20 em diante. Mas o que interessa para nós são esses 2.300 dias, que ocorrerão, segundo a própria Bíblia, no fim da história do mundo (Dn 8:17). Esse santuário a ser reconsagrado (purificado) é a própria Terra. Jesus voltará e purificará nosso mundo, dando a verdadeira vitória para os crentes no fim das 2.300 tardes e manhãs. Mas como calcular essa data? Como entender essa profecia?

A congregação murmurou. Do meio dela, levantou Fearnot e vociferou:

– Guilherme Miller é um charlatão e o senhor é um de seus arautos da mentira.

Uma onda de indignação pela interrupção inundou a pequena e lotada igreja. Fearnot encarou cada um que o olhava.

– Não sejam tolos! – gritou ele – Esse homem é um enganador.

No púlpito, o pastor Anatoli levantou-se e disse amavelmente:

– Irmão, haverá o momento oportuno para perguntas e discordâncias. Por enquanto, vamos ouvir o que o pastor Ulric tem a dizer e, depois, cada um poderá tirar suas próprias conclusões.

Fearnot fechou o cenho, inundando-o com uma expressão comum aos intolerantes. Pegou sua Bíblia sobre o banco e saiu com sonoras batidas de pé no chão de madeira.

Ao sinal de Anatoli, Ulric pigarreou e retomou a exposição como se não tivesse sido interrompido:

– Guilherme Miller passou dias e noites em oração e estudos para chegar à conclusão que vou expor aqui hoje, meus irmãos. Ele não queria sair para pregar, pois sabia que iria receber críticas de tal natureza. Mas quando se tem uma visão dessa magnitude, não se pode calar. Não se pode ficar inerte diante de tamanha revelação e não alertar pessoas que estejam dispostas a fazer uma real entrega ao nosso Deus. Antes de mais nada, precisamos entender que, em profecias, um dia equivale a um ano, conforme está no livro de Números 14:34[1] e Ezequiel 4:6, 7.[2] Então, para traçarmos quando termina a profecia, temos que entender quando ela começa. Observem que quando Daniel recebeu a profecia também lhe foi dada uma advertência.

Ele abriu a Bíblia e leu partes de Daniel 8:26, 27:

– “A visão das tardes e das manhãs, que você recebeu, é verdadeira; sele, porém, a visão, pois refere-se ao futuro distante. Eu, Daniel, fiquei exausto e doente por vários dias. [...] Fiquei assustado com a visão; estava além da compreensão humana.”

Então prosseguiu:

– Daniel continuou em oração, clamando para que Deus lhe revelasse o significado dessa profecia, até que um anjo lhe apareceu e disse o que podemos ler no capítulo 9, versos 23-27: “Assim que você começou a orar, houve uma resposta, que eu lhe trouxe porque você é muito amado. Por isso, preste atenção à mensagem para entender a visão: ‘[...] Saiba e entenda que, a partir da promulgação do decreto que manda restaurar e reconstruir Jerusalém até que o Ungido, o Líder, venha, haverá sete semanas, e sessenta

e duas semanas. [...] Com muitos Ele fará uma aliança que durará uma semana. No meio da semana Ele dará fim ao sacrifício e à oferta.’”

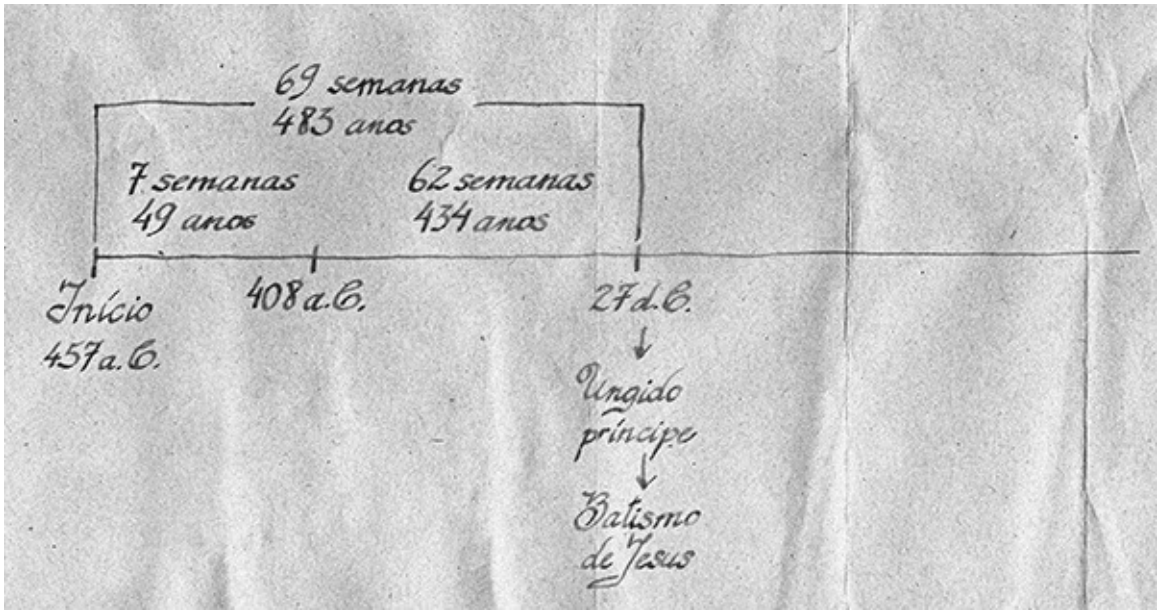
Enquanto os irmãos daquela igreja conferiam os textos na Bíblia, Anatoli e Ulric arrastaram um quadro de giz para o centro da plataforma. Ali o orador fez as primeiras anotações do que seria um diagrama:



Então, o pastor Ulric continuou:

– Nos textos de Daniel 9:25, [3] Esdras 7:7, 11, 21, 22 [4] está claro que o período profético dos 2.300 anos começa a partir da ordem para restaurar e edificar Jerusalém. Isso aconteceu em 457 a.C. Portanto, essa é a data de início do período que estamos estudando. Reparem que a profecia relata que, do ano 457 a.C. “até que o Ungido, o Líder”, e isso quer dizer o batismo de Jesus, haveria “sete semanas e sessenta e duas semanas”. Somando, isso dá um total de 69 semanas, [5] o que, em linguagem profética, equivale a 483 anos, pois cada semana tem sete dias. [6] Agora, observem de novo.

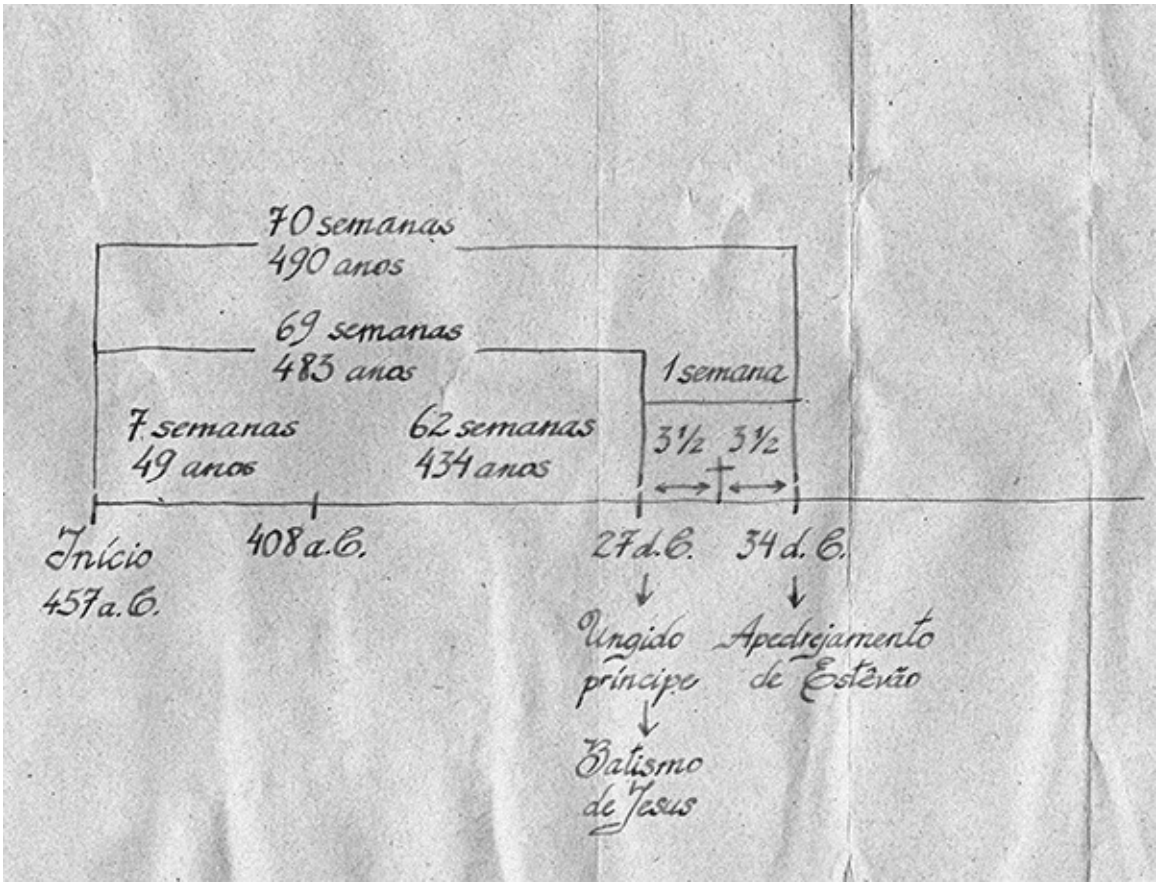
Ulric virou-se para o quadro de giz e traçou as seguintes anotações:



Olhem. Chegamos ao momento em que o Príncipe foi ungido pelo batismo, o que, historicamente, aconteceu em 27 d.C. Vale lembrar que no ano 408 a.C. ocorreu a reconstrução de Jerusalém e a restauração do estado judeu. Portanto, até aqui a profecia cumpriu-se fielmente. Pois bem, depois de ungido o Príncipe, ou seja, após o batismo ocorrido em 27 d.C., a profecia fala de mais uma semana, o que significa sete dias, ou seja, sete anos. Isso nos conduz ao ano 34 d.C. [7] Foi justamente nesse ano que o apóstolo Estêvão foi apedrejado pelo povo judeu, cumprindo a profecia de Daniel 9:24: “Setenta semanas estão decretadas para o seu povo.” Observem que foram sete semanas no primeiro período – ele apontou no quadro a linha que ia até o ano 408 a.C. – Depois 62 semanas até o Ungido e, depois, mais uma semana para acabar com o tempo de Israel após o apedrejamento do primeiro mártir. [8]

Mais uma vez o pastor Ulric completou seu diagrama, anotando as 70 semanas completas e a semana (sete anos) adicionada após o ano 27 d.C., o que culminava em 34 d.C. com a morte de Estêvão.

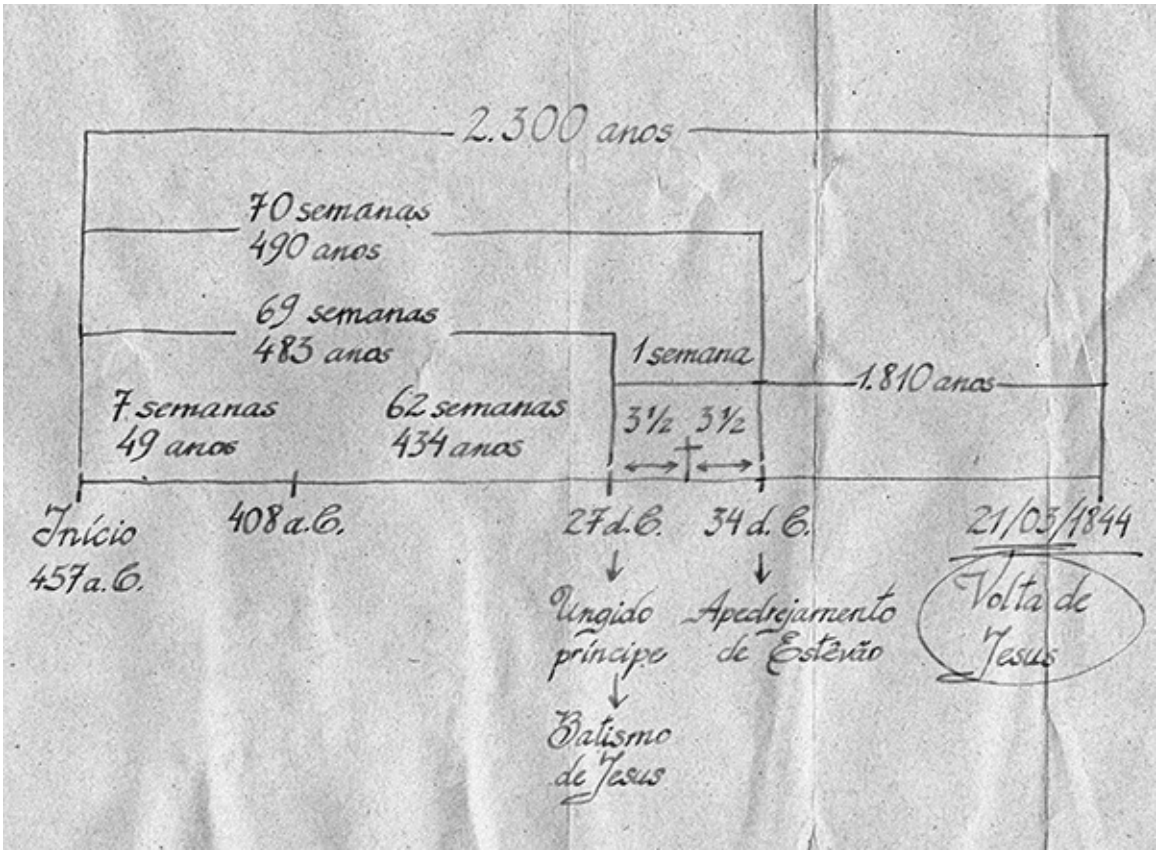
Então, Ulric também desenhou uma cruz no meio da última semana e colocou um 3½ em cada lado dessa cruz. O diagrama agora ficou assim:



– Continuando, irmãos, a profecia diz que na metade desta última semana, compreendida entre os anos 27 e 34 d.C., “fará cessar o sacrifício”. Isto quer dizer que Jesus morreria na metade entre esses anos, ou seja, no ano 31 d.C., o que historicamente ocorreu. No plano espiritual, a partir do sacrifício do Messias, não eram mais necessários os sacrifícios simbólicos de animais que Israel realizava. Notaram como tudo se cumpriu com exatidão? Viram quando iniciam as profecias das setenta semanas (490 anos) e das 2.300 tardes e manhãs? Até aqui a Bíblia disse a verdade. Até aqui tudo se cumpriu, desde a restauração de Jerusalém até o batismo e morte de Jesus, incluindo o assassinato do primeiro mártir, Estêvão, dando um basta na era de Israel. Agora vem o mais importante e algo tão

verdadeiro quanto as profecias que acabei de mostrar.

Ulric traçou uma grande linha no quadro, anotou 2.300 anos e, no fim, 21/3/1844.



– Este mundo não passará de 21 de março de 1844. Até essa data, Jesus voltará para purificar a Terra.

---

1. Números 14:34: “Durante quarenta anos vocês sofrerão a consequência dos seus pecados e experimentarão a Minha rejeição; cada ano corresponderá a cada um dos quarenta dias em que vocês observaram a terra.”

2. Ezequiel 4:6, 7: “Terminado esse prazo, deite-se sobre o seu lado direito, e carregue a iniquidade da

nação de Judá, durante quarenta dias, tempo que Eu determinei para você, um dia para cada ano. Olhe para o cerco de Jerusalém e, com braço desnudo, profetize contra ela."

3. Daniel 9:25: "Saiba e entenda que, a partir da promulgação do decreto que manda restaurar e reconstruir Jerusalém até que o Ungido, o Líder, venha, haverá sete semanas, e sessenta e duas semanas. Ela será reconstruída com ruas e muros, mas em tempos difíceis."

4. Esdras 7:7, 11, 21, 22: "Alguns dos israelitas, inclusive sacerdotes, levitas, cantores, porteiros e servidores do templo, também foram para Jerusalém no sétimo ano do reinado de Artaxerxes. [...] Esta é uma cópia da carta que o rei Artaxerxes entregou ao sacerdote e escriba Esdras, conhecedor dos mandamentos e decretos do Senhor para Israel: [...] 'Agora eu, o rei Artaxerxes, ordeno a todos os tesoureiros do território situado a oeste do Eufrates que forneçam tudo o que lhes solicitar o sacerdote Esdras, escriba da Lei do Deus dos Céus, até três toneladas e meia de prata, cem tonéis de trigo, dez barris de vinho, dez barris de azeite de oliva, e sal à vontade.'"

5. 62 + 7 = 69 semanas

6. 69 x 7 dias = 483 dias. E se cada dia é igual a um ano, isso quer dizer 483 anos.

7. 27 + 7 = 34

8. Atos 7:59: "Enquanto apedrejavam Estêvão, este orava: 'Senhor Jesus, recebe o meu espírito'."



Jerryl olhou para seu pai sentado ao lado. O mestre ferreiro olhava para a Bíblia e fazia anotações.

– É incrível – sussurrou Nolan.

Do púlpito, o pastor Ulric fazia o fechamento.

– Segundo Miller, o ano bíblico de 457 a.C., ou seja, o ano de início de contagem da profecia, começa na primavera, o que equivale a 21 de março de 457 a.C. Assim, somados 2.300 anos, chegamos à data de 21 de março de 1844. Essa é a data para a purificação deste santuário, a Terra. Nós, os mileritas, acreditamos que Jesus voltará entre 21 de março de 1843 e 21 de março de 1844. E nosso coração se enche de esperança com esse pensamento. Amém, amém e amém! – Ele foi dando passos para trás, a cada "amém" que pronunciava, até assentar- se novamente em sua poltrona, ao lado do pastor Anatoli.

Murmúrios de comentários encheram imediatamente a igreja. Os membros conversavam uns com os outros. Uns perguntando alguns detalhes, outros explicando. Para alguns, era tudo muito claro. Mas uma boa parte ainda carecia de mais explicações, pois não conseguiu acompanhar o raciocínio.

– Silêncio, meus irmãos, silêncio – disse Anatoli tomando a tribuna. – O pastor Ulric estará conosco durante uma semana, fazendo estudos e explicando individualmente para quem se interessar. Eu mesmo tenho várias perguntas para ele. Agora vamos encerrar nossa reunião.

Cantaram e oraram. Na saída, os membros se reuniram em grupos e muitos ficaram conversando até altas horas sobre a profecia de Daniel.

No meio da confusão de pessoas, o olhar de Jerryl encontrou o de Allice. Ela sorriu encabulada e seus lábios se movimentaram formando uma palavra: “Obrigada!” Foi o suficiente para encerrar a noite da melhor forma possível.

Já no caminho para casa, andando ao lado de Nolan e da família, Jerryl perguntou para o pai:

– O que o senhor achou da mensagem?

– É surpreendente – respondeu McNolan. – Mas quero estudar mais.

– Posso estudar junto?

– Claro – concordou o pai, e chegaram em casa.

No dia seguinte, pai e filho trabalhavam juntos. Fizeram algumas armações metálicas encomendadas pelo prefeito, para o festival que seria realizado no próximo fim de semana, reunindo produtores da região. Era uma espécie de exposição de produtos e concursos do tipo: maior abóbora, melhor cavalo, melhor galinha e coisas do tipo. Havia vários tipos de competições e diversões para todas as idades.

À noite, foram à igreja, onde um grupo se reuniu com os pastores Anatoli e Ulric, estudando as profecias de Daniel e compreendendo ainda mais a exposição do dia anterior. Entre os presentes, estava o Sr. Gerald Norton e sua esposa, Lea. Jerryl os cumprimentou educadamente.

No fim da reunião, Nolan disse para o filho ir para casa e ficou um pouco mais na igreja.

O mestre ferreiro se sentou no último banco e, quando Norton passou por ele, pediu alguns minutos de sua atenção. O fazendeiro sentou ao lado do amigo e depositou o chapéu no rústico banco de madeira.

– Gerald, quero falar com você sobre nossos filhos – iniciou McNolan. –

Jerryl mencionou que está interessado em cortejar sua filha, Allice, mas você, ao que parece, não mostrou interesse em permitir que se encontrassem.

– Sim. Falamos brevemente no armazém de Fearnot, num dia desses.

– Meu garoto é uma boa pessoa e se ele não merecesse qualquer defesa eu não estaria aqui para falar em nome dele. Aliás, Jerryl nem sabe que eu iria conversar com você. Escute, Gerald, ele tem um ofício, tem suas próprias ferramentas e logo poderá sustentar a própria família. Não somos ricos, você sabe, mas nosso ofício garante uma vida digna. Eduquei meus garotos na Palavra de Deus e tanto minha família como a sua O servem na mesma religião. A princípio, não vejo motivos para não permitir que se conheçam melhor.

Gerald pegou o chapéu e o colocou no colo, roçando as abas com as mãos calejadas.

– Sei que Jerryl é um ótimo rapaz, Nolan – disse finalmente. – Não quero que você pense que tenho algo contra ele ou contra sua família. Não é isto. – Ele fez novo silêncio, alisando o couro surrado do chapéu. – Allice ainda não está preparada para se casar.

– Eu sei como deve ser difícil dar em casamento a filha mais nova, meu amigo, mas você deve ter em mente que ela já alcançou a idade em que as donzelas se casam. Não convém segurarmos muito.

– Eu também sei que é difícil entender nossa decisão, Nolan. Mas, por enquanto, é isso.

Foi a vez de o ferreiro fazer silêncio. Mas, quando Gerald se levantou, McNolan disse em tom amável:

– Meu amigo, há algo mais nessa história? Algo que você queira compartilhar comigo? Talvez eu possa ajudar.

O Sr. Norton depositou a mão direita no ombro do amigo e falou:

– Quem sabe outra hora conversamos a respeito. Esta semana será bem

tumultuada. Vamos nos concentrar nos estudos do pastor Ulric e no festival anual. Prometo que na próxima semana irei procurar você e dar minha resposta definitiva sobre permitir ou não a corte de Jerryl a Allice.

Nolan retornou para casa e encontrou o filho sentado no fundo do quintal. Ao lado dele, sentados numa cadeira, estavam os jovens Ralph e Palmer. Todos olhavam para as estrelas.

– Não vão dormir, meninos? – perguntou o pai, assentando-se com eles.

– Estávamos falando da volta de Jesus – disse Palmer. – É verdade que Ele voltará?

A pergunta trouxe à baila a conversa que seguiu naquela noite. Conversaram por mais uma hora, falando a respeito das promessas bíblicas feitas por Jesus de que iria voltar. Nolan, iluminado pela luz alaranjada de uma lamparina, abriu sua Bíblia em João 14:3 e leu: “E se Eu for e lhes preparar lugar, voltarei e os levarei para Mim, para que vocês estejam onde Eu estiver.”

Depois de refletirem um pouco mais, os dois garotos mais novos foram dormir, ficando apenas o mestre ferreiro e seu aprendiz.

– Falei com Gerald hoje à noite – disse o pai.

– Sobre o que falaram?

– Sobre seu desejo de cortejar Allice.

Jerryl mexeu-se na cadeira, como se tivesse sido ferroado por uma abelha.

– Ele disse que dará uma resposta na próxima semana – concluiu Nolan.

– Pai, obrigado, mas não precisava interferir. Eu...

– Você é um ótimo rapaz e os Norton são excelentes pessoas. Seria bom tê-los como parentes.

Levantou-se com um suspiro cansado. Afagou o ombro do filho e disse:

– Boa-noite. E não se demore a dormir. Preciso de todas as suas energias na ferraria amanhã.

No dia seguinte, quando Jerryl entrou na ferraria, Nolan já estava martelando uma haste metálica na bigorna.

– É um florete? – perguntou o jovem.

– Sim – respondeu, dando mais duas marteladas e estendendo o metal diante dos olhos. – É para a exposição do fim de semana. Mais tarde mexo com ela. Agora aproveite o calor da fornalha e mãos à obra.

O trabalho na ferraria era exaustivo. O calor intenso derrubaria qualquer um menos preparado. A luz avermelhada debruçava-se sobre os músculos fortes e pele corada de Jerryl, delineando cada um de seus contornos.

Ao meio-dia, pararam para “abastecer a fornalha”, como dizia o Sr. McNolan, referindo-se à hora da refeição. Foram para a casa aos fundos, onde Marta trazia uma panela com guisado de batata e Ralph depositava sobre a mesa uma bacia com hortaliças cruas – cenouras, tomates e folhas verdes – colhidas da horta da família.

– Vamos precisar plantar capim, Marta – disse Nolan, dando um beijo no rosto da esposa. – Só assim vamos conseguir alimentar estes três cavalos.



A cidade tinha nova vida na semana que antecedia o festival anual. Pessoas do campo vinham em peso para o Condado Novo. Compravam roupas e acessórios vendidos nas lojas do vilarejo ou alguns ingredientes para os pratos do dia do festival.

Mesmo diante de intensas atividades, muitas pessoas continuaram assistindo às palestras do pastor Ulric. A Igreja Metodista recebeu membros não só de seu credo, mas de outras igrejas protestantes. Até pessoas que sequer eram cristãs, no fim daquela semana, acabaram aceitando a mensagem do advento, tornando-se assíduas frequentadoras da igreja, reavaliando a própria vida, a fim de estarem prontas para a profetizada vinda de Jesus, segundo a interpretação de Guilherme Miller.

No domingo de festival, a cidade estava em polvorosa. Tendas e mais tendas foram montadas na rua principal, indo até sua extremidade, onde havia outros locais de exposição.

Jerryl e os irmãos carregavam várias espadas e as entregaram no balcão improvisado por Nolan, onde, no letreiro, lia-se: “FERREIROS MCNOLAN”. Penduradas no mural estavam expostas as espadas ornamentais, a maioria floretes, feitas pelo Sr. McNolan, uma arte herdada de seu pai.

Quando o ferreiro virou-se e pôs a mão no balcão, pegando o cabo de uma das espadas, outra grande e pesada mão debruçou-se sobre a dele.

– Vim pegar um adiantamento do que você me deve, McNolan – disse Zachary Brat com os olhos escondidos na sombra do chapéu de aba negra.

Nolan fechou os dedos no cabo do florete e disse:

– Não lhe devo nada, Sr. Brat.

– Você deve meu appaloosa e esta espada servirá de singelo bônus, por ter matado meu cavalo com sua ferradura mal colocada.

Aos poucos, Nolan afrouxou a mão e a tirou do balcão. Zachary empunhou a espada com satisfação e apontou para o coração do ferreiro, à distância de pouco mais de dois palmos.

– Parece excelente – disse o homem.

– E é – concordou McNolan, sem modéstia. – E se você levá-la sem pagar por ela, registrarei ocorrência junto ao xerife.

Brat deu um passo à frente e a espada quase encostou no peito de Nolan, que enrijeceu diante da iminência de um golpe.

– Algum problema por aqui? – disse uma voz grossa vindo do lado esquerdo de Zachary.

Os homens olharam e a figura de barriga protuberante ergueu o cinto onde duas pistolas pendiam. Ali, nas armas niqueladas e com cabos de marfim, onde estava desenhado em relevo um cavalo, descansou as mãos. O homem, que parecia um urso de tão grande, deu um sorriso desenhado pelo bigode farto e um cavanhaque negro e repetiu a pergunta.

– Algum problema?

– Não, xerife Brautigan – respondeu Brat, voltando o passo e afastando a espada do coração de McNolan. – Estamos apenas negociando.

– Já disse que não tenho negócios com você, Sr. Brat – respondeu secamente o ferreiro, tomando a espada das mãos do oponente e colocando-a no mural. – E ainda não coloquei os preços nas minhas peças.

Zachary cuspiu no chão, pois mascava fumo. Tocou a aba do chapéu em cumprimento ao xerife e saiu dali.

– É impressão minha ou você estava com algum problema aqui, meu amigo? – perguntou Brautigan pegando uma das flanelas no balcão que o ferreiro usava para limpar espadas e poliu a estrela de xerife no peito.

– Você continua astuto como uma raposa, Jim – disse Nolan, chamando o velho conhecido pelo primeiro nome. – Vamos aproveitar o festival. Na próxima semana procuro você, pois creio que de outra forma não irei me livrar de Zachary.

– Está bem. Molly fará aquele doce de abóbora de que você gosta para vender numa das barracas – disse o xerife, falando de sua esposa. – Fale para um de seus meninos buscar um pote e não leve dinheiro.

– Oi, xerife – disseram os filhos de McNolan chegando com outras coisas para colocar na exposição.

– Olá, meninos. Ei, ei, ei! – disse o homem da lei e agarrou Jerryl pelo paletó, dando solavancos no pano, batendo o pó nos ombros e arrumando-lhe o chapéu de feltro marrom sobre a cabeça. – Onde esse menino vai todo arrumado assim?

Jerryl sorriu e Jim deu-lhe três tapinhas no rosto.

– Ah, não vá me dizer que este menino já está olhando para as moças? – Ele se aproximou do rapaz e lhe disse ao ouvido: – Vá, conte-me quem é a felizarda.

O jovem corou e os dois irmãos menores recostaram-se no balcão, com olhares curiosos.

– Conversamos durante a semana, Jim – salvou o sorridente Sr. McNolan. – Inclusive sobre isso, se Jerryl não se importar.

Brautigan fez uma pequena mesura, tocando a aba do chapéu, e afastou-se, não sem antes dar uma piscadela para Jerryl.

– Está tão evidente assim? – perguntou o jovem para o pai, que sorriu e deu de ombros.

A festa foi começando, com pessoas se achegando, andando de um lado para o outro. Havia bolos, tortas, legumes, animais; jogos como testes de força, ou de pontaria; vários objetos expostos, como mantas de crochê, bancos de madeira, ferragens; passeios com pôneis para as crianças e outras diversões. Mas o que eles gostavam mesmo era de pequenos fogos de artifício que estouravam a todo momento de um canto ao outro da feira.

Porém, a grande atração estava numa tenda ao leste, onde uma máquina de descaroçar algodão era exposta. “Uma maravilha tecnológica!”, gritava o apresentador dentro de um terno xadrez, cartola e uma bengala, que ele batia no metal da máquina.

A conversa em torno dela era justamente sobre novas evoluções tecnológicas e “onde o mundo vai parar com todas essas novidades?”

Na barraca dos McNolan, estavam as espadas ornamentais (sem fio) e vários pequenos objetos (pratos, panelas, canecos, talheres, etc.). Havia também artesanatos de Jerryl, valendo destacar um homem e uma mulher de ferro negro. O homem usava uma cartola e o vestido de seu par era feito de pequenas tiras de metal. Foi vendido rapidamente, o que fez o jovem ferreiro pensar se realmente queria se desfazer daquele objeto que fizera com tanto carinho.

Depois das vendas da manhã, Nolan dividiu parte do dinheiro com a esposa e os filhos e todos foram almoçar nas barracas de comida.

Por volta das duas horas da tarde, Joe chegou ao balcão dos McNolan, e Ralph e Palmer olharam para dentro de um embornal que ele abriu, exclamando um “Uau!”

– Pai, podemos ir? – pediram em uníssono. Nolan assentiu com a cabeça.

Os meninos pegaram seus próprios embornais e acompanharam o amigo.

Antes de sair, Joe olhou furtivamente para Jerryl, que estava mais que

afoito para perguntar sobre Allice. O garoto aproveitou que Nolan estava atendendo uma pessoa e passou-lhe rapidamente um papel sobre o balcão.

Virando-se, o jovem ferreiro abriu a carta e leu em pequenas e desenhadas letras:

“Obrigada pela rosa. Nunca ganhei algo tão lindo.”

Instintivamente, Jerryl levou o papel até o rosto e o cheirou. Sim, o cheiro de Allice, ou o que ele acreditava ser o aroma da amada, estava ali. Algo como flores do campo; era isso. Tão suave que parecia sentir sua maciez. Passou os dedos no papel cheio de relevo e pensou que as mãos de Allice também o alisaram antes de escrever.

– Que cara de bobo é essa, Jerryl? – perguntou Nolan, tirando o filho de seu transe.

– Nada, nada – disse o jovem, colocando o papel no bolso, mas sem se despir do rosto de apaixonado. Tentou amarrar o sorriso, mas ele continuou ali, embaixo de olhos brilhantes. – O que foi? – perguntou ao ver a cara de desaprovação do pai.

– Vá com calma, filho. Não quero que você suba de onde não poderá descer. Não quero que se machuque – aproximou-se de Jerry e colocou a mão em seu ombro.

– É possível amar verdadeiramente sem correr esse risco? – perguntou o jovem. Então, seu sorriso afrouxou.

– Não. Acho que não.

– Então eu assumo o risco, pois não é algo vago que palpita em meu peito. Não é um sentimento egoísta. Eu a amo de verdade e tenho certeza de que não é um engano do meu coração e da minha mente.



O dia foi se despedindo manhoso, enquanto o sol lançava seus últimos tons alaranjados no imenso céu, outrora pintado de azul.

As pessoas do Condado Novo, aos poucos, se juntaram próximas ao palco principal, onde fizeram o culto que era celebrado na igreja. Cantaram hinos e depois o pastor Anatoli expôs a Palavra. Falou de gratidão.

No fim, o momento mais esperado da noite: os fogos de artifício. Cada um achou seu lugar, assentando-se em cadeiras ou na encosta da relva próxima de onde se tinha uma ótima visão.

– Venha, Jerryl – disse Joe puxando-o pelo braço. – Tenho um ótimo lugar.

Jerryl foi praticamente arrastado, até o garoto o soltar e dizer:

– Sente-se aqui, volto já – e saiu para o outro lado.

O jovem sentou-se e, quando o fez, percebeu que não estava sozinho. A moça ao seu lado, com vestido de rendas discretas e no tom pérola, afastou a penumbra de seu rosto com um sorriso.

– Allice? – perguntou ele, espantado e com o coração palpitando. – O... o... oi.

– Oi – disse ela, também surpresa. Encabulada, arrumou o chapéu de tela e uma pluma na cabeça. – Joe disse que tinha uma surpresa para mim. Eu

não esperava que fosse você.

– Ele só me disse que tinha um bom lugar para vermos os fogos – Jerryl tentou sorrir; não conseguiu.

– É. Aqui é um ótimo lugar.

– Sim. É o melhor lugar do mundo.

Fizeram silêncio e o primeiro fogo explodiu no céu estrelado, trazendo ao rosto dos dois um brilho vermelho e depois verde. No segundo fogo, a pele alva de Allice refletiu um tom róseo.

– Você não vai olhar os fogos? – perguntou ela, olhando para o alto. Mais algumas bombas brilhantes estouraram lá em cima.

– Estou vendo. Dentro de seus olhos e desenhados em seu rosto.

A donzela sorriu timidamente, sob a luz de incontáveis cores.

– Caso seu pai permita, você aceitaria que eu a corteje?

– Será que o céu que Jesus está preparando é mais lindo do que o que vemos agora? – disse ela sem responder, olhando os fogos.

Jerryl, pela primeira vez, também olhou. Disse:

– Será mais lindo. Eu tenho certeza. E o brilho, essas faíscas maravilhosas, será cada um de nós, ao lado dEle.

Allice sorriu mais uma vez e seus traços alvos foram desenhados pela luz vinda do céu. Azul, vermelho, verde, rosa.

– Se eu pudesse, e se você aceitasse minha condição, eu aceitaria sua corte, Jerryl McNolan – ela olhou para seu amado e ele viu naquele sorriso todos os seus sonhos realizados. – Eu amei a rosa.

– Jerryl, você precisa ir! – interrompeu Joe afobado, assentando-se ao lado deles.

O ferreiro levantou-se sem jeito, perdido. Queria ficar e parecia não ter aonde ir. Subiu a encosta com as costas alvejadas por luzes. Olhou para o alto. Olhou para o céu e, naquela noite, não dormiria, pois Allice, em seus sonhos acordados, não deixaria.



– Está tarde, meninos e meninas – disse o velho Sr. Jordan, que contava a história. – Podemos continuar na próxima semana.

A resposta de Sam, Matheus, Jill e Vane foi um sonoro e longo "nããããooo!"

– Por favor, Sr. Jordan – disse Sam, o porta-voz da turma. – Pelo menos conte por que ela não pode ser cortejada.

– Vou contar... Vou contar... Mas não hoje, pois já está tarde.

– Não vamos aguentar esperar mais uma semana para ouvir o restante da história – Vane falou num suspiro.

– Ajudem-me a levantar – Jordan esticou os braços e os adolescentes o ajudaram, pondo-o de pé. – Obrigado! Obrigado! – respirou cansado – Então cheguem mais cedo amanhã. Venham de barriga vazia, pois faremos o lanche da tarde debaixo da macieira e aí conto mais sobre a história.

– Eles vão se casar? – perguntou Jill.

– Zachary vai fazer algum mal aos McNolan? – perguntou o pequeno Matheus.

– Crianças, nessa história há coisas que vocês não vão gostar de ouvir e que eu não gostaria de contar. Mas é como aconteceu e, se vocês estiverem aqui amanhã, poderemos continuar.

Quatro cabecinhas balançaram afirmativamente. A curiosidade – e a imaginação – inundou aquelas mentes. Sim, certamente estariam ali no dia seguinte.

Quando o Sr. Jordan entrou em sua casa vazia, olhou para uma espada pendurada sobre a lareira. Andou até ela e alisou a assinatura na lâmina, próxima ao cabo. “McNolan”.

– Saudades – ele disse e seus olhos mergulharam em lágrimas que não caíram.

Na tarde do dia seguinte, quando os garotos chegaram eufóricos, havia uma mesa posta embaixo da macieira, no fundo da casa, com frutas, incluindo maçãs, e bolos, servidos com chá. A mesa impressionava não só pela grossura de sua tábua, mas por parecer estar fundida ao chão e à macieira de flores cheirosas.

– Alguém traga a minha cadeira – pediu o velho homem. Os meninos a trouxeram.

Ele se acomodou na cadeira e Jill leu “Palmer”, entalhado na madeira da mesa. Cutucou Vane e mostrou o nome do irmão de Jerryl escrito ali.

– Vamos, sirvam-se – disse o Sr. Jordan. Serviu-se de um chá e sentou-se na cadeira. – Terminei falando sobre os sonhos de Jerryl com Allice. Eu não disse que naquela noite ele a amou ainda mais. Em seus sonhos, a viu como esposa, mãe de seus filhos. Viu-se envelhecendo ao lado dela ou, quem sabe, subindo aos Céus de mãos dadas com a amada, para encontrarem Jesus em Sua vinda. – Ele bebeu o chá. – Nem todos os sonhos dele se realizaram, crianças. Nem todos... – suspirou. – Mas a esperança sempre foi o que motivou aqueles jovens. Ah, sim, isso sim... A esperança...

Os quatro à mesa olhavam para o homem e ele fez silêncio, como se submergisse na memória de alguém ou nas páginas de um livro. E, então, continuou a história:

– A semana seguinte foi igualmente tumultuada.



O pastor Ulric continuou atendendo quem tinha dúvidas, mas retornou para sua cidade na quarta-feira, prometendo voltar para conversarem mais.

Nolan McNolan teve uma conversa franca com o xerife Brautigan, colocando-o a par das ameaças de Zachary. Jim prometeu que iria tentar apaziguar a situação.

O ferreiro saiu da cadeia local e foi até o armazém do mal-humorado Fearnot, onde, no balcão, conversaram sobre uma encomenda de canecos.

– McNolan – gritou Zachary passando pelo umbral da porta do armazém, com seus capangas. – Pague meu appaloosa.

Nolan virou-se num sobressalto; não esperava encontrar aquele burguês tão logo. Porém, antes de esboçar outra reação, outra voz veio da sacada do estabelecimento:

– Preciso falar com você, Sr. Brat – disse o xerife Jim Brautigan. – E é justamente sobre o Sr. McNolan.

Zachary virou-se, ficando de frente para o xerife que estava a uns dez passos. Disse:

– Meus negócios com McNolan não envolvem o senhor, xerife.

– Seus negócios com McNolan envolvem a lei quando você não busca

tentar resolvê-los por meio da lei – retrucou Jim.

– Vou resolver do jeito antigo, xerife. Na forma que os cavaleiros do Oeste resolviam e alguns ainda resolvem seus negócios – insistiu Brat.

– Você sabe o caminho legal para solucionar sua pendência com McNolan. Sabe onde dirão se você tem direito a alguma coisa; se ele lhe deve e quanto deve. – Ao dizer isso, o xerife Brautigan soltou as duas tiras de couro que seguravam os cabos de marfim das pistolas que pendiam em seu cinto. Estufou o peito de urso e completou: – Agora, se você quer do jeito antigo, também sei agir como um xerife precisa agir. Infrinja a lei, Brat, e você e seus capangas sairão arrastados daqui, direto para a loja de caixas de madeira do Kin.

Enquanto o homem ainda falava, tanto Zachary como seus homens também debruçaram as mãos em suas armas. Ficaram ali, trocando olhares num silencioso tempo que pareceu durar uma eternidade. Quando o xerife percebeu que Brat o avaliava, como se medisse a circunferência de sua barriga, disse:

– E não se iluda com a protuberância do meu bucho. É a velocidade das minhas mãos que você deve avaliar. E, Zachary, eu juro que elas continuam tão ágeis como no dia em que sua mãe lhe colocava calças curtas.

Brat avaliou mais uma vez. A fama do xerife Jim Brautigan sempre o precedia. “O gatilho mais rápido do Estado de Nova York”, anunciou o prefeito quando o nomeara havia alguns anos. Sem sombra de dúvida, se Zachary ou seus capangas fizessem o mínimo movimento de saque, morreriam ali, os três, baleados pelo lendário “Dedo de Fogo”.

– Vou pensar sobre o assunto – disse Brat, e todos aliviaram a tensão sobre as armas.

Ao sair do armazém, o astuto burguês ainda lançou um olhar de ódio para McNolan.

Depois de passar o breve tumulto – que seria assunto para dias no pequeno condado, – o xerife e seu amigo se sentaram em volta de uma

mesa no canto do armazém.

– Não quero parecer ingrato, Jim – disse Nolan, enquanto bebia um copo de água. – Mas não quero tomar qualquer atitude que o force a quebrar seu voto.

– Ninguém precisa saber do meu voto, Mac, e eu não iria quebrá-lo hoje.

– Então... você iria deixar que o alvejassem? Isso é ainda pior para mim. Não quero ter sua morte na minha consciência.

Brautigan sorriu e meneou a cabeça, dizendo:

– Você não entende a dívida que tenho com você, não é? Você não entende que devo minha vida a você, McNolan? Você é o responsável por eu estar aqui hoje, por ter minha família junto comigo e, além de tudo, ter a esperança de uma vida eterna. Entenda isso e não diga que seria demais eu me sacrificar por alguém que me deu tudo o que tenho.

– Só cumpri minha obrigação de cristão.

– Mas tem cristão que nem a obrigação cumpre.

A história passada desses dois homens daria um livro, mas, em brevíssima síntese, Jim “Dedo de Fogo” Brautigan era um matador. Intolerante, “pavio curto”, tinha como resposta para cada desavença uma bala e um cano fumegante. Embrenhou-se no vício do álcool e, quando a esposa disse que o deixaria, juntamente com os filhos, ele tomou uma decisão: iria matar todo mundo e depois enfiar uma bala na própria cabeça.

Quando chegou em casa, bêbado, um jovem ferreiro chamado Nolan e sua esposa Marta estavam na sala, com uma Bíblia aberta sob a luz da lamparina.

“Dedo de Fogo” colocou a mão na cinta e ali apertou o velho companheiro que cuspia fogo. Iria matar todo mundo, mas, antes que sacasse, foi atingido por palavras:

– Jesus está nesta casa – disse McNolan num tom fraternal e, ao mesmo

tempo, com autoridade que só uma pessoa que vive em íntima comunhão com Deus pode ter. – E em nome dEle peço que não se apresente aqui nesse estado.

Algo sobrenatural aconteceu e a sobriedade retornou imediatamente à mente de Brautigan, a despeito da garrafa de conhaque que havia ingerido. Naquele dia, os McNolan salvaram a vida da família de Jim, que começou a estudar a Bíblia e conheceu Jesus. Não só O conheceu, mas O aceitou como salvador pessoal.

Certa noite, num dos estudos, ele fez um voto de nunca mais atirar contra uma pessoa e, desde então, nunca mais o fez.

– Obrigado – disse Nolan, sentado em frente ao amigo no armazém de Fearnot.

– Você quer registrar alguma coisa quanto às ameaças de Brat?

– Não. Vamos esperar. Creio que ele não irá mais incomodar.

No meio da semana, Joe veio para a cidade, trazendo um recado para Nolan. Gerald queria saber se podiam conversar sobre o assunto da semana anterior. Combinaram e, naquela mesma noite, uma hora após o sol se pôr, Norton e a esposa Lea estavam chegando de charrete. Tomaram um chá e comeram torta. Depois, as mulheres ficaram conversando na varanda da casa e os homens foram para cadeiras de madeira, no pátio.

– Diga, Gerald, o que você e sua esposa decidiram sobre a corte do nosso filho à sua Allice?

Norton se recostou na cadeira, sem dar resposta. Olhou para o céu, pintado com várias estrelas. Fez, então, a pergunta mais repetida naquele condado na última semana:

– Você acha que Jesus voltará até 21 de março de 1844?

– Depois de tudo o que estudamos na semana que passou, não tenho dúvidas a esse respeito. Minha única dúvida é sobre minha postura daqui para frente. O que devo fazer a respeito dessa consciência de que Jesus em

breve voltará?

– Sim, Nolan. Essa pergunta tem me afligido muito e, confesso, ela me ajudou a decidir a respeito de permitir, ou não, a corte de Jerryl a Allice.



McNolan acomodou-se na cadeira e suas mãos se apoiaram nos braços dela. A lua cheia iluminava todo o pátio da pequena propriedade, quase tornando inútil a fraca luz amarela do lampião.

– Conversamos com Allice – disse Gerald. – Ela tem interesse em conhecer melhor seu filho e nós consentiremos que ele a visite ou que converse com ela na cidade, quando aqui viermos.

– Você não imagina o quanto fico feliz com isso – disse Nolan com um franco sorriso de satisfação. – Aprecio muito a forma de você e sua esposa conduzirem a educação de suas filhas e não tenho dúvida de que, se tudo der certo entre eles, formarão um ótimo casal.

Ficaram ali durante algum tempo, tratando de outros assuntos.
O ferreiro notou uma expressão preocupada em Gerald e, embora tenha tentado atrair o assunto sobre o que lhe afligia, o homem foi sempre evasivo nas respostas. O mais próximo que chegou de revelar qualquer coisa foi quando disse “em breve nossas famílias estarão bem próximas e poderemos compartilhar tudo o que há em nosso coração”.

Depois dessa fala, Nolan não insistiu e retomaram o assunto sobre a mensagem milerita e as profecias de Daniel. Algum tempo depois, estavam se despedindo daquela família.

Quando os Norton partiram na charrete, o ferreiro e a esposa voltaram para dentro de casa, vendo seus filhos saírem dos quartos onde estavam.

– Qual foi a resposta? – perguntou Jerryl, afoito. O pai mostrou o melhor semblante fúnebre que tinha, sem dar resposta imediata.

Marta, que igualmente não sabia o teor da conversa entre os patriarcas, também ficou aflita com a expressão do marido.

– Você realmente quer saber? – perguntou Nolan, com um tom de solene pesar.

Jerryl abaixou a cabeça e os dois irmãos voltaram para o quarto. Marta aproximou-se do filho e deu-lhe um beijo seco no rosto, até que o mestre ferreiro disse naquele mesmo tom de voz:

– É difícil quando vemos o primeiro filho saindo de casa para fazer a corte a uma donzela. A gente se sente mais velho.

Jerryl levantou a cabeça, Marta olhou para Nolan e os dois menores voltaram correndo do quarto.

– Ele deixou? Fale, pai! – o jovem quase gritava.

– Deixou, garoto... O velho Norton permitiu que você corteje a filha dele.

Foi a vez de Jerryl beijar o rosto da mãe, amassando-lhe a bochecha.

A noite trouxe um sono tranquilo. O jovem ferreiro não se lembrava de outro dia em que tivesse acordado tão feliz. No fim daquela semana, no domingo, poderia visitar Allice. Mas, quem sabe, ela não apareceria antes na cidade. Poderiam conversar por alguns minutos, “mas não exagere no tempo”, alertou Nolan, como se não soubesse que quando se está com a pessoa amada o tempo é algo que simplesmente não existe.

No dia seguinte, quase na hora de encerrarem as atividades da manhã, Ted gritou em frente ao arco do portão de madeira do estabelecimento:

– McNolan, vim buscar alguns utensílios de metal para vender. Estou saindo de viagem agora.

Jerryl coçou a cabeça. O estômago estava roncando e esperar Ted escolher

sua carga de canecos, panelas, talheres, bandejas e diversas quinquilharias seria algo demorado.

– Faremos isso depois do almoço – disse Nolan, como se tivesse ouvido o clamor do estômago do filho (na verdade, ele mesmo já estava exausto e faminto). – Vamos, Ted, traga a carruagem para o fundo do quintal e almoce conosco.

A cerrada barba branca do vendedor ambulante desenhou um sorriso e, mais que depressa, conduziu seu cavalo pela lateral do galpão, puxando a carruagem de três arcos de ferro cobertos com tecido que um dia fora branco, mas agora era marrom, de tanta poeira que já havia absorvido.

Quando os homens chegaram à casa nos fundos, Marta colocou mais um prato na mesa de madeira e, em seguida, deu um pequeno tapa na nuca de Palmer, pois ele, com uma faca, estava entalhando o nome na tábua.

– Ai – resmungou o garoto.

– Quando seu pai vir isso, você vai levar um cascudo – disse Marta, com uma nuvem trovejante sobre os olhos. O filho arrastou o prato metálico para cima do entalhe (mais tarde retomaria sua “obra de arte”).

Ted tirou o velho chapéu e o pendurou num prego próximo à porta, revelando um cabelo grisalho e desgrenhado. Bateu o pó da roupa e os pés no capacho da entrada.

– Entre, Ted – convidou Marta. – Pode se lavar na bacia.

– Obrigado, Sra. McNolan. Eu ia queimar qualquer coisa por aí, mas seu marido me convidou para almoçar. Não quero incomodar.

– Não é incômodo, Ted – disse Nolan. – Nesse cocho já comem três cavalos – olhou para os filhos à mesa e desarrumou o cabelo de Ralph. – Mais um não tem problema.

– Nolan! – reprovou Marta – Perdoe-o, Ted, ele sempre faz essas piadas.

O vendedor sorriu de forma gostosa e disse:

– Sra. McNolan, para poder provar o que está trazendo esse cheiro eu me transformaria em um palhaço.

Marta agradeceu com uma mesura e retirou do forno a lenha uma fôrma com torta salgada de legumes.

Os homens se assentaram à mesa e Nolan fez uma oração. Enquanto comiam, conversaram:

– Ted, você conhece Guilherme Miller? – perguntou o ferreiro.

– Eu contei para Jerryl. Conversei com Miller há uns dez anos, no rio Hudson, e também já ouvi muitas histórias sobre ele – disse Ted enquanto comia da torta salgada e fazia uma expressão de que estava muito boa. – Ele é um fazendeiro, como muitos da região. Morou muito tempo em Vermount Poultney, mas depois se mudou para Low Hampton, aqui mesmo, no estado de Nova York. Vocês sabiam que ele é membro da Igreja Batista? Também ouvi dizer que serviu na guerra da independência de 1812, mas o mais interessante é a forma como ele lutou para pregar a interpretação de Daniel.

Ted fez uma pausa, comeu mais um bocado da comida, que incluía fartos legumes e queijo, e disse:

– Sra. McNolan, se me permite, gostaria de mais um pedaço dessa torta. Está maravilhosa.

– Obrigada, Ted – disse ela, servindo-lhe um pedaço dobrado, não só pelo elogio, mas por imaginar quão difícil era a vida daquele viajante. Sem moradia fixa, sem uma cama para dormir à noite (Ted dormia em sua carroça). Pensou em perguntar-lhe se tinha família em algum lugar. Se havia uma esposa ou filhos aguardando sua chegada. Preferiu não interromper o assunto, e serviu-lhe, também, rabanetes.

Então, o viajante continuou:

– Miller é um intelectual. Um estudioso da Palavra de Deus, embora tenha lutado muito com sua consciência até finalmente levar adiante a interpretação de Daniel 8:14. Pelo que sei, foi em 1816 que ele começou

seus estudos mais aprofundados da Bíblia e, em 1818, teve a primeira interpretação sobre as 2.300 tardes e manhãs. Ele lutou contra a consciência, com receio de que viesse confundir alguém.

– Ouvi um de seus colaboradores fazer um sermão sobre essa luta inicial de Miller – prosseguiu Ted. – Em agosto de 1831, segundo o pregador, e treze anos após ter interpretado a profecia, Guilherme sentia o peso insuportável de sua missão. Podia ouvir a voz de Deus que lhe dizia: “Vá, anuncie ao mundo. Designei-o como atalaia. Anuncie isto ao mundo.” Mas Miller ainda relutou. Ele não sabia pregar e deixava isso bem claro para Deus quando Sua voz o confrontava. Mas naquele dia foi diferente. Guilherme Miller desafiou Deus e, em oração, disse que iria fazer um acordo com Ele. Se fosse da vontade de Deus, que Ele enviasse um convite para que pregasse. Então, se recebesse o convite, Miller iria pregar sobre a profecia de Daniel.

Os McNolans ouviam atentos a história de Ted. Jerryl até passou a comer apenas quando o viajante parava de falar, enchia a boca de comida e mastigava.

– Miller sentou-se tranquilo em sua cadeira, pois quem iria convidar um velho fazendeiro de cinquenta anos para pregar sobre a volta de Jesus? Mas, trinta minutos depois, em uma manhã de sábado, alguém bateu à porta de sua retirada casa na fazenda. Era Irving, seu sobrinho. O garoto disse que vinha da casa do pai, pois o pastor de Dresden não poderia dirigir o culto do domingo seguinte. Segundo o garoto, o pai lhe havia pedido que viesse até a fazenda do tio Miller e apelasse para que, no culto do domingo seguinte, pregasse a respeito da segunda vinda de Cristo, conforme estava estudando na Bíblia.[1]

---

1. C. Mervyn Maxwell, *História do Adventismo* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1982), p. 9-14.



—E, então, depois disso ele começou a pregar? – perguntou Jerryl, absorvido pela narrativa de Ted.

– Antes ele correu para os fundos de casa e se escondeu no bosque. Revoltado consigo mesmo, pedia que Deus desconsiderasse o voto que fez, implorando que enviasse outro para pregar a mensagem sobre o advento. Porém, em lágrimas, ele se rendeu a Deus. Paz e coragem tomaram conta de seu coração e Miller entendeu que aquilo era um indiscutível sinal do Criador. Depois de treze anos lutando, ele atendeu ao chamado e pregou em Dresden. A partir daquela data, ele não parou mais. Pregava “onde Deus abria caminho”, como disse o pregador que contou essa história, e, hoje, muito se fala sobre o breve retorno de Jesus. Miller começou pregando em pequenas igrejas e grupos de cristãos na região, mas já expôs sua tese em igrejas de grandes cidades, Baltimore, Rochester, Filadélfia, Nova York e outras. Tudo com a ajuda de um homem chamado Himes, que não tem medido esforços para anunciar a boa-nova da segunda vinda.[1]

– De fato, interessante a história dele – concluiu Nolan, com todos encerrando o almoço.

Marta separou dois pães para Ted e ele agradeceu. Depois de descansarem, escolheram os utensílios na ferraria (incluindo enxadas e foices) e o viajante se despediu, dizendo que voltaria em alguns meses.

O restante da semana, apesar de intensas atividades, passou devagar para Jerryl. Ele estava ansioso pelo domingo, que parecia não chegar nunca. Olhava constantemente para a rua e, em toda oportunidade que tinha, ia

para os comércios da cidade, sempre na esperança de ver sua amada ou de encontrar Joe trazendo notícias.

Apesar do tempo caminhando a passos de tartaruga, o domingo chegou. Jerryl almoçou e só não vestiu a melhor roupa em razão de Marta não permitir, dizendo que aquela camisa era para a igreja. Vestiu outra que estava entre as melhores; uma de xadrez azulado. Colocou o chapéu de feltro e, acompanhado de Palmer e Ralph, que iram para brincar com Joe, foi para a fazenda dos Norton.

Caminharam por quase uma hora, até chegar. Jerryl destravou o portão de madeira e o atravessou. Andaram pela pequena estrada com um filete de grama no centro, onde as rodas de carroça não passavam. Nas margens, plantações de milho e, mais à frente, cevada.

Quando finalmente alcançaram o pátio da fazenda, Joe os esperava. O alegre garoto de cabelos loiros e sardas correu até os amigos, cumprimentando-os e quase os arrastando até a varanda da casa.

– Eles chegaram! – disse Joe.

Jerryl retirou o chapéu e cumprimentou a todos, mas seus olhos não conseguiam desviar-se de Allice, sentada numa das cadeiras, com olhar tímido que o fitava por baixo de um discreto chapéu de tela. Ao lado dela, estava Maysa, a irmã mais velha e já casada. Trazia no colo o pequeno filho.

– Sente-se, Jerryl – convidou Gerald. O jovem, sempre com pedidos de licença, acomodou-se em uma das cadeiras (os meninos saíram para brincar em algum lugar).

O que seguiu foi uma verdadeira sabatina de perguntas para Jerryl, feitas por Gerald e Lea, sua esposa.

Saíram diversos questionamentos, tais como idade, onde nasceu, onde estavam as demais pessoas da família de Nolan e de Marta; se tinha propriedades, posses e quais os planos para o futuro.

Até Maysa fez umas duas perguntas. A saraivada de questionamentos só

cessou quando Joe se debruçou no parapeito de madeira que circundava a varanda da casa e disse:

– Ei, Jerryl, vamos ver os bezerros?

Por um momento, todos fizeram silêncio. Jerryl queria se livrar do interrogatório, porém, ao mesmo tempo, desejava ficar próximo de Allice. O simples fato de olhar para ela, de estar próximo cerca de uns quatro largos passos, já compensava qualquer desconforto que estivesse sentindo.

Quem rompeu o silêncio foi Lea:

– Vá, Jerryl. Allice poderá acompanhar vocês. Só peço a fineza de não ficarem sozinhos.

Tanto Allice quanto Jerryl levantaram-se com um sorridente sobressalto. Andar juntos pelo campo estava além de qualquer expectativa.

Lado a lado, desceram os três degraus de madeira vermelha da varanda e o jovem ferreiro cruzou o braço direito abaixo do próprio peito, oferecendo apoio para o braço esquerdo de Allice. A donzela olhou por sobre o próprio ombro, e Gerald assentiu com a cabeça, com um olhar meigo, como o de um pai que coloca o filho para dormir. Então, ela colocou a mão no vão do braço de Jerryl.

Os jovens andaram pelo pátio da fazenda e os três meninos iam à frente, fazendo algazarra, falando alto. Entraram no campo de cevada, que começava a granular em um tapete verde.

Finalmente, atingiram a área de pasto. Passaram a cerca e entraram na área onde eram criadas quatro vacas de leite. Joe e os dois McNolan mais novos foram ao curral, onde havia bezerros; um preto e outro malhado.

Palmer esticou a mão para o bezerro branco e o animal prontamente o olhou e colocou a língua para fora.

– Ele quer mamar – riu Joe, acompanhado dos demais.

Ficaram um tempo ali, até o jovem Norton falar de um pé de ameixa logo

mais à frente. Novamente os meninos tomaram a dianteira, deixando o casal para trás.

– Não posso acreditar que estou aqui com você, Allice – Jerryl falou enquanto caminhavam sob o céu azulado, de sol ameno.

Com seus olhos azuis, ela apenas fitou o rapaz. Sua expressão de felicidade cedeu lugar a uma visível preocupação. Então ela disse:

– Jerryl, quero que você pense sobre uma pergunta que vou fazer. Não me responda agora. Pense nela até o próximo encontro. – Ela respirou e então disse: – Se você corresse o risco de me perder a qualquer momento; de eu partir no próximo minuto, mesmo assim aceitaria estar comigo no agora que nos é concedido?

– Não estou entendendo, Allice – disse o jovem, absorvendo a preocupação da moça. – Você precisa partir? Precisa viajar?

– Depois eu explico. Só preciso saber isso. Se você aceitaria o risco de me perder a qualquer momento.

– Eu já tenho resposta. Eu...

– Quero que você pense muito a respeito antes de dar a resposta. Quero que não só seu coração, mas sua mente pondere a respeito.

– Certo. Eu pensarei – Jerryl disse, enquanto o sol lançava seus raios no estreito espaço entre eles.

Então Allice virou-se e entrou na sombra da ameixeira. Estava carregada de frutas e o ferreiro colheu um punhado. Estendeu a mão cheia para a jovem e ela se serviu. Os meninos, de cima da árvore, colhiam as frutas mais bonitas e comparavam quem tinha apanhado a maior ou a mais suculenta.

Sentado em um tronco à sombra da árvore, o jovem casal olhava para a paisagem. Acima viam o pasto, ladeado com a plantação de cevada. Mais abaixo, um riacho cristalino marcava uma das divisas da propriedade.

Ambos conversaram sobre muitas coisas, conhecendo-se melhor. Jerryl descobriu que Allice gostava de pêssegos, que sabia costurar e bordar. Que, como passatempo, ela pintava pequenas telas e que sonhava um dia poder formar família.

Jerryl contou um pouco sobre como funcionava a fornalha. Mostrou os braços sem pelos, pois o calor não permitia que crescessem, queimando qualquer um que ousasse nascer ali. Também falou de seus artesanatos e, nesse momento, Allice agradeceu mais uma vez a rosa.

– Agora vou poder tirá-la da gaveta. Quero colocá-la em um criado, ao lado da minha cama – disse ela.

Voltaram caminhando para a casa da fazenda. Davam passos vagarosos, como se a lentidão pudesse também atrasar o tempo.

Os garotos corriam pelo campo de cevada e o casal ia mais atrás, com a vegetação atingindo-lhes a altura das cochas. Nessa hora, andando na imensidão verde, Allice recostou a cabeça no ombro de Jerryl, ali se acomodando por um momento. Não conseguiu segurar um suspiro e depois riu, pedindo desculpas.

– Acho que estou cansada – disse ela.

– Se você quiser, corro até a casa e peço permissão a seus pais para que eu possa carregá-la.

– É capaz de o meu pai vir em seu lugar – ela riu, e Jerryl, pela milionésima vez naquele dia, pensou em como o sorriso dela era lindo.

---

1. C. Mervyn Maxwell, *História do Adventismo* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1982), p. 15-17.



Os McNolan despediram-se daquela família com uma educada mesura. Jerryl recolocou o chapéu e seu último olhar foi para Allice.

Em casa, contou os detalhes do passeio para os pais.

– Você agiu respeitosamente, Jerryl? – perguntou Nolan. – Honrou nossa família enquanto esteve com os Norton?

– Sim, pai – respondeu o jovem e falou mais (só não contou que seu desejo era voltar àquela fazenda e estar para sempre com Allice).

Sentados na varanda da casa, eles comiam ameixas colhidas por Ralph e Palmer, que também falaram das brincadeiras, dos bezerros e do rio que havia no fundo da propriedade.

Nos dias que seguiram, havia um bom volume de trabalho. A mente de Jerryl estava imersa na questão de Allice. Seu coração tinha resposta e, ao que parecia, a razão a aceitava.

Na tarde de quinta-feira, o pastor Anatoli passou na ferraria dos McNolan. Depois dos cumprimentos iniciais, ele perguntou a Nolan:

– Você não sabe de alguém que esteja indo em direção à fazenda dos Norton? Esqueci minha Bíblia de estudos e preciso dela.

Um som de metais caindo chegou até os homens que conversavam. Jerryl havia derrubado algumas barras de ferro e as recolhia. Antes que Nolan

respondesse, o jovem disse numa voz e expressão que não conseguiam esconder seu interesse – e ansiedade – quanto ao assunto:

– Caso o senhor queira, pastor, e se meu pai permitir, posso buscar sua Bíblia.

– Não, Jerryl – disse o pastor abanando as mãos de dedos curtos e gordos. – Eu jamais o incomodaria a esse ponto.

– Não é incômodo – disse rapidamente e, depois, sua voz saiu quase numa súplica: – Você permite, pai?

– O garoto irá buscar a Bíblia, pastor – respondeu Nolan. – E, acredite, não será incômodo.

Jerryl balançou a cabeça adornada com um sorriso indisfarçável. Terminou rapidamente suas últimas tarefas. Banhou-se e, quando o sol começava a se pôr no horizonte, saiu de casa.

Quando chegou à fazenda, a noite já tinha derramado suas estrelas no céu. Uma grande lua cheia lançava sua luz prateada sobre a escuridão.

Bateu palmas e a Sra. Norton o recebeu.

– Aconteceu alguma coisa? – perguntou ela, pois a visita era incomum.

– Não, senhora, vim apenas a pedido do pastor Anatoli buscar uma Bíblia que ele esqueceu.

– Ah, claro. Um minuto, Jerryl – Lea disse e entrou na casa, deixando o rapaz na varanda. Menos de um minuto depois, voltou e entregou a Bíblia para o jovem que não saiu do lugar. – Mais alguma coisa? – perguntou ela, como se não tivesse notado os constantes olhares do McNolan por sobre seus ombros.

– Não... Quero dizer... Sim... A senhora poderia dizer a Allice que... Ou se possível, permitir que eu diga diretamente a ela... Bem... que eu estive aqui, só isso.

Atrás de Lea – que estava contendo um sorriso pela gagueira de Jerryl – o Sr. Norton apareceu e falou:

– Você já jantou, McNolan?

– Não, senhor.

– Gostaria de se juntar à mesa conosco?

– Perdoe-me, mas antes de sair prometi ao meu pai que não iria incomodá-los. Prometi que iria pegar a Bíblia e voltar para casa. E acho que já quebrei minha promessa.

– Se fosse incômodo além do que estamos dispostos a suportar, você já estaria além da porteira. Entre garoto. Depois falo com seu pai.

Jerryl entrou. Depositou o chapéu e o casaco surrado no lugar apropriado e sentou-se à mesa, onde estavam Joe, Maysa, seu marido Fred e, claro, Allice, que se levantou imediatamente e colocou um prato e uma colher para o ferreiro. Jantaram uma canja, molhando pão de cevada no caldo.

Fred puxou assunto com Jerryl, perguntando-lhe sobre ferramentas, sobre o campo e formas de amolar enxadas, arados e ceifadeiras.

Porém, algo incomodava o ferreiro. Ele tinha pensado sobre a pergunta de Allice e não sabia quando iria ser a próxima oportunidade em que se encontrariam. Só tinha uma certeza: não iria mais conseguir conter aquilo dentro de si. Limpou a boca com o guardanapo e pigarreou. Em seguida, disse num tom baixo para a moça que sentava ao seu lado:

– Eu tenho a resposta para sua pergunta.

Todos ouviram a fala, por mais baixo que fosse seu tom. Pararam até de comer e Jerryl sentiu as maçãs do rosto esquentarem. Pigarreou novamente e continuou:

– Mesmo correndo o risco de você partir a qualquer momento, eu aceito estar com você. Quero estar ao seu lado neste momento e em todos os outros que seguem. Quero estar segurando suas mãos antes de você partir –

virou-se para Gerald na ponta da mesa e disse: –
Sr. Norton, pode parecer precipitado, mas Deus sabe há quanto tempo sinto afeto por sua filha e acredito que isso seja recíproco. Eu quero me casar com Allice.

– Rapaz corajoso – murmurou Fred, enfiando um naco de pão na boca, com o qual quase engasgou ao levar um cutucão de Maysa.

– O senhor terminou seu jantar, McNolan? – perguntou Gerald. O garoto assentiu com a cabeça. – Então espere lá fora, na varanda.

Jerryl se levantou e saiu da casa. *Estraguei tudo*, pensou, andando de um lado para o outro. Lembrou-se de 1 Coríntios 13:4: "O amor é paciente." *Mas não fui paciente. Afobei-me. Falei no momento errado... Estraguei tudo*.

Depois de intermináveis minutos, a porta da casa se abriu. Era Joe e, com um semblante triste, o convidou para entrar.

Entraram no cômodo da lareira onde havia cadeiras forradas com almofadas de palha de milho.

– Sente-se, Jerryl – disse Gerald, acomodando-se com os demais. – Aqui estão alguns da minha família, incluindo Allice, minha filha caçula. Garoto, você já deve ter notado que somos muito reservados. Não saímos falando por aí o que temos ou o que não temos; quais são nossas vitórias ou quais são nossas dificuldades. De todas as nossas lutas, há um espinho na carne desta família e já oramos muito para que Deus o removesse, mas, como Ele respondeu ao apóstolo Paulo, temos nos contentado com Sua graça (2Co 12:9). O que vou falar para você, Jerryl, nunca comentamos com ninguém fora do nosso círculo familiar, com exceção de um ou outro amigo muito próximo, ou do pastor Anatoli, quando pedimos suas orações. Você tem noção da sua responsabilidade ao ouvir o que vamos falar? Sabe que não poderá comentar com mais ninguém o que irá ouvir e que, se não quiser mais estar entre nós, sua responsabilidade será ainda maior?

Jerryl acenou afirmativamente com a cabeça. Estava preocupado com o tom com que Norton conduzia a conversa e com os semblantes pesarosos

dos presentes.

– Você quer falar, filha? – perguntou o homem.

A moça, com as mãos cruzadas nos joelhos, arrumou-se na cadeira. Então, disse olhando para Jerryl:

– Estou morrendo.

Ele não teve reação. Meneou a cabeça com os olhos arregalados e a boca semiaberta.



Fizeram silêncio. Jerryl tinha perguntas, mas não conseguia fazê-las. Naquele momento, estava sem voz; estava sem o chão.

– Allice tem uma doença crônica e degenerativa, foi assim que o médico falou – disse Gerald. – Atinge seus pulmões e ela tem crises agudas. Numa dessas crises, ela pode simplesmente parar de respirar. Não há tratamento para isso e a única coisa que ajuda é inalar o aroma de algumas folhas que o médico receitou. Ajuda nas crises, mas não reverterá o quadro.[1]

– É por isso que às vezes fico meses sem ir à cidade, Jerryl – disse a moça.

– Entenderemos se você precisar reavaliar sua decisão – Lea falou.

– Não preciso reavaliar nada, Sra. Norton – disse Jerryl recuperando a voz, ainda que de forma rouca nas primeiras sílabas. – Eu quero viver com Allice, seja qual for o tempo que Deus permita que vivamos juntos.

A moça sorriu. Queria levantar e se atirar nos braços dele. Dizer que também queria estar ao seu lado para sempre, mas parece que envelhecer junto ao amado era um sonho além de seu alcance. Mas havia outra coisa; outra esperança que agora enchia os corações daquela família.

– Esperamos que Jesus volte antes que aconteça algo mais severo à nossa filha – disse Gerald. – Acreditamos na tese de Guilherme Miller.

Jerryl também acreditava na interpretação da profecia de Daniel, mas até

agora não tinha parado para pensar nos efeitos da breve volta de Jesus. Iria continuar trabalhando normalmente, até que o dia chegasse. Reavaliaria sua vida a cada momento, para estar pronto para Seu retorno. Mas, agora, a coisa tinha tomado vulto. Jesus precisava voltar e salvar a vida de Allice.

– Convide seu pai e a família para almoçarem conosco no domingo – disse o Sr. Norton levantando-se. Todos os demais também levantaram. – Daremos nossa bênção a vocês dois e combinaremos a data do casamento, se assim vocês desejarem. Allice, leve o rapaz até a porta, e não se demore.

Um emaranhado de sentimentos confundia a mente de Jerryl. Estava feliz, triste e, ao mesmo tempo, sentia medo. A moça o levou até a varanda e ele desceu um degrau. Virou-se e ficou face a face com ela.

– Eu amo você! – ele disse sob a luz da lua.

Allice colocou as mãos no rosto do jovem.

– Eu também o amo, Jerryl – ela disse. – É estranho; é forte. Tenho medo, mas tenho esperança de que sejamos felizes.

– Nós seremos. Eu prometo.

Uma coruja piou, como se anunciasse que as horas estavam avançando.

– Eu beijaria você agora, – disse McNolan – se você permitisse.

– Eu permitiria, – respondeu a donzela, abaixando a cabeça – se você tentasse.

A mão direita de Jerryl levantou o queixo da amada e ele a beijou. Allice interrompeu o beijo, virando-se rapidamente e dando dois passos em direção à porta. Parou na metade do caminho. Voltou com a mesma rapidez e despediu-se com outro beijo estalado, retornando para dentro da casa. Jerryl ficou parado no degrau, sozinho. Olhou para a lua. *Nunca me pareceu tão linda,* pensou e seguiu o caminho de volta.

Andava pela estrada, imerso em seus pensamentos, mas nenhum tinha a força para espantar o efeito daquele beijo. Com cara de bobo, quase

cantarolando qualquer coisa, o ferreiro caminhava. Porém, seus passos foram interrompidos com um forte golpe de duas mãos que lhe espalmaram no peito. Jerryl foi colhido de seus sonhos e lançado de costas ao chão, batendo a cabeça na terra dura.

– McNolan! – disse a voz que saía num ódio apertado entre os dentes.

Jerryl sentiu um peso no peito. Era Zachary Brat, que ali colocava o joelho. Atrás dele, estavam seus dois capangas com as velhas pistolas pendendo na cintura.

– Seu pai me deve um *appaloosa*, McNolan. Tive que sacrificar meu cavalo em razão da ferradura mal colocada por ele – disse Zachary, aproveitando-se que sua vítima ainda estava aturdida com a inesperada abordagem. – Como mesmo diz na Bíblia? Olho por olho, dente por dente?

Nesse momento, Jerryl sentiu os outros dois brutamontes lhe segurarem as pernas e braços. Tentou se debater, mas estava bem preso.

– Pare com isso, Sr. Brat – vociferou o jovem.

– Cale a boca, garoto! – Zachary gritou mais alto: – Vou quebrar sua perna.

Novamente Jerryl se debateu. O oponente se levantou e voltou a ajoelhar, mas, desta vez, o fez em cima da tíbia de sua vítima. O jovem sentiu a pressão de osso roçando contra osso. Gritou e chacoalhou.

– Segurem firme, otários – gargalhou o homem. – Vou soltar o peso e quebrar a perna desse McNolan.

Quando sentiu novamente o peso sobre sua perna, Jerryl teve uma explosão de força. Conseguiu soltar a mão direita, que foi direto para a cintura de Brat. Ali encontrou o cabo do inseparável florete, curiosamente feito pelo próprio Nolan.

Jerryl o puxou chiando da bainha e, em segundos, firmava sua ponta abaixo da axila de Zachary. O golpe seria fatal. Os dois capangas o soltaram e sacaram imediatamente as armas. Mas, antes que acionassem os gatilhos –

e, acredite, fariam isso no próximo segundo –, Jerryl gritou ofegante:

– Eu o desafio! Eu o desafio para um duelo entre homens! Eu o desafio!

Os capangas estavam em pé, apontando os trabucos de canos prateados e esperando a ordem do Sr. Brat. “Atirem!”, esperavam ouvir.

Mas Zachary não disse uma palavra. Ficou ali parado, com a ponta da espada pressionando-lhe a carne. Estava avaliando a situação. Jerryl tinha usado uma moeda que tinha tanto valor como o ouro: a honra.

Brat poderia simplesmente pedir a seus capangas que alvejassem o garoto e jogassem o corpo em qualquer lugar. Ninguém ficaria sabendo, pelo menos até o dia em que um desses mesmos capangas se embebedasse no *saloon* e contasse tudo, inclusive a parte em que Zachary respondeu ao desafio de duelo com uma ordem de tiro. Covardia extrema.

– Escolha a arma, garoto! – disse ele finalmente.

– Espada – Jerryl respondeu secamente.

– Escolha o lugar e a hora.

Como Brat jamais aceitaria marcar o duelo para depois do dia 21 de março de 1844, Jerryl disse a primeira data que veio à mente:

– Amanhã, oito horas, em frente à nossa ferraria.

– Agora tire a espada do meu peito, ou mando atirar em você.

McNolan afrouxou a pressão da arma e Brat saiu de cima dele. Ficaram em pé e o jovem ofereceu o cabo da espada para o oponente, que a puxou com um solavanco e falou:

– Estarei lá.

A perna doía e tão logo viu que os homens tomaram outro caminho, Jerryl começou a andar.

– Perfeito – disse ele sozinho. – Troquei uma perna quebrada por algumas horas de vida. Amanhã Zachary Brat vai me matar.

---

1. Possivelmente, Allice sofria de fibrose cística, que causa o funcionamento anormal das glândulas produtoras do muco, suor, saliva, lágrima e suco digestivo, afetando, entre outros órgãos, os pulmões.



A intenção de Jerryl, para aquela noite, era chegar em casa e desculpar-se com o pai, contando que jantara na casa dos Norton por insistência do Sr. Gerald. Também contaria os demais detalhes da conversa. Porém, a primeira coisa que Nolan viu em seu filho foi o cabelo desgrenhado e as roupas sujas. Ficou assustado, pois acreditou, num primeiro momento, que a demora fosse em decorrência de algo grave ocorrido no caminho.

Jerryl foi logo explicando:

– Sofri uma emboscada, pai! – e contou os demais detalhes.

A primeira ideia que ocorreu a Nolan foi dar uma reprovação ao filho. Mas que alternativa o garoto teve? Brat não estava blefando e o ferreiro tinha certeza disso. Iria quebrar as pernas de Jerryl, essa é a verdade.

– Vou duelar em seu lugar amanhã, Jerryl – disse McNolan depois de coçar a cabeça por quase um minuto.

– Não posso permitir – disse o jovem, quase alterando a voz para um tom de indignação. – Eu o desafiei e preciso, por minha honra, enfrentá-lo.

– E como fica sua honra com o Deus a quem servimos? Jesus disse que não devemos resistir ao homem mau. Que se baterem em nossa face direita é para oferecermos a outra (Mt 5:39).

– É o que o senhor faria amanhã, se eu permitisse que duelasse em meu lugar? – perguntou Jerryl.

– Sim. Sequer empunharei uma arma. Quem sabe Zachary desista de seu intento.

– Ele não desistirá. Vai matá-lo, mesmo desarmado, e regozijar-se com isso. Pai, Deus sabe o quanto O amo e o quanto me empenho para servi-Lo. Não posso permitir que o senhor esteja em meu lugar amanhã. Não posso deixar que Zachary simplesmente o ataque desarmado. Não quero ferir o Sr. Brat e, muito menos, deixar que ele fira o senhor, meu pai.

– Eu sei, mas...

– Por favor, eu preciso honrar o duelo. Sei que foi um ato impensado, mas também sei que o fiz para proteger minha integridade física. Fui apanhado de surpresa, não deu tempo para pensar muita coisa.

– Brat vai matar você amanhã, meu filho – disse Nolan, visivelmente preocupado. – Você consegue entender isso?

– Consigo. E confesso que isso era a última coisa que eu queria que me acontecesse agora.

Então, Jerryl contou ao pai os detalhes sobre a visita aos Norton. Contou tudo, com cada detalhe. Nolan sentiu algo parecido com o que inundou o coração do filho, um misto de alegria e pesar.

Mas, antes de pensarem com mais atenção sobre esse assunto, havia algo mais imediato:

– Se não posso dissuadi-lo a desistir do duelo, precisamos pensar em algo para amanhã.

Entraram, então, na ferraria. Nolan acendeu a lamparina e, num velho balcão de madeira riscada com profundas fendas, colocou uma caixa de metal. De dentro dela, retirou uma espada, na qual, na lâmina próxima ao cabo, lia-se a assinatura *McNolan*.

– É a última que fiz – disse o ferreiro virando a lâmina, onde a chama amarela desenhou seu brilho. – Ainda está sem fio.

– Não quero que a afie – Jerryl falou, pegando o florete das mãos do pai e o empunhando. – Vou tentar desarmar o Sr. Brat amanhã.

No dia seguinte, Zachary estaria na frente da ferraria. Gritaria pelo seu adversário e o enfrentaria. De tudo o que iria acontecer, Brat só não contava com uma coisa; algo que só poderei contar amanhã.



– Como assim, só amanhã? – perguntou Sam, sequer se apercebendo de que a noite já havia chegado fazia um considerável tempo.

Sobre a velha mesa de madeira, já não havia chá, frutas ou bolos e o jarro de água estava vazio.

– Na minha idade, – disse o Sr. Jordan – cansamos ao ficar muito tempo fazendo qualquer coisa, mesmo que seja simplesmente sentado numa confortável cadeira. Estou exausto, garotos.

– Por favor, Sr. Jordan, conte pelo menos a parte do duelo! – suplicou Vane.

– E deixar vocês dormirem sem essa curiosidade? – sorriu o contador de histórias. – Não... Isso não. – Ele se levantou com dificuldade, sendo ajudado por Sam e Jill. – Venham amanhã. Na mesma hora.

– Eu quero saber se Jesus voltou em 1844 – disse Matheus.

– Se ele tivesse voltado, não estaríamos aqui, não é Sr. Jordan? – Sam falou e o velho homem apenas sorriu. A resposta também ficaria para outra data.

Os garotos recolheram o que havia na mesa e o Sr. Jordan disse para não se preocuparem com mais nada.

Logo depois de entrar em casa, chaves tilintaram na porta da frente. Por ela passou uma senhora já de seus cinquenta anos, com cabelos começando a branquear e de olhos azuis, e um garoto de uns treze anos que correu até o homem, o abraçou e disse:

– Oi, vovô!

Eram a filha e o neto do Sr. Jordan. Ela trazia consigo um cesto, com pães, bolos e outras coisas gostosas. Perguntou sobre as visitas e o pai explicou quem eram e o que estavam fazendo.

– Sempre gostei dessa história – disse a moça, quando estavam todos na cozinha. Ela estava lavando a pouca louça.

– Gosto da parte do duelo – disse o neto, que se chamava Jerryl e conhecia cada detalhe daquele conto. – Posso pegar um pouco a espada?

– Nem pense nisso – disse a mãe. Jerryl murchou na cadeira.

A filha conversou um pouco com Jordan e depois se despediu. O velho homem foi para o quarto com a lamparina nas mãos. Acendeu outra luz sobre uma escrivaninha de leitura. Abriu a primeira gaveta e dali puxou um livro de capa negra e muito gasta. Era uma Bíblia, cujas finas páginas estavam surradas e amareladas pelo tempo.

Na contracapa, em letra delicada, havia um nome: *Allice N. McNolan*. A tinta negra parecia ter se fundido ao papel. Logo ao lado, com a mesma tinta antiga e com letras mais rústicas, havia outro nome: *Jerryl J. McNolan*.

O Sr. Jordan folheou a Bíblia até o texto escrito em Apocalipse 10:10. Ali, ele leu um versículo que tinha muita relação com a história que estava contando àqueles jovens: “Peguei o livrinho da mão do anjo e o comi. Ele me pareceu doce como mel em minha boca; mas, ao comê-lo, senti que o meu estômago ficou amargo.”

– O livro amargo – sussurrou o homem.

Ele fechou a Bíblia, orou e dormiu.

No outro dia, no horário combinado, os garotos e garotas estavam na casa, sentados embaixo da macieira. Jill havia trazido pães e Sam, uma torta de morangos, feita por sua mãe.

– Sr. Jordan – chamou Matheus e, apontando para o entalhe na mesa de madeira, perguntou: – Quem escreveu este nome aqui? Foi o Palmer da história?

Os outros três jovens, embora lançassem ao caçula um olhar de reprovação, estavam tão curiosos quanto ele.

– Sim, Matheus – respondeu Jordan. – Foi o Palmer da história.

– Você o conheceu? – perguntou Jill.

O velho homem deu um sorriso e um suspiro saudoso. Disse:

– Pois é, eu conheci Palmer McNolan – fez um breve momento de silêncio, mergulhado em sua memória. – Mas vocês estão prontos para saber o restante da história?

A garotada se arranjou em seus lugares (Sam estava sentado ao pé da árvore) e o Sr. Jordan retomou o conto:

– Na manhã do dia seguinte, Zachary gritava na frente da ferraria.



–McNolan! – gritava o fazendeiro. – Saia e me enfrente como homem.

Na frente da ferraria, já se formava um pequeno aglomerado de curiosos. Zachary vestia uma calça de brim e a camisa tinha tiras amarradas nos braços. Na bainha, pendia o florete McNolan, herdado do avô.

As portas da ferraria se abriram e revelaram a família McNolan completa. Marta estava visivelmente preocupada, com as mãos escondendo o suor frio abaixo do avental. Junto deles vinha o xerife Brautigan.

– Não tenho nada com você, xerife! – vociferou Brat, enquanto Jim se aproximava dele.

– Vim apenas garantir que não haja trapaças – disse o homem da lei, olhando por sobre os ombros de Zachary, de onde avistou os dois capangas (cujos nomes nunca ouvi alguém se preocupar em dizer).

Jerryl se aproximou. A espada pendia-lhe na cintura e ele trajava as roupas normais de ferreiro (calça jeans e camisa xadrez, bem surradas, cobertas de fuligem e com sinais de queima em um e outro lugar).

– Encomendou o caixão, McNolan? – disse Brat, enquanto Brautigan se afastava deles.

Em resposta, Jerryl sacou a espada. A arma saiu chiando da bainha, refletindo a luz do sol nos olhos de alguns presentes que os circundavam

numa distância segura.

Brat, com olhos fundos e cansados, típicos de quem não dormiu à noite (coisa que nenhum dos McNolan conseguiu fazer de forma adequada), também retirou seu florete da bainha. Foi dele o primeiro golpe e, acreditem, Zachary assustou-se com a postura e com a firme defesa de Jerryl.

O burguês avançou três passos em ataque, cada um seguido de golpes fortes; cada um defendido com a maestria de um esgrimista. Aliás, era isso que Brat não esperava: Jerryl McNolan era um esgrimista.

Zachary lutava com a fúria de um guerreiro, com a expressão odiosa desenhada em cada linha de seu rosto. Seus golpes tinham grande potência, mas a técnica poderia ser comparada, no máximo, com a de um pirata.

Já Jerryl fora educado em duas tradições dos McNolan: a forja de espadas e a esgrima clássica. Não havia professores ou mestres. Havia um pai que ensinava o filho; um pai que aprendera a arte, o esporte, também de seu pai e, assim, sucessivamente. Não se exibiam em público ou participavam de competições. Treinavam em casa, geralmente uma ou duas vezes por semana, com as portas da ferraria fechada. Ali brincavam. Pai, filhos, irmãos. Praticavam o esporte com as espadas sem fio que forjavam ou com pedaços de madeira.

Claro que parte da técnica perfeita se perdeu um pouco nas gerações, mas Jerryl, se comparado com Brat, era um maestro, enquanto seu oponente, no máximo, um tocador de tuba de banda de praça.

Com uma esgrima que ninguém naquele condado tinha visto até então, McNolan travou o combate. Apenas defendendo, o jovem recuou. Num dos golpes fortes do rival, Jerryl deslizou sua espada sem fio na arma do inimigo, não simplesmente a aparando, mas rodopiando no efeito de uma catapulta. Primeiro Brat sentiu sua espada ir para baixo com velocidade incrível; em seguida, com a mesma velocidade do impulso, Jerryl a empurrava para o lado e para cima.

Zachary sentiu uma leve torção no punho e, ao insistir em outro golpe, seu

desafiante repetiu a defesa, desta vez com sucesso. O florete escorregou das mãos do burguês, riscando o ar e enterrando a ponta na parede frontal da ferraria.

Jerryl deu um passo para frente, Brat abriu os braços e retesou cada um de seus músculos; quando a espada tocou em cima de seu coração, o ferreiro disse:

– Touché! – Olhou diretamente para os arregalados olhos do oponente. – Não queremos mais nada com você, Sr. Brat. Deixe os McNolan em paz, eu lhe peço.

Abaixou a espada enquanto a cor escoava vagarosamente do rosto do rival.

– Você perdeu, Zachary – disse Brautigan, se aproximando com seu porte de urso. – O garoto jogou limpo.

Sem voz para esbravejar, ofegante como uma raposa que foge de uma matilha de cães, Brat se virou e passou pelo meio de seus capangas com um violento empurrão.

O xerife dispersou o ajuntamento de curiosos e, voltando para a ferraria, tirou a espada fincada na parede (na lâmina, próximo ao cabo, também havia a assinatura “McNolan”). Nolan, ao fechar a porta da frente – não trabalhariam naquele dia – disse que não queria mais ver aquela espada. Brautigan se encarregou de ficar com ela ou dar-lhe um fim.

Marta conferia o filho, como se não acreditasse que ele estivesse intacto.

– Estamos livres dele? – perguntou a mãe.

– Gostaria que fosse tão simples – respondeu Nolan, jogando-se numa cadeira na varanda.

– Você deve procurar os meios legais – sugeriu Jim, assentando-se próximo ao amigo.

– Sim, ótima ideia – respondeu McNolan, abanando as mãos. – E Zachary

vai procurar quem? Procurar um bom local para emboscar um dos meus filhos? Para atirar em suas costas, como covarde que é? Não, Jim, não há solução para isso. Ele sabe que minha consciência, guiada pelo Espírito de Deus, não permite que eu faça qualquer coisa de mal contra ele. Sabia, desde o começo, que Jerryl não o trespassaria com uma espada. O que eu fiz, Jim? Responda-me? O que fiz para esse homem me odiar tanto? Quantas ferraduras coloco por ano? Quantas dão problema? – perguntou. Ele mesmo respondeu com um suspiro: – Nenhuma... Nenhuma! E mesmo que eu fosse culpado, como posso pagar um appaloosa?

– Calma, meu amigo – disse Brautigan, colocando a mão no ombro do ferreiro.

– Escreva o que vou falar, Jim – disse Nolan, abaixando o tom de voz, para que ninguém mais ouvisse: – Zachary Brat vai matar um dos meus filhos.

O xerife pigarreou em alto som, pois Marta se aproximou.

– Pois então, Marta, não temos mais com que nos preocupar – disse Jim, mudando o foco da conversa.

A mulher sorriu por mera educação e mudou o assunto, como se resolvesse alguma coisa não conversar a respeito:

– Nolan contou-lhe a novidade sobre o nosso Jerryl e a filha dos Norton?

Brautigan meneou negativamente a cabeça e a mulher o inteirou do assunto. Havia, afinal, um motivo para se regozijarem e foi com esse foco que continuaram a semana.

No domingo de manhã, os McNolan saíram de casa. Foi uma caminhada amena pela estrada, refrescada pela suave brisa das primeiras horas do dia.

Palmer e Ralph iam à frente, digladiando uma esgrima improvisada com varas que encontraram pelo caminho. Ainda estavam eufóricos com a vitória de Jerryl e não tinham noção de que aquele desfecho só poderia ter piorado a fúria de Zachary.

Ao chegarem à fazenda, foram recepcionados por Gerald e Lea. Sentaram-se à sombra de uma amendoeira que havia no pátio, logo em frente à varanda da casa. Havia no local outro irmão e irmã mais velhos de Allice, com seus cônjuges e filhos.

Depois de conversarem um pouco, as mulheres foram para a cozinha e os garotos para o campo. Os homens ficaram ali, conversando. O assunto foi o embate de McNolan contra Brat. A notícia de que ocorrera um duelo chegara à fazenda apenas no fim da tarde do combate. Allice ficou muito preocupada, mas Marlon, o caseiro que deu a notícia, disse que estava tudo bem com ambos os duelistas.

Quando a hora da refeição chegou, os homens foram para a cozinha e ajudaram a trazer as panelas, travessas, pratos, talheres e copos. Todos se assentaram em volta da longa mesa de tábuas, situada na sala anterior à cozinha. As duas janelas abertas davam vista para o pomar carregado de flores.

Quando a mesa estava posta, Gerald Norton fez a prece agradecendo o alimento e, então, pediu que se servissem.

Jerryl, sentado quase na outra extremidade, mal conseguiu comer, pois logo chegaria a hora de seu anúncio. Olhou para a distante Allice e sorriu timidamente.



Quando terminaram a refeição, Gerald bateu três vezes o cabo do talher na mesa e todos olharam para ele.

– Gostaria de convidar o jovem McNolan para anunciar o motivo que o trouxe aqui hoje – disse.

Uma bola disforme pareceu rolar na altura do estômago de Jerryl, mas ele tomou coragem, ficou em pé e falou:

– Primeiro... – ele parou e pigarreou, pois a voz quase não saiu. – Desculpem. Acho que estou um pouco nervoso. – Deu o sorriso mais estranho que aquela sala já viu. – Primeiro, a refeição estava maravilhosa, Sra. Norton.

Com um aceno de cabeça, a mulher agradeceu o elogio, e o jovem continuou:

– Eu vim para dizer que admiro esta família e que tenho um encanto especial para com Allice – Jerryl olhou para ela, tirando da mente todos os olhos que o alvejavam. – Eu a amo e quero me casar com ela, caso nossas famílias permitam e abençoem esta união.

Por alguns segundos – que pareceram eternos – Jerryl ficou em pé em seu canto da mesa. Todos olhavam para ele e a cor vermelha foi tomando um tom ainda mais forte em seu rosto queimado.

– Eu dou a vocês a minha permissão e minha bênção – disse Gerald.

A mesma frase foi repetida, sucessivamente, por Lea, Nolan e Marta. Então os demais se levantaram e abraçaram os noivos. Jerryl ficou, pela primeira vez naquele dia, frente a frente com sua amada. Olhou-a nos olhos azuis e sorriu. Num abraço carinhoso, todos os aplaudiram.

Aquela data era meados do mês de outubro de 1842 e, ao fim dos cumprimentos, Gerald e Nolan foram para o escritório, a fim de combinarem a melhor data para o casamento.

Jerryl acabou por se ver sozinho e foi para a varanda. A brisa suave do outono soprou-lhe o rosto (de onde não conseguia tirar um sorriso). Olhou para o pátio forrado com um mar de folhas secas.

– Você consegue acreditar agora? – disse uma voz feminina, vinda de trás dele. Era Allice.

Jerryl virou-se:

– Para mim, você será sempre um sonho.

Ela deu um passo na direção do amado. Ficaram a uma distância em que um ouvia e sentia o respirar do outro.

– Quanto tempo teremos para sonhar juntos? – perguntou a moça, enquanto uma lágrima escorria do oceano azul que eram seus olhos.

– Toda a eternidade – ele respondeu, enxugando aquela lágrima com o polegar.

– Tenho medo.

– Eu tenho esperança. A partir de agora estarei do seu lado, até Jesus vir nos buscar.

Ela se inclinou para frente e apoiou a cabeça no ombro de Jerryl, que a abraçou. O outono soprou seu vento no pátio e folhas secas e coloridas giraram num pequeno e breve redemoinho.

Os McNolan ficaram ali até próximo ao fim da tarde. O casamento havia sido acertado e a data combinada para após a colheita, o que ocorreria, possivelmente, antes do Natal.

Ao contrário do que Jerryl pensou, os meses de outubro e novembro passaram rápido.

Já no início de dezembro, com um ritmo bem calmo na ferraria, o jovem pediu ao pai um dia de folga e foi para a fazenda dos Norton. Juntou- se, então, aos homens da família e demais peões e foram para a colheita da cevada. Os galpões já estavam cheios dos grãos plantados na fazenda, garantindo as provisões de alimento e comerciais para todo o inverno.

Os dias já estavam mais frios e o inverno anunciava estar chegando. Quando podiam, Jerryl e Allice se encontravam, conversavam e faziam planos para o futuro. Mandaram uma mensagem para o pastor Ulric, convidando-o para que viesse fazer o casamento deles, que agora já tinha data marcada para o meio do mês de dezembro.

Porém, antes que o dia chegasse, Nolan estava no armazém de Fearnot, conversando feliz com algumas pessoas sobre o casamento de seu garoto.

– Você me deve um appaloosa, McNolan – disse a conhecida voz, desta vez, carregada de embriaguês.

O ferreiro estremeceu ao ver Zachary sentado no lado escuro do bar, principalmente em razão de seu revólver estar debruçado no balcão.

– Olho por olho. Dente por dente – resmungou o burguês, tomando num gole a bebida que lhe estava servida. Encheu mais uma vez o copo com a garrafa à sua frente.

Aquelas palavras tiraram toda a alegria do rosto – e do dia – de Nolan. Virou-se, pegou o chapéu sobre a mesa e saiu do estabelecimento. Caminhando para casa no fim do condado, orou a Deus, pedindo que protegesse sua família.

As semanas passaram alheias às ameaças de Zachary. Jerryl estava cada vez mais ansioso, pois o grande dia se aproximava, bem como o inverno

que se anunciava com dias cada vez mais frios.

– Espero que não neve – disse Jerryl, enquanto a mãe lhe fazia a prova do terno de casamento.

– Vai dar tudo certo – Marta falou, prendendo a manga com um alfinete. – Pronto. Agora está perfeito. – Ela se afastou dois passos, olhou para o filho e uma lágrima escorreu na maçã rosada de seu rosto.

– Quer que eu desista? – perguntou ele, sorrindo. Percorreu os passos que o distanciavam da mãe e a abraçou. – É só pedir, e ficarei com você para sempre.

– Seu mentiroso – Marta deu um pequeno tapa no ombro do filho, o beijou no rosto e enxugou aquela lágrima que a traiu. – E, além disso, eu jamais lhe pediria isso. Seja feliz, meu filho. Faça sua noiva feliz. Ela o espera como a Igreja espera o nosso Noivo Jesus voltar nas nuvens.

– E Ele voltará, mãe. Em um ano, pouco mais ou pouco menos, estaremos com Ele, para sempre.



Os cereais estavam todos armazenados no celeiro dos Norton e o outono de 1842 soprava seus últimos ventos. Todo o pátio da fazenda estava ornamentado com flores e um tapete vermelho foi estendido até um altar singelo, onde, num estreito púlpito de madeira havia uma Bíblia.

Aos poucos os convidados foram chegando e se acomodando enquanto sentiam o cheiro de boa comida vindo de algum lugar de dentro da casa principal.

Os McNolan chegaram e tomaram os primeiros bancos. Jerryl estava inquieto e arrumava, a cada meio segundo, o cravo no bolso do paletó.

– Ela está quase pronta – disse Joe, sentando-se ao lado de seu futuro cunhado.

– Como Allice está vestida? – perguntou Jerryl, mas antes que o garoto falasse (e, acreditem, ele ia falar), Marta o fulminou com um severo olhar e, assim que o garoto murchou no banco, ela lhe deu um gentil sorriso.

O movimento na saída da casa começou a aumentar. Primeiro vieram duas damas de honra, usando vestidos num tom pérola. Maysa, trajando um discreto vestido azul, dirigiu-se ao piano colocado ao lado do púlpito, onde o pastor Ulric se posicionou. Ela começou a tocar um hino e todos se levantaram. Olharam para trás e, na porta da casa, onde iniciava o tapete vermelho, a noiva deu os primeiros passos.

Allice, com o cabelo amarrado embaixo do véu e com um belíssimo

vestido branco, bordado com flores desenhadas por sua mãe, segurava no braço do pai. Gerald dava um sorriso nervoso enquanto desciam os degraus. Caminharam pelo longo tapete.

Tão logo soaram as primeiras notas no piano, Jerryl foi para o centro da passarela rubra. Viu sua noiva vindo em passos lentos. Podia ver, de dentro do véu, o sorriso da amada. Ela caminhou em sua direção; linda, pura; guardava seu amor e seu corpo para o homem que seria seu esposo. Valeu a pena esperar, pensaram, como se estivessem compartilhando o mesmo sonho (descobriram isso conversando depois a respeito e riram juntos).

Quando Allice estava a menos de meia metade do caminho para o púlpito, Jerryl foi até ela. Norton a entregou para o genro, não sem antes beijar a testa da filha.

– Sejam felizes – sussurrou o pai para os noivos e eles sorriram. – Deus abençoe esta união.

Allice cruzou seu braço no de Jerryl e percorreram o caminho restante. Quando ficaram diante do pastor, a música no piano parou. Ulric os cumprimentou e falou para eles e seus convidados. Depois dos votos de casamento, com o “sim” de cada um deles, ouviram as esperadas frases finais:

– Eu os declaro marido e mulher. Jerryl, pode beijar a noiva.

E ele beijou a esposa. Todos se levantaram e aplaudiram o casal.

A festa durou o dia inteiro, com comes e bebes típicos de uma festa de casamento. Quando a noite caiu, Jerryl e Allice, o mais novo casal do Condado Novo, estavam sentados na varanda da casa central. Tomavam um chá para espantar o frio e se despediam dos últimos convidados.

Quando todos haviam partido, ou familiares que iriam passar a noite ali se acomodaram, Allice segurou a mão do esposo e o conduziu para uma das casas, na lateral, no pátio da propriedade.

– De agora em diante, este é o nosso lar – disse ela, fechando a porta atrás deles.

Jerryl tomou a esposa nos braços e puderam desfrutar do casamento santo, pois apresentaram diante de Deus o desejo de serem uma só carne, unidos conforme Seus mandamentos.

No dia seguinte, quando o sol lançou seus primeiros raios no leito do casal, Allice acordou deitada no peito de seu amado. Sentia o cheiro suave de uma pele curtida pelo calor da forja. Ela não se mexeu e ficou ali, sentindo o levantar do peito do marido, conforme ele respirava.

Jerryl, igualmente acordado, não quis abrir os olhos. Para ele, o aroma que inundava o quarto era o de flores silvestres (a essência com que a esposa se perfumou para o noivo). Não dá para dizer quanto tempo ficaram juntos, aproveitando o simples ouvir do respirar um do outro, mas foi Jerryl quem primeiro olhou para o dia e viu sobre um balcão de madeira a flor prateada com que presenteara Allice.

– Você a guardou – disse ele, numa voz baixa.

Ela apenas respondeu com um “ahã” e recebeu no rosto um beijo.

O marido levantou-se da cama, foi até o móvel e olhou a rosa de pétalas formadas por delicadas lâminas metálicas e de talo colocado num fino vasinho de cristal. Ficou feliz ao olhá-la, pois não esperava que a esposa enfeitasse o quarto com o primeiro presente que deu para ela.

Juntos, tomaram o primeiro desjejum como marido e mulher. Allice serviu pão e leite quente com cevada para Jerryl e ele agradeceu. Depois, ela colocou outra caneca no fogão a lenha e em seguida um cheiro de menta inundou toda a cozinha.

– Que chá é esse? – perguntou Jerryl.

– Não é chá – respondeu a esposa. Tirando a vasilha do fogo, despejou o líquido verde numa pequena bacia. – É um remédio receitado pelo Dr. Jacke. Eu respiro o vapor por alguns minutos. Ele diz que ajuda.

Essa era uma nova rotina com a qual Jerryl não se importava em se acostumar, principalmente se visse melhoras no quadro de Allice. Mas ela

já o havia alertado para não esperar muito avanço, pois a doença, provavelmente, apenas se agravaria. A jovem mulher sentou-se ao lado do marido e puxou a bacia para si.

– O cheiro o incomoda? – perguntou.

– Não. Eu gostei do aroma – respondeu Jerryl, tomando um pouco do leite.

– O inverno é sempre difícil para mim. Espero que você não se importe.

Jerryl depositou o copo na mesa. Afastou a infusão aromática e segurou as duas mãos de Allice. Então, disse:

– Estarei com você.

Naquele fim de ano, o inverno foi rigoroso como deveria ser. No Natal e na virada de 1842 para 1843, nevou bastante, mas não impediu que os McNolan e os Norton comemorassem as duas festas em família, na fazenda.

Nolan havia encerrado as atividades da ferraria para o fim de ano e Jerryl aproveitou aqueles dias para ficar o máximo possível com Allice, no sossego da fazenda, seu novo lar.

No mês de janeiro do novo ano, muitos dos que aceitaram a mensagem do retorno de Jesus, da maneira como interpretaram o livro de Daniel, se reuniram na Igreja Metodista e, sob a direção do pastor Anatoli, traçaram estratégias para avisar o mundo (pelo menos o mundo que estava ao alcance deles) de que a hora do Juízo se aproximava.

Formaram grupos de duas pessoas e saíram por toda a região, levando a mensagem de esperança e advertência. Nolan combinou com o filho para que fechassem mais cedo a ferraria e, todos os dias, a partir das quatro horas da tarde, saíam com a Bíblia debaixo do braço, visitando pessoas que estavam ao seu alcance. Davam estudos, entregavam panfletos e até recebiam donativos para a confecção de mais impressos.

Nem sempre eram bem recebidos e algumas pessoas até escarneciam e zombavam dos mileritas. Mas isso não os abalava, pois precisavam

anunciar as boas-novas.

Mesmo na época do intenso frio, com flocos de neve caindo, os arautos do retorno de Jesus saíam para propagar o evangelho e o alerta. Caminhavam na imensidão branca, se embrenhando em estradas congeladas que conduziam a fazendas. Onde encontrassem uma pessoa, falavam da esperança para o novo ano, contavam do evangelho que os aquecia e oravam por aqueles que desejassem. Foi um período inesquecível para cada um que participou daqueles momentos.

Conforme o ano ia avançando, o frio ficava para trás e as flores começavam a despertar. A primavera dava seus primeiros sorrisos e o marco inicial para os últimos doze meses de espera se aproximava.

No dia 20 de março de 1844, o último dia do inverno, todos os crentes que aceitaram a mensagem da breve volta de Jesus (incluindo imenso número de novos conversos, conquistados pelo intenso trabalho daqueles valorosos homens e mulheres) se reuniram na Igreja Metodista do Condado Novo. Ali celebraram um culto de ação de graças, dando boas-vindas ao que acreditavam ser o último ciclo da vida do planeta.



—"Isso tudo levará duas mil e trezentas tardes e manhãs; então o santuário será reconsagrado [purificado]" – leu o pastor Anatoli em sua grande Bíblia de bordas douradas. – Esta é a promessa de Daniel 8:14. O santuário é a Terra e, a partir de amanhã, a qualquer momento, Jesus cumprirá Sua promessa.

O pastor prosseguiu:

– Todos os sinais que Jesus disse que haveria no fim dos tempos já ocorreram. Vemos fome, guerras; vemos a ciência se multiplicando. Em Apocalipse 6:12-17,[1] o apóstolo João visualiza vários sinais que se mostrariam. Desses sinais, todos já aconteceram. No dia 1º de novembro de 1755, ocorreu o maior terremoto de que se tem notícia, na cidade de Lisboa. O tremor se espalhou por outras cidades da Europa e também foi sentido na África. Em Lisboa, em seis minutos, o terremoto destruiu a maior parte da cidade. O dia escuro ocorreu em 19 de maio de 1780, com o total escurecimento do Sol, sem que alguém tivesse previsto tal acontecimento. Na noite da mesma data, a Lua se mostrou vermelha como sangue, também sem qualquer explicação científica. E há pouco menos de dez anos, exatamente no dia 12 de novembro de 1833, houve a maior chuva de estrelas cadentes [meteoros] de que se tem notícia. Essa chuva teve grande extensão e foi vista desde o Atlântico, a leste, até o Pacífico, a oeste, bem como desde a costa norte da América do Sul até as regiões bretãs, ao norte.

Anatoli olhou para a igreja cheia – e nunca esteve tão cheia – e viu a alegria em cada um dos rostos ali presentes. Então, diminuiu o tom da voz, e falou de forma amorosa, mas enfática:

– Estamos entrando no ano do fim do mundo. Arrependam-se enquanto há tempo. Venham para os braços de Jesus e preparem-se para viver ao Seu lado, por toda a eternidade.

O sermão continuou e, com grande poder, muitos corações foram tocados naquela noite que anunciava o fim do inverno. O outro dia seria a primavera. Aliás, a última primavera do mundo, segundo os mileritas.

No dia seguinte, Jerryl acordou e olhou pela janela. Ainda era noite e ele sonhou em ver Jesus aparecendo no horizonte, ocupando o lugar do Sol. Sorriu esperançoso com a ideia e olhou para a esposa dormindo. Allice respirava com dificuldade, pois o inverno sempre era o período mais difícil para o mal que a afligia. Teve sérias crises e, numa delas, Jerryl chegou a pensar que ela não suportaria. Sofreu com uma séria infecção e os canais respiratórios ficaram drasticamente obstruídos. O Dr. Jacke foi chamado com urgência e a medicou, melhorando um pouco seu quadro.

A primavera, por si só, traria consigo certa melhora para Allice, mas não era essa a esperança de Jerryl. Ele esperava a vinda de Jesus, para que entrassem na eterna primavera celeste, em que não haveria dor, medo ou doenças.

O jovem foi para a cozinha e colocou dois pequenos troncos no fogão, renovando a vida do fogo. Allice acordou com o cheiro mentolado aromando a casa. Levantou-se, beijou o marido e, como em todos os dias (com exceção daqueles em que não tinha forças para se levantar), fez seu desjejum com ele.

Conforme sua rotina diária, Jerryl despediu-se da esposa e foi para o povoado, onde trabalharia com seu pai. Também almoçaria na casa dos pais e, no fim da tarde, iriam continuar o evangelismo.

No meio da manhã, quando os McNolan estavam trabalhando a todo vapor, o comerciante Fearnot entrou no estabelecimento. Com sua peculiar cara amarga, pediu para conversar em particular com Nolan e disse:

– Você sabe que o considero um louco por acreditar nessa interpretação de Miller, não sabe?

O ferreiro apenas acenou afirmativamente com a cabeça e Fearnot continuou:

– Mas isso não quer dizer que não prezo por você e sua família. Vocês sempre foram ótimos clientes e eu espero que quando passar toda essa demência... – ele fez uma pausa e continuou: – Quando vocês virem cada dia deste ano passar diante de seus olhos sem Jesus voltar, então, entenderão que cometeram um erro.

– Fearnot, respeito sua maneira de entender a profecia, mas não posso deixar de pedir que se junte a nós, para aguardar o retorno de Jesus.

– Eu já espero esse retorno. Preparo-me a cada dia para estar pronto se Ele voltar hoje. Não concordo, Nolan, com essa fixação de datas pelo homem.

– Não é pelo homem – insistiu o ferreiro. – É a Bíblia que fixa a data.

– Sim, quanto à data, a profecia é bem clara. Mas será que ela prevê o retorno de Jesus? Será que o santuário que ela diz que será purificado é, de fato, a Terra?

Nolan não respondeu. Tinha uma fé incontestável de que a profecia tratava, inegavelmente, da segunda vinda do Messias.

Fearnot continuou e disse sem rodeios:

– Mas não é esse o assunto que me traz aqui, Nolan. Quero falar sobre Zachary. Ele vai matar um de seus filhos.

McNolan sentiu as pernas perderem a força, como se não tivesse mais controle na articulação dos joelhos. Tinha perguntas para fazer, mas a voz não saiu.

– Eu o ouvi no armazém, falando com os capangas – continuou Fearnot. – Zachary disse que sua dívida seria paga com o sangue de um dos seus filhos.

Sem perceber, Nolan coçava a cabeça.

– Pergunto a Deus de onde saiu esse inimigo – pensou o ferreiro em voz alta.

– Você não tem como pagar?

– Ainda que eu vendesse tudo o que tenho, não alcançaria o montante que Brat acha que seu *appaloosa* valia.

Encerraram a conversa e McNolan ficou sozinho naquele canto escuro da ferraria. *E se Jesus não voltar?*, pensou. Pela primeira vez depois de passar a acreditar na profecia de Daniel, sua fé vacilou. *E se acontecer alguma coisa com um dos meus meninos e Jesus não voltar?*

– O que Fearnot queria, pai? – perguntou Jerryl se aproximando e limpando as mãos no avental de couro.

– Falamos um pouco sobre a profecia – o homem disse, sem revelar o ponto principal da conversa. Fez uma pausa, enquanto o filho pegava barras de ferro no velho balcão. Então, fez uma pergunta como se fosse totalmente corriqueira: – Você entende a dimensão do sacrifício de Cristo na cruz?

– Acho que sim – respondeu o jovem, ainda pegando objetos no balcão. – O pecado entrou no mundo por Adão e Eva. A sentença pela desobediência era a morte. Para que o casal não fosse morto, Deus prometeu que outro viria para morrer não somente por eles, mas por toda a humanidade. Então Jesus, o filho de Deus, veio como bebê e assumiu a sentença do pecado original. Morreu pela humanidade – ele parou, olhou para a parede, e concentrou-se para lembrar o texto de Romanos 5:19, então o recitou: – “Logo, assim como por meio da desobediência de um só homem muitos foram feitos pecadores, assim também, por meio da obediência de um único Homem muitos serão feitos justos.”

– É exatamente isso – concordou Nolan.

– É bem mais que isso – Jerryl disse. Lembrando-se de dois outros versos, completou o raciocínio: – “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos” (Jo 15:13). “Nisto conhecemos o que é o amor: Jesus Cristo deu a Sua vida por nós, e devemos dar a nossa vida por

nossos irmãos” (1Jo 3:16).

– De fato. Esse é o amor maior.

Quando Jerryl se afastou, voltando para a ferraria, uma única palavra martelou na mente de McNolan, como num ferro quente sobre a bigorna: sacrifício.

---

1. Apocalipse 6:12-17: “Observei quando Ele [o Cordeiro] abriu o sexto selo. Houve um grande terremoto. O sol ficou escuro como tecido de crina negra, toda a lua tornou-se vermelha como sangue, e as estrelas do céu caíram sobre a terra como figos verdes caem da figueira quando sacudidos por um vento forte. O céu foi se recolhendo como se enrola um pergaminho, e todas as montanhas e ilhas foram removidas de seus lugares. Então os reis da Terra, os príncipes, os generais, os ricos, os poderosos todos, escravos e livres, esconderam-se em cavernas e entre as rochas das montanhas. Eles gritavam às montanhas e às rochas: ‘Caiam sobre nós e escondam-nos da face dAquele que está assentado no trono e da ira do Cordeiro! Pois chegou o grande dia da ira dEles; e quem poderá suportar?’”



No caminho para casa, Jerryl colheu uma flor para Allice. Naquela época do ano, os campos recebiam os últimos adornos da primavera, pois o verão se aproximava.

Junto dele, vinha um grupo de pessoas que estava residindo na fazenda dos Norton. Eram mileritas da região, que praticamente abandonaram a vida anterior e estavam trabalhando, exclusivamente, na divulgação do alerta do retorno de Jesus. Gerald acolheu cerca de oito famílias em sua fazenda e lhes concedia tudo o que estava ao seu alcance.

Naquele ano, o plantio foi menor, pois não haveria necessidade de colher muita coisa. A qualquer momento o Messias poderia retornar e, mesmo que Ele demorasse, precisariam de suprimento para, no máximo, até 21 de março de 1844.

Naquela época, muitas pessoas sustentaram o avanço da mensagem. O ano do fim do mundo foi marcado por um grande número de missionários indo de cidade em cidade, visitando, inclusive, propriedades rurais. As igrejas dos grandes centros também foram visitadas. A profecia do retorno de Jesus era propagada com intensidade.

Pessoas com poder aquisitivo ora sustentavam obreiros, ora contribuíam para a publicação de panfletos e revistas, que tiveram papel poderoso na divulgação da mensagem do advento.

Jerryl vinha pela estrada, conversando alegremente com os novos amigos.

Quando chegou à fazenda, Allice o esperava no pátio, sentada num antigo balanço colocado num dos galhos da amendoeira.

Allice mostrava a disposição que o novo clima havia trazido. Estava muito melhor. Durante o dia, alfabetizava os filhos dos missionários que residiam na fazenda. Na falta de livros didáticos, liam a Bíblia e impressos que recebiam dos mileritas.

Do balanço, o olhar da jovem esposa acompanhou a chegada de Jerryl que se aproximou, segurou as cordas e deu-lhe um beijo na testa. De mãos dadas, caminharam para a casa, onde, juntos, jantaram.

Naquele meio de ano (já estavam no mês de junho de 1843), havia muito o que fazer, tanto na fazenda como na ferraria e, principalmente, no alerta quanto à mensagem milerita. No pequeno Condado Novo, a Igreja Metodista cresceu muito, agregando pessoas e mais pessoas que decidiram pelo batismo e por esperar a breve vinda de Jesus. Claro, havia os opositores – entre eles Fearnot, que estava realizando cultos em sua própria casa. “Quando este ano passar, volto a congregar em nossa igreja”, disse ele ao ser interpelado pelo pastor Anatoli, certa ocasião.

Apesar das oposições (tanto as pequenas quanto as extremamente constrangedoras), a mensagem de esperança avançou. Num culto realizado em meados de setembro, a Igreja Metodista estava repleta. As pessoas haviam se unido de uma forma sem precedentes. Ajudavam umas às outras, sem muita preocupação material, pois em breve não necessitariam de bens. Estariam no Céu com Jesus!

O som dos cânticos daquele povo se espalhava pelo pequeno povoado, quase alcançando seus limites. Muitas pessoas foram alcançadas pela música do coral de crentes e vinham à igreja apenas “para ver”, mas saíam dali cheias da presença de Deus. Aceitavam Jesus como Salvador; acreditavam em Seu advento; enfim, tornavam-se cristãs.

Apesar da força da mensagem, alguns corações não foram amolecidos por seu poder. Jerryl precisou enfrentar a dureza de um desses corações justamente naquele mês de setembro.

Era um daqueles dias quentes de verão e já fazia cerca de uma hora que o jovem ferreiro estava em seu posto, afiando algumas ferramentas que um fazendeiro da região lhe havia trazido.

Jerryl olhou para a forja sem fogo. Àquela hora, o fogo já deveria estar ardendo em brasas, mas Nolan não havia sequer preparado a lenha que alimentava a fornalha. Considerando a demora do pai, o jovem foi até os fundos, para conferir se havia ocorrido algo com que se preocupar.

A casa de madeira sem pintura estava vazia. Sequer havia cheiro de chá ou bolo da manhã que, comumente, anunciava o dia.

– Mãe? – chamou Jerryl. – Pai? Tem alguém aí?

– O papai saiu há algum tempo – disse Palmer, vindo dos fundos da casa, acompanhado de Ralph. – E creio que a mamãe não está muito bem hoje, pois não se levantou para o desjejum.

Jerryl acenou com a cabeça e foi em direção ao quarto da mãe. Bateu duas vezes na porta e a chamou, sem resposta. Abriu uma pequena fresta e olhou para o quarto escuro, iluminado apenas com lâminas de claridade que penetravam nas falhas das paredes e da janela.

– Mãe? – chamou, com tom reverente, ouvindo apenas um soluçar abafado. – Tudo bem com a senhora? Onde está meu pai?

O silêncio continuou e Jerryl entrou no quarto, deixando atrás de si a porta encostada. Marta estava deitada na cama e, quando ela virou o rosto para o filho, um feixe de luz iluminou-lhe os olhos chorosos.

– O que está acontecendo, mãe? – insistiu o filho, sentando-se na cama. – A senhora está me assustando.

– Deixe-me sozinha – a mãe disse com a voz embargada.

– Por favor, o que está acontecendo? – a voz foi mais enfática.

– Ele precisava fazer, Jerryl – disse Marta. Suas palavras vacilaram. – Era necessário. E Jesus voltará em breve e poderemos reencontrá-lo.

– Do que está falando? – Havia medo na voz de Jerryl.

– De sacrifício, filho. Seu pai se sacrificou por nós.

Por mais que tentasse, a compreensão não chegava à mente do jovem. Do que sua mãe estava falando, afinal?

– Mãe, onde está meu pai? Por favor, fale!

– No Velho Condado – disse ela com olhar gélido, clareado naquele fio de luz. – Ele vai pagar a dívida com o Sr. Brat. Ele lhe entregará a vida, para que não toque em nenhum de vocês.

Jerryl se levantou num sobressalto. Saiu rapidamente pela porta. Os garotos se assustaram com seu ar de urgência.

– Palmer, chame o xerife Brautigan – disse ele encaminhando-se para a pequena cocheira na lateral da propriedade. – Diga que estou indo para o Velho Condado, tentar salvar o papai de uma loucura. – Ele jogou a cela no lombo de um velho cavalo chamado Ferrugem e nele subiu. – Fale que papai negociou a própria vida com Zachary e ele entenderá do que estou falando. E você, Ralph, cuide da mamãe.

Enquanto Jerry disparava com o cavalo pela porteira lateral, Palmer alcançava a rua, rumo à delegacia.

O jovem ferreiro tentava dar a maior velocidade possível ao velho Ferrugem, mas o animal nunca foi de boa corrida. Era bom para cargas ou para conduzir a carruagem da família. Avançava pela estrada mal cuidada, rumo ao Velho Condado, um vilarejo havia muito abandonado por ter ficado fora da nova rota de comércio.

O medo tomou conta de Jerryl. O que poderia fazer contra Zachary e seus capangas? Estava desarmado e o burguês e seus homens jamais abandonavam seus revólveres. Enquanto galopava, tentava entender o que estava acontecendo. Ao que parecia, Nolan havia decidido pagar sua dívida com a própria vida. Mas Zachary seria tão sádico ao ponto de aceitar tal oferta? Desde o começo daquela intriga, Jerryl compreendeu que não era apenas uma questão de dinheiro. Brat sabia que Nolan não tinha recursos

para arcar com o preço de um appaloosa, mas estaria ele enlouquecido a ponto de matar um dos McNolan para saldar o que chamava de dívida? Olho por olho, pensou o jovem; em seguida, escutou o galopar de fortes cascos logo atrás.

Ao olhar por sobre os ombros, viu que se tratava do xerife Brautigan, o qual cavalgava em alta velocidade em seu alazão prateado, Bonança. Quando o homem da lei emparelhou e ultrapassou Jerryl, o jovem percebeu que havia algo mais. A postura com que galopava, a forma com que o chapéu negro quase engolia a cabeça do cavaleiro e, principalmente, as fivelas soltas das pistolas de cabo de marfim na cintura, revelavam que era Jim “Dedo de Fogo” Brautigan, o velho pistoleiro, que cavalgava Bonança.

Quando a sombra do cavaleiro atingiu Jerryl, ele estremeceu; era como se a morte o tivesse tocado. O jovem ferreiro ainda não sabia, mas no tiroteio que logo iria ocorrer no Velho Condado, três tiros e, talvez, mais um, seriam disparados. Seja quantos fossem os projéteis acionados, uma coisa era certa: nenhum erraria seu alvo.



"Dedo de Fogo" esporava Bonança (em sua época de pistoleiro, cavalgava um cavalo negro chamado Tempestade). O Condado Velho se aproximava e o xerife – embora neste momento seja bem melhor chamá-lo apenas de "o pistoleiro" – podia ver as antigas construções aparecendo no fim da estrada.

Bonança avançava a cada ferroada de espora e, quando entraram pela larga avenida da velha cidadela, Brautigan puxou-lhe a rédea e apeou num salto. Os pés sob seu corpo, tão grande como o de um urso, retumbaram um som seco ao tocarem o chão de terra dura. Sacou as armas e caminhou pela rua, passando em frente às construções empoeiradas e destruídas pelo tempo. Sabia exatamente para onde Zachary havia levado McNolan; afinal, o pistoleiro já teve uma mente maligna e sabia como pensavam os homens maus.

Ao passar pelo velho bar – com a placa na qual se lia "saloon" pendendo na cabeceira da construção e a porta de vaivém solta – Jim ouviu risos debochados. Passou por mais dois prédios e, finalmente, viu o pátio da antiga prefeitura, onde havia o "púlpito da morte", como dizia seu pai.

Os dois capangas estavam no chão, olhando para o palanque de madeira, utilizado para enforcar bandidos, onde estavam Zachary e McNolan. No pescoço do ferreiro, o nó de forca já estava amarrado e ele olhava para o alçapão aberto à sua frente.

O que aconteceu em seguida foi tão rápido que é difícil até mesmo de

narrar. Foi mais ou menos assim:

– Solte-o, Zachary – gritou o pistoleiro, com as armas apontadas.

– Atirem – gritou o burguês, empurrando McNolan no alçapão.

Então ocorreram os três disparos. Todos feitos por “Dedo de Fogo”. O pistoleiro levantou ambas as mãos e o primeiro tiro saiu do revólver direito, acertando a arma do primeiro capanga, lançando-a para longe.

O segundo, disparado da arma esquerda, também acertou a arma do outro capanga, mas este foi atingido na ponta do dedo indicador que segurava o gatilho. O homem segurou a mão entre as pernas e gritou de dor.

O terceiro e mais crucial disparo foi na corda da forca. Enquanto McNolan caía e quando a corda em seu pescoço retesou ao máximo, a bala cortou a corda e passou zunindo na altura da orelha de Zachary, que estava logo atrás.

Nolan estatelou no chão, torcendo o tornozelo. Ficou ali agachado, esperando a sequência da cena. “Dedo de Fogo” avançou com as armas apontadas – uma para os capangas ao pé da tribuna da morte e outra para Brat, mais acima.

– Desafivele as armas – gritou o pistoleiro, olhando para o burguês.

Zachary obedeceu, e o cinturão com as pistolas caiu aos seus pés. “Dedo de Fogo”, ainda apontando as armas, começou a subir o palanque da forca. As tábuas dos degraus gemiam sob seus pés, como se avisassem que poderiam se romper sob o peso daquele grande homem.

Ao se aproximar de Brat, Jim colocou a arma entre seus olhos e a cor fugiu-lhe do rosto ao sentir o metal ainda quente tocar-lhe a testa.

– O que é isso, xerife? – perguntou Zachary, tremendo, pois não reconheceu Brautigan à sua frente. Os olhos estavam praticamente escondidos sob a sombra de grossas sobrancelhas e a boca revelava mais dentes que o melhor sorriso do bom Jim. Sentiu também o cheiro de pólvora do cano prateado da arma. – O que vai fazer?

– Você vai morrer, agora – disse Brautigan e puxou o cão da arma.

Zachary viu a quarta bala girando no tambor e preparando para cuspir fogo na agulha. Quis argumentar qualquer coisa, mas não vinham palavras, pois à sua frente não estava o complacente xerife Brautigan, mas o implacável – e lendário – pistoleiro “Dedo de Fogo”. Para aquele homem, não existia a palavra clemência. Mais uma vez, Brat estremeceu.

– Enquanto você viver, – continuou o homem das armas, com a voz saindo por entre os dentes cerrados – os McNolan não terão paz.

Quando seu dedo pesou no gatilho, uma mão repousou em seu ombro direito.

– Não quero que faça isso, Jim – era a voz jovem de Jerryl. – Não quero ser libertado pela fúria de um pistoleiro. Se a libertação vier, será provida por Deus.

– Ele ia matar seu pai – resmungou “Dedo de Fogo”. – E, se continuar vivo, vai matar um de vocês.

– Não desejo a morte do homem que está à sua frente, mesmo que ele deseje a minha ou de meus queridos. Se você quiser matá-lo, não o faça por mim ou por minha família. Faça se você não conseguir conter seu desejo de acionar esse maldito gatilho e com ele tirar vidas.

Jim afrouxou a pressão no gatilho e sua expressão suavizou. Três gotas de suor se juntaram e escorreram em uma única gota na têmpora de Brat.

– Você está preso, Zachary, – disse o xerife – por tentativa de homicídio. Você e seus dois capangas.

Jerryl tirou a mão do ombro de Brautigan e a quarta bala não foi acionada. Brat ficou em silêncio e, ao entender o que acabara de acontecer, surpreendeu-se com o sentimento que o inundou: estava grato a Jerryl, pois o jovem salvara sua vida.

Com dificuldade, McNolan se levantou. Alisou o pescoço onde ardia um vergão marcado pela forca. O xerife algemou os três criminosos e os

acorrentou em fila indiana. Iriam a pé, andando bem atrás de Bonança.

Nolan montou o cavalo de Brat e os outros dois animais dos capangas foram atrás da pequena caravana. Na frente, os três homens emparelharam seus animais e conversaram:

– Conte-me sua história, McNolan – disse Jim. Jerryl esperou ansioso para entender, com exatidão, o que havia acontecido.

– Zachary ia matar um dos meus filhos – disse o ferreiro, olhando para o homem cabisbaixo que vinha algemado atrás deles. – Então o procurei e falei que não possuía dinheiro ou bens para pagar a dívida que ele dizia que eu tinha com ele. Para que não fizesse qualquer mal para minha família, como tentou em outra oportunidade fazer a Jerryl, me ofereci.

– Como assim, se ofereceu? – perguntou o filho.

– Eu disse que aceitava morrer pela dívida.

– Você está louco, Nolan? – esbravejou Brautigan.

– Jesus voltará logo – argumentou o ferreiro. – Ficaríamos separados por pouco tempo.

– E se ele não voltar na data predita por Miller? – o xerife disse com a mesma indignação. – Já lhe ocorreu isso? Eu acredito na profecia, mas não aceito atitudes de fanatismo.

Nolan abaixou a cabeça. A profecia parecia muito clara, não havia como estar errada. Então mudou o assunto e disse:

– Perdoe-me por fazê-lo quebrar seu voto de não atirar contra uma pessoa.

Jerryl olhou para o robusto homem que cavalgava no meio dos McNolan. O semblante sereno cobria mais uma vez seu rosto, muito diferente da figura que o jovem viu ultrapassá-lo no momento em que cavalgava para o Velho Condado. Aquele pistoleiro parecia um homem fora de seu tempo; um cavaleiro do Oeste, para ser mais exato.

– Você não tem culpa, Mac – disse o xerife. – Quando aceitei ser batizado, eu disse que sepultaria o velho homem nas águas. E consegui, meu amigo; sim, eu consegui. Controlei minha fúria, meu ódio... Mas creio que havia algo mais para ser abandonado. Por muito tempo eu achava que meu vício era apenas o álcool, mas não era. Sou viciado em chumbo e pólvora, essa é a verdade. – Sem se aperceber, sua mão direita alisou o cabo do revólver na cintura. – Este é o vício que nunca abandonei. Quando fui batizado, cumprimentei o pastor e meus amigos, entre eles você, Mac, mas, assim que o culto acabou, eu enrolei na cinta meus velhos trabucos e jurei nunca mais atirar contra uma pessoa. Deixei o pecado ali pendurado ao meu lado, ao alcance das minhas mãos. Por onde eu andava, o chumbo e a pólvora, balançando na minha cintura, continuavam a me chamar. Responda-me com sinceridade, Mac: pode um homem que se diz pacifista, que alega ser nova pessoa e que não deseja atentar contra a vida de mais ninguém, andar com dois trabucos na cinta?



– Você é nosso xerife, Jim – disse Nolan, em tom consolador. – É natural que ande armado.

– Sim, é uma ótima desculpa – Brautigan meneou a cabeça. – Uma desculpa que não usarei mais. Vou entregar minhas armas e farei qualquer outra coisa da vida. Estou neste cargo porque o prefeito sabia exatamente o que precisava para ele: um matador.

– Tem certeza de que precisa fazer isso? – perguntou Jerryl.

– Tenho – respondeu o grande homem, sorrindo. – Imaginem se Jesus voltasse agora. Não creio que eu poderia subir com Ele com essas duas pistolas na cintura e não gostaria que o peso delas me segurasse aqui na Terra.

Jim Brautigan soltou as rédeas e desafivelou o cinturão de balas e coldres de suas armas. Depositou a tira de couro em cima da crina do cavalo e suspirou em alívio. Disse:

– Elas sempre foram pesadas.

Suas mãos ainda sentiriam saudade do apoio das armas. Assim como McNolan coçava a cabeça quando estava nervoso, Brautigan, para cada um de seus sentimentos, fossem os bons ou os ruins, deitava ambas as mãos nos cabos dos revólveres – em algumas ocasiões até alisava o relevo do desenho de cavalos no marfim – e, com isso, sentia um estranho consolo. Porém,

apesar de não ter mais a escora para suas mãos, sentia- se, pela primeira vez, completo e integralmente liberto daquele peso.

– Xerife! – chamou Brat, andando aos tropeções atrás deles. – Não me faça entrar desta forma na cidade. Por favor, seria humilhação demais.

Os três homens da frente cochicharam e Jerryl pediu as chaves para ter uma pequena conversa com os presos. Desceu do cavalo e andou até os homens acorrentados (um deles com o dedo indicador enrolado num trapo, estancando a ferida aberta pelo chumbo do pistoleiro).

– Você tem noção do que fiz por você hoje? – perguntou Jerryl, olhando diretamente para o burguês de roupa empoeirada. O homem apenas acenou afirmativamente com a cabeça. – Eu salvei sua vida. Foi por minha causa que o xerife não acionou o gatilho. Você me deve sua vida, Zachary Brat, e quero saber como vai pagar esse débito.

O burguês tentou sorrir, mas os lábios desenharam uma estranha expressão torta em seu cavanhaque.

– Não tocarei e nem mais mandarei que toquem na integridade física ou na vida de qualquer um dos seus, McNolan – falou Brat, com o peito estufado e as mãos entrelaçadas nas algemas, em frente ao corpo. – Dou minha palavra e estamos quites.

– E desde quando posso acreditar em sua palavra?

– É a única moeda que tenho agora, garoto, e você não pode mordê- la para conferir se foi cunhada em bom metal.

Vindo de Zachary, aquela palavra tinha o mesmo valor que uma moeda de latão, pensou Jerryl. Mas, de fato, era a única coisa que tinha.

– Não vamos dar queixa – disse o jovem McNolan, colocando as chaves nas mãos do oponente. – Você não me deve nada, Zachary Brat, e seus homens, o xerife Brautigan e meu pai são minhas testemunhas.

– Os McNolan não me devem nada – disse o burguês soltando as algemas das mãos e coçando os punhos – e meus homens e o xerife são minhas

testemunhas.

Nolan desceu do cavalo e subiu no bom e velho Ferrugem. Jerry subiu atrás dele e foram para a cidade, deixando os outros homens seguirem seu destino e esperando que nunca mais os incomodassem.

Quando chegaram em casa, Marta abraçou e beijou o marido e o filho. Estava desesperada. Em família e na companhia de Jim, ajoelharam-se e agradeceram a Deus. Brautigan, em voz alta, pediu perdão pela quebra de seu voto e fez nova promessa: não portaria mais armas.

Ao sair da casa, o xerife foi até a prefeitura. Deixou sua estrela e o cinturão de armas sobre a mesa do gabinete e foi para casa, pensando em que tipo de profissão um homem de sua idade poderia ter.

– Pai, está ficando tarde – disse a filha do Sr. Jordan, escorada num dos pilares da varanda dos fundos.

– Oi, filha. Há quanto tempo vocês estão aí?

– Desde que “Dedo de Fogo” ultrapassou o cavalo de Jerryl – respondeu o neto de mesmo nome que o personagem daquela história.

– Boa-noite, Sra. O’Brian – disseram os garotos que ouviam a narrativa.

– Boa-noite, meninos e meninas. Fiz uma sopa enquanto vocês conversavam. Vamos entrar, por favor.

O Sr. Jordan se levantou com a ajuda de Sam e todos foram para dentro da casa. Sentaram-se à mesa, a Sra. O’Brian serviu o prato de todos e jantaram conversando.

– Matheus, por favor, pegue minha Bíblia no quarto – disse o velho homem depois que todos haviam terminado a refeição. – Está no criado ao lado da cama.

O menino pegou uma das lamparinas e avançou pelos cômodos. Quando, já dentro do quarto, iluminou o criado, viu ao lado da Bíblia uma rosa de metal, enterrada num pequeno e afunilado vasinho.

– É a rosa da história – sussurrou Matheus. O reflexo da chama vermelha tremeluziu em cada uma das pétalas.

Quem é o Sr. Jordan, afinal?, pensou o menino. Teria ele vivido aquela história? Seria um dos personagens? Talvez ele fosse Palmer, pois na mesa lá fora estava entalhado o nome daquele garoto. Ou, quem sabe, qualquer outro da história ou até mesmo o próprio Jerryl. Isso seria possível? Vários foram os pensamentos de Matheus enquanto olhava para a rosa de pétalas polidas, revelando pequenas manchas negras nas dobras onde não se conseguia polir.

Meneou a cabeça, como se estivesse acordando de um devaneio. Pegou a antiga Bíblia e voltou para a cozinha, entregando-a para o Sr. Jordan, que leu João 14:2, 3:

– “Na casa de Meu Pai há muitos aposentos; se não fosse assim, Eu lhes teria dito. Vou preparar-lhes lugar. E se Eu for e lhes preparar lugar, voltarei e os levarei para Mim, para que vocês estejam onde Eu estiver.” – Ele fechou o Livro Sagrado sobre a mesa e disse: – A promessa do retorno de Jesus ainda persiste, garotos, e um dia Ele ainda vai cumpri-la.

– Podemos voltar amanhã, Sr. Jordan? – quis saber Jill.

– Se vocês quiserem saber o fim da história, podem vir.

Os quatro se levantaram e agradeceram à Sra. O’Brian o jantar. Quando os jovens saíram da casa, o pequeno Jerryl disse:

– Já contou para eles quem é o senhor, vovô?

– Não. E nem sei se eles desconfiam. Matheus certamente viu a rosa ao lado da minha cama e sua mente deve ter avaliado algumas possibilidades. E os quatro já perceberam o entalhe na mesa, onde está escrito “Palmer”.

– Mostre a espada para eles – arrematou o garoto e o avô sorriu.

– Vamos, pai – disse a filha. – Eu o ajudo a ir para a cama.

Cada vez parecia estar mais difícil se levantar, mas o Sr. Jordan conseguiu. Caminharam lentamente para o quarto e ele colocou as vestes de dormir.

– Diga para o Charles cuidar bem de você e dos meus netos – falou ao se deitar. – Você escolheu um bom homem como marido, minha filha.

– Não gosto quando o senhor fala nesse tom de despedida – reclamou a Sra. O'Brian.

– Sinto que meu tempo está se esgotando. Mas, aconteça o que acontecer, vamos nos encontrar quando Jesus retornar. Vocês educaram bem todos os meus sete netos e netas e vejo que até os bisnetos estão crescendo na direção do Espírito Santo. Estou feliz, minha filha. Muito feliz.

A mulher deu um beijo na testa do pai e se despediu. Jerryl também beijou o avô e se demorou um pouco num grande abraço.

No outro dia, na mesma hora de sempre, o Sr. Jordan estava assentado em sua cadeira de repouso, nos fundos do quintal. Ao redor dele, comendo bolo de cenoura, Sam, Jill, Vane e Matheus esperavam ansiosos pelo desfecho da história.

– No começo de outubro, – disse o velho homem – Jerryl teve a melhor notícia de toda a sua vida.



– Estou grávida – disse Allice ao marido, quando ele chegou do trabalho.

Jerryl abraçou e beijou a esposa. Foram para a casa principal e deram a feliz notícia. Uma noite alegre, sem dúvida.

– Acho que vou para o Céu grávida! – disse a jovem esposa, depois de fazer os cálculos da gestação.

Era uma gravidez de risco, todos sabiam, mas sequer pensaram nisso naquele momento. A esperança cantarolava mais alto. Havia pouco tempo, Allice estava conformada com sua doença. Era uma pessoa marcada para morrer. Mas tudo mudou, não mudou? Havia a profecia interpretada por Guilherme Miller e isso lhe dera a esperança de não enfrentar a morte. Podia ser feliz de verdade. Aceitou amar e ser amada por Jerryl e toda noite, juntos, oravam agradecendo a Deus e pedindo o cuidado especial sobre Allice. Queriam subir ao Céu juntos, de mãos dadas.

Naquela noite, sob a luz trêmula da lamparina, oraram e mais uma vez agradeceram. Tinham novas coisas para agradecer e também novos pedidos. Já não sonhavam em subir apenas os dois, mas em alcançar o Céu com aquela nova vida inteiramente protegida no ventre de Allice. Estavam felizes e, acima de tudo, esperançosos.

No outono, enquanto aquela vida era gerada, os mileritas trabalhavam. Na fazenda dos Jordan, colheram o suficiente para se alimentar no inverno – e alguns torceram para que Jesus voltasse antes, para não enfrentarem o frio

do fim do ano.

Quando o Natal chegou, comemoraram como sempre, mas alguns estavam visivelmente decepcionados, porém uns animavam os outros. O frio e as nevascas foram intensos no fim de dezembro até janeiro, e muitos desanimaram.

– Não se preocupem – disse o pastor Anatoli numa visita àquela fazenda. – Faltam apenas dois meses para o retorno de Jesus.

O fim do último ano daquele mundo, todos esperavam, estava próximo. Naqueles meses finais, muitos venderam, ou simplesmente abandonaram suas propriedades e comércios, migrando para a cidade de Low Hampton, a fim de aguardarem a segunda vinda junto com Guilherme Miller, pois ele residia naquela cidade.

No Condado Novo, os mileritas também se uniram. Ficaram em grupos, compartilhando os bens, comida, consolo e esperança. Na fazenda dos Norton, havia um grupo com bom número de pessoas. Finalmente, quando o último dia da profecia chegou, os fiéis à promessa do retorno de Jesus estavam reunidos em vários locais dos Estados Unidos e, alguns, na Europa, alcançados pelos impressos de Miller e pregadores missionários.

Era dia 21 de março de 1844, um grupo de mais de setenta pessoas, incluindo mulheres e crianças, estava no pátio da fazenda dos Norton. Cantavam hinos, liam a Bíblia e, com certa constância, olhavam para o céu.

Allice andava sorridente entre as pessoas, com a barriga já em evidência (não muito grande, pois estava, no máximo, no sexto mês). Jerryl, assentado à mesa de madeira, almoçava e seus olhos cuidavam do avanço da esposa. Estava contente com a vinda de Jesus para aquele dia, pois Allice, depois daquele cruel inverno e, também, em razão da gravidez, estava bem debilitada em sua saúde. Não sabia por mais quanto tempo ela poderia suportar.

As horas do dia foram avançando calmamente – parecia até estar demorando mais que os outros. Algumas pessoas falavam que o dia terminava ao pôr do sol e outras falavam que terminaria à meia-noite.

Quando o sol se escondeu no horizonte, sem qualquer sinal da vinda do Messias, todos passaram a crer na segunda hipótese.

O medo tomou conta de alguns, mas a esperança era forte na maioria. Sem mais delongas, o que tenho a dizer é que, à meia-noite, Jesus não voltou.

Alguns choraram e houve pessoas que até conferiram o calendário. Um grupo, junto com o pastor Anatoli, discutia a profecia com suas Bíblias abertas. Onde estava o erro? Era a pergunta de todos.

– Ele não voltou – disse Allice com o rosto mais pálido que nunca.

– Deve ter algum erro de cálculo. Já estão verificando isso – disse Jerryl para a esposa.

– Será que o erro é grande? – perguntou ela. Com o medo desenhado no semblante, disse: – Não sei se tenho muito tempo.

Havia uma Bíblia no colo de Allice. Ela a abriu e a contracapa revelou a escrita de dois nomes: Allice N. McNolan e Jerryl J. McNolan.

Jerryl tomou a Bíblia do casal nas mãos e, aleatoriamente, a folheou. Creio que o Espírito de Deus ou um de Seus anjos o ajudou a folhear, pois parou no livro de Habacuque e os olhos do ferreiro leram o capítulo 2, verso 3:

– Olhe este texto – disse Jerryl, e leu em voz alta: – “Pois a visão aguarda um tempo designado; ela fala do fim, e não falhará. Ainda que demore, espere-a; porque ela certamente virá e não se atrasará.”

Um conforto sobrenatural aqueceu o coração daqueles jovens e eles espalharam o precioso texto entre os demais da campal. Não sabiam que aquele texto seria, um pouco mais à frente, estudado pelos mileritas com exaustão e em conjunto com Mateus 25:5 e 6,[1] durante o período que chamaram de “Tempo de Tardança”.

Lendo o texto de Habacuque, apesar de extremamente decepcionados, os mileritas daquele acampamento animavam uns aos outros: “Ainda que

demore, espere-a; porque ela certamente virá e não se atrasará.”

Foi uma longa noite e alguns não conseguiriam superar a decepção. Sentiram-se alvo de um engano pré-organizado e, no dia seguinte, voltaram para seus lares. Jamais aceitariam ouvir falar de Guilherme Miller mais uma vez.

Outros, embora continuassem firmes no começo do período da tardança, desanimariam com as perseguições de suas igrejas mães.
Os movimentos de indignação e contrariedade ao milerismo tomaram força e os membros das igrejas exigiam a exclusão daqueles que insistiam no estudo da profecia de Daniel, procurando erros.

No Condado Novo, o pastor Anatoli abandonou a fé no breve advento. Aceitou a imposição de um grupo liderado por Fearnot, que começou fraco, mas tomou vulto. Num culto realizado um mês depois do desapontamento de 21 de março de 1844, o pastor disse duras palavras:

– Eu assumo que errei ao acreditar nos escritos de Guilherme Miller. Jesus não veio na data prevista por ele e não virá em qualquer outra data assinalada por homens. Sou um pastor metodista e assim permanecerei. Aquele que desejar continuar na farsa orquestrada pelo falso profeta Miller, considere-se um milerita e, jamais, um metodista. Convido essas pessoas, que não professam a mesma fé que nós, a abandonar nossa casa de adoração e não mais incomodar estas ovelhas de Deus com interpretações fantasiosas das profecias bíblicas.

Um a um, os mileritas se levantaram dos bancos. Eram poucos naquela ocasião, pois, como eu disse, a grande maioria não resistiu às pressões pós-decepção. Entre as pessoas que se levantaram naquela noite, estavam os componentes da família Norton e McNolan.
Do púlpito, o pastor Anatoli chorou. Um dia, conversando com Gerald, confessou-lhe: “Foram os melhores meses da minha vida e me arrependo amargamente em não ter permanecido com vocês até o fim.”

Os mileritas remanescentes daquele condado passaram a congregar na fazenda dos Norton. Ali oravam, cantavam e liam a Palavra de Deus, sempre ansiosos por Sua revelação. Passaram a enviar com frequência um

mensageiro para Low Hampton e cidades vizinhas, em busca de impressos de Guilherme Miller, em especial um chamado *Signs of the Times*, organizado e impresso por Josué V. Himes.[2]

A primavera trouxera suas flores, mas não conseguiu trazer consigo qualquer alívio para a doença de Allice que, com a gravidez quase no fim, tinha severas crises.

Os mileritas da fazenda Norton oravam pela renovação de suas esperanças e, também, pelo milagre da cura para Allice.

Numa noite do mês de junho de 1844, a jovem esposa se sentou na cadeira de balanço ao ar livre, no pátio da propriedade. Na cadeira ao lado, sentou-se Jerryl e alisou a barriga dela. Lá dentro, a criança mexeu e ambos a sentiram. Sorriram felizes e Allice olhou pensativa para as estrelas. Disse:

– A noiva está pronta, mas o Noivo tarda.

Jerryl não tinha palavras. Orava em silêncio: *Senhor, cura minha esposa; cuida de nosso filho.*

– Eu só quero gerar esta criança, meu amor – disse ela, olhando para o marido. Seu lívido rosto desenhou um sorriso cansado. – Você cuidará bem do nosso filho?

– Allice, não diga...

– Digo – interrompeu ela. – Se minha saúde não suportar até Jesus voltar, você cuidará bem do nosso filho?

– Cuidarei – prometeu o marido. – Mas Jesus pode vir a qualquer momento. Os sinais, a profecia. E, minha querida, estamos orando por sua cura.

– Nem todas as histórias são sobre milagres, Jerryl – Allice disse, olhando novamente para o céu salpicado de estrelas.

1. Mateus 25:5, 6: “O noivo demorou a chegar, e todas ficaram com sono e adormeceram. À meia- noite, ouviu-se um grito: ‘O noivo se aproxima! Saiam para encontrá-lo!’”

2. Nome da revista e seu editor não são fictícios.



No fim do mês de julho, Allice teve fortes contrações. Lutou pela vida durante os últimos meses e venceu a cada dia. Tossia fortemente e uma infecção sem volta havia tomado conta de seus pulmões. Estava fraca, não sentia fome, mas forçava a alimentação, pois o *bebê precisa!*, dizia ela constantemente.

O Dr. Jacke a visitava com frequência e estava sinceramente admirado por Allice ter conseguido levar a gestação àquele ponto. “Se esta criança nascer com vida, é um milagre”, disse ele a Jerryl num dia, depois de consultá-la.

Mas, como eu dizia, Allice teve fortes contrações. O milagre da vida estava chegando. Lea, a matriarca daquela família, era parteira. Entrou no quarto com Maysa como ajudante. Ao lado delas, o Dr. Jacke monitorava a delicada situação da jovem mãe.

Do lado de fora do quarto, estavam os homens. O garoto Joe trouxe um chá para o nervoso Jerryl e para o pai Gerald. Nolan, aparentemente, estava mais calmo.

Alguns eternos minutos depois, ouviram um choro de criança. Jerryl correu para a porta do quarto e abriu uma pequena fresta. Lea já havia cortado o cordão e colocado a presilha no umbigo, e começava a limpar a criança, enrolando-a numa manta branca.

– É uma menina! – disse a nova avó e Jerryl sorriu pela fresta.

– É UMA MENINA! – ele gritou para todos na sala, e a família vibrou.

Jerryl fechou a porta e colocou as costas na parede. Estava com o coração alegre e, ao mesmo tempo, preocupado. O que seria de Allice? Como ela estava? Ia ficar tudo bem?

Após alguns minutos, Maysa saiu do quarto, seguida de sua mãe Lea. Ambas choravam e não disseram uma palavra ao passar por McNolan. Antes que o ferreiro abrisse a porta para entrar no quarto, o Dr. Jacke a abriu e parou sob o umbral. Colocou a mão no ombro de Jerryl e meneou a cabeça com uma expressão de pesar.

– Não dá para conter a hemorragia – disse o médico. – Esteja com ela e com sua filha neste momento.

Jerryl sentiu a pontada no peito, mas entrou no quarto. Sentou-se ao lado da sorridente esposa, que disse:

– Chame-a de Hope,[1] meu amor.

Allice alisava a pequena cabeça da recém-nascida. Hope estava aconchegada entre seus braços e dormia como se ainda estivesse no ventre da mãe.

– O Dr. Jacke falou que...

– Que Jesus, para mim, volta hoje – ela disse e deu um sorriso amargo, ainda olhando para a filha. – Eu queria vê-la crescer – levantou o rosto e olhou para Jerryl. – Ame-a em dobro; ame-a por você e por mim.

– Estou orando por um milagre – disse McNolan.

– Jerryl, meu amor – Allice falou e colocou uma das mãos no rosto de seu amado. – Nem toda história é sobre milagres – sorriu com certo esforço, mas havia muita paz naquele sorriso. – A nossa história é sobre esperança, fé, perseverança e, acima de tudo, sobre amor.

Uma lágrima escorreu solitária no rosto do marido e ele beijou a mão de Allice.

– Eu amo você – disse ele.

– Eu também amo você. Lembre-se do que estudamos na Bíblia. A morte é apenas um sono. Quando eu ressuscitar no dia em que Jesus voltar, quero ir para o Céu com você, meu amor.

Foi a vez de Jerryl dar aquele sorriso amargo, forçado, espremendo a dor.

– Eu vou estar lá. Eu e Hope estaremos lá.

– Vamos para o Céu juntos – ela disse quase sem forças. A cor de seu rosto era tão branca como uma nuvem no céu azul que eram seus olhos.

Eles queriam ter mais tempo juntos neste mundo. Era o desejo do coração de ambos. Terem mais filhos, crescerem em amor, viverem um ao lado do outro.

Os olhos de Allice ficaram mais pesados e sua respiração profunda. A dor era forte, mas, estranhamente, ela a ignorava. Pensava no retorno de Cristo e que iria dormir segurando na mão do homem que fez dela uma mulher feliz, tendo no colo o milagroso fruto daquela união. Esperança. Hope.

– Vou apenas dormir – disse Allice com voz distante e olhos fechados. – E meu despertar será para a vida eterna, onde não haverá mais dor. Meu Deus, agradeço cada segundo de vida que me concedeste. Obrigada por este homem maravilhoso que está ao meu lado. Não haveria pessoa melhor para cuidar da minha amada filha. Esperança. Protege-os, meu Deus; meu desejo é tê-los ao meu lado para podermos abraçar juntos Seu Filho Jesus. A Ti me entrego agora.

Jerryl sentiu a mão de Allice escorregando das suas. Tornou a beijá- la e contemplou a face de sua amada. Parecia uma princesa dos contos de fada, dormindo um sono encantado.

A vida fora doce ao lado dela e, por isso, aquele momento era tão amargo. A dor era tão intensa, pois seu amor era igualmente imenso. Sofreu com tamanha força, pois amou na mesma intensidade.

Tomou Hope em seus braços e chorou. Buscando forças, levantou- se. Saiu do quarto e andou por um corredor que levava à sala. Ali, os Nortons e McNolans choravam.

Então, lembrou-se de uma passagem em Lucas 8:52[2] e a parafraseou:

– Não chorem, Allice apenas dorme – mas ele mesmo não conseguia conter as lágrimas.



Jill e Vane choravam. Os garotos seguravam a emoção, mas não resistiram ao verem o próprio Sr. Jordan embargar a voz e enxugar lágrimas no rosto.

O velho homem pigarreou e, ainda com dificuldade na voz, continuou:

– Os dias seguintes foram difíceis.



A casa de Jerryl estava vazia e a dor da saudade era intensa. Mas, no berço, estava, literalmente, sua Esperança (Hope).

Uma das senhoras mileritas da fazenda era a ama de leite do bebê que, com seus olhos azuis, lembrava as feições de Allice.

Jerryl ficou sem trabalhar por alguns dias, cuidando da pequena Hope. Depois, voltou para a ferraria, retomando suas atividades. Os negócios haviam caído, pois muitas pessoas se tornaram hostis àqueles que abertamente se declaravam mileritas.

As mulheres da família Norton e a própria Marta McNolan se revezavam nos cuidados do novo membro da família. Também davam muita atenção a Jerryl, tentando reanimá-lo, mas suas esperanças só tomaram vulto no meio do mês de setembro, quando o velho viajante Ted trouxe consigo um

punhado de impressos, entre eles um denominado Midnight Cry [O Clamor da Meia-Noite]. Nolan o estudou com avidez e, depois de compreender seu conteúdo, fechou as portas da ferraria e, com toda a família e Ted, dirigiu-se para a fazenda.

Durante o restante do dia, estudaram o impresso e ouviram tudo o que Ted sabia a respeito de sua elaboração. Ao cair da noite, reuniram os mileritas e explicaram para todos. Foi Gerald quem dirigiu a palavra:

– No mês de agosto, um irmão milerita chamado José Bates, que se reunia numa campal em Exeter, New Hampshire, deu a palavra a um homem chamado Samuel Snow, o qual disse que havíamos passado por alto alguns pontos da profecia de Daniel, pois temos afirmado que os 2.300 anos começaram na primavera de 457 a.C. e terminaram na primavera de 1844 d.C.

Gerald prosseguiu:

– Mas, observem, conforme diz este impresso que tenho em mãos, o Midnigth Cry, os 2.300 anos devem começar com "a saída da ordem para restaurar e edificar Jerusalém", conforme Daniel 9:25, sendo que Esdras 7:8[3] afirma que esse decreto só alcançou Jerusalém após o quinto mês do ano daquele rei. Vale lembrar que os anos bíblicos começam e terminam na primavera, e se o decreto não começou a vigorar depois do quinto mês, devemos estender a interpretação além do início da primavera de 1844. Observem que Jesus, em Sua primeira vinda, foi crucificado exatamente na Páscoa judaica, no primeiro mês, na primavera do ano. A Páscoa era a principal festa da primavera e o Messias Se entregou exatamente como o cordeiro era entregue no Templo, enquanto o Dia da Expiação ocorre no outono, exatamente no décimo dia do sétimo mês judaico.

Ele fez uma pausa e continuou:

– Ora, se Jesus Se entregou, com exatidão, como cordeiro na mesma data pascoal, Ele expiará, Ele purificará o santuário, da mesma forma literal que o fez quando cumpriu a primeira parte da profecia que estudamos. E, meus queridos irmãos, segundo o impresso que tenho em mãos e, sem sombra de dúvidas, de acordo com o que estamos vendo, o décimo dia do sétimo mês judaico recai, com exatidão, no dia 22 de outubro de 1844. Essa é a data definitiva para o retorno de Jesus.[4]

1. Hope, em inglês, é Esperança.

2. Lucas 8:52: “Todo o povo estava se lamentando e chorando por ela. ‘Não chorem’, disse Jesus. ‘Ela não está morta, mas dorme.’”

3. Esdras 7:8: “Esdras chegou a Jerusalém no quinto mês do sétimo ano desse reinado.”

4. Dados extraídos de C. Mervyn Maxwell, *História do Adventismo* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1982), p. 29-34.



Os mileritas presentes se entreolharam. Gerald encerrou a mensagem e todos se reuniram, discutindo em grupos e conferindo as informações e textos de referência na Bíblia. Por volta das onze horas daquela noite, Jerryl colocou Hope em seu berço. Saiu na varanda e sentou-se sob a luz de uma lamparina a óleo. As vozes dos mileritas chegavam quase em um sussurro aos seus ouvidos.

– Não vai se reunir com os demais? – perguntou Joe, sentando-se num dos bancos.

– Acho que não – respondeu Jerryl. Ambos ficaram em silêncio, contemplando a escuridão.

– O que você achou do “clamor da meia-noite”? – perguntou o garoto, referindo-se ao estudo.

McNolan pensou por um breve momento. Sabia exatamente o que achava, mas avaliava se gostaria de compartilhar aquilo com alguém. Olhou para Joe, o jovem menino que o ajudou como pombo-correio no começo de sua corte a Allice.

– Eu tenho medo, Joe – confessou. – Tenho medo de sentir, novamente, uma nova esperança.

– Eu também sinto falta dela – disse o garoto. Então, o Espírito Santo o impressionou e ele disse: – Se não for a esperança, o que nos resta? Se não esperarmos mais e mais, se não desejarmos com toda a vontade a vinda do Senhor Jesus, o que nos resta?

– Só nos sobra o vazio – respondeu Jerryl, sentindo o mesmo mover suave do Espírito de Deus. – Aleluia! – disse e sorriu com o coração acalentado. – Prefiro escolher a esperança, Joe... A esperança... Se Hope chorar, me chame na casa principal.

Jerryl saiu correndo e deixou Joe na sacada de sua casa. Entrou na sala onde estavam os mileritas, pediu a atenção de todos e disse:

– Irmãos, estamos estudando há horas sobre a interpretação para uma nova data. Se olharmos secamente, a resposta é óbvia: algo acontecerá em 22 de outubro de 1844. Sim, o santuário será purificado, não tenham dúvida, e a nova data é evidente dentro do estudo que estamos fazendo. Mas eu creio que a pergunta mais importante a ser feita nesta noite é: Quero ter esperança mais uma vez?

Todos olhavam para Jerryl e ele continuou:

– É nosso desejo acreditar nessa nova data, aguardar, com toda a convicção, com toda a esperança, que Jesus voltará exatamente nesse dia? Irmãos, eu perdi minha esposa. Eu tive a doce esperança de subir aos Céus com ela grávida, mas Jesus não veio na data anteriormente estipulada. Allice não suportou dar à luz nossa filha Hope e faleceu. Agora eu posso ter uma nova esperança de reencontrá-la daqui a aproximadamente dois meses. E me pergunto: Eu quero ter novamente essa esperança? Quero correr o risco de sofrer uma nova e amarga decepção? – Ele fez silêncio e deu a resposta: – Sim. Eu escolho ter fé. Escolho acreditar. Escolho confiar no meu Senhor. Enfim, eu tenho esperança de que Jesus voltará em 22 de outubro de 1844.

Deram “aleluias!” e glorificaram a Deus. Essa era a questão, afinal. Os mileritas daquela fazenda fizeram a mesma escolha e, no dia seguinte, estavam pela cidade, espalhando e explicando o impresso que Ted havia trazido. Era o “clamor da meia-noite” e muitos o ouviram.

Avançaram pelo mês de setembro num ritmo de intenso trabalho evangélico, anunciando a mensagem angélica de Apocalipse 14:7: “Temam a Deus e glorifiquem-nO, pois chegou a hora do Seu juízo.”

O movimento tomava vulto em toda a América do Norte e muitos, diante das evidências, aceitaram o novo chamado. No Condado Novo, foram poucos os que aceitaram. Pelo menos, receberam as explicações para a nova previsão. A maioria das pessoas ainda sentia amargura pela última decepção. Porém, muitos daqueles que, embora não professassem sua fé no breve advento, reavaliaram o coração e, se Jesus voltasse, estariam preparados.

Por mais uma vez, e ainda com mais intensidade, as cenas do dia 21 de março se repetiram. Pessoas não colheram os produtos da terra e algumas delas tinham vendido tudo para doar ao ministério de publicações, a fim de que o alerta do fim do mundo alcançasse o maior número de pessoas possível.

Porém...

Jesus não voltou na manhã do dia 22 de outubro.

Jesus não voltou ao meio-dia do dia 22 de outubro.

Jesus não voltou ao pôr do sol do dia 22 de outubro.

Sobre aquele dia, Guilherme Miller escreveria em outra oportunidade: “Passou. E no dia seguinte parecia que todos os demônios do abismo foram soltos. As mesmas pessoas e muitas mais que estavam clamando por misericórdia dois dias antes, misturavam-se agora com a ralé, caçoando e ameaçando com blasfêmias.”[1]

A realidade não foi diferente para os mileritas da fazenda Norton. No dia seguinte, alguns acusavam Ted, e outros lançavam suas setas contra os McNolan ou Gerald, que sempre tomou a postura de líder. Um tumulto mais sério, promovido por uma minoria que poderia ter insuflado outras pessoas mais pacíficas na campal, só não ocorreu em razão da presença de Jim Brautigan que, embora desarmado e com uma nova profissão de sitiante (havia comprado uma pequena propriedade ao norte do condado), ainda desfrutava de muito respeito.

Na metade do dia 23 de outubro de 1844, pessoas discutiam avidamente à

mesa da refeição. Jerryl, com Hope no colo, levantou a voz e, com autoridade, disse:

– Aqueles que têm um lar para retornar, que retornem. Aqueles que não têm, se desejarem ficar por um tempo, até se restabelecerem, haverá trabalho a ser feito na fazenda. Ainda há tempo para plantarmos batatas e outras coisas que a terra aceite antes de chegar o inverno. A esperança do retorno de Jesus ainda permanece em meu coração e aquele que ainda a nutrir, me chame de irmão. Quem está descontente, por favor, retire-se desta casa, pois aqui não será lugar de contenda.

No terceiro dia, a fazenda estava quase deserta. Apenas um grupo de dez pessoas ficou e foi empregado no local. Plantaram e colheram antes do inverno e os anjos de Deus providenciaram para que os produtos da terra fossem tão bons quanto os das pessoas que plantaram no tempo certo.

Todas as noites, quando ficava sozinho, Jerryl chorava em sua cama vazia. Seu consolo era a presença do Espírito Santo e, não poucas vezes durante aquele amargo período de forte decepção, o jovem sentia que estava chorando no colo do Pai celestial. Em oração, sempre falava de seu desejo de reencontrar Allice, mas isso não acontecera no dia previsto. Jesus não havia voltado.

Certa noite, lendo a Bíblia, deparou-se com a história dos apóstolos de Jesus, que esperavam ser Ele o novo rei terrestre de Jerusalém. Quão amargo, pensou Jerryl, foi verem o Cristo pendurado no madeiro, morto por crucifixão. Mas a promessa do Messias e as profecias da Palavra de Deus estavam além da compreensão daqueles homens. Havia muito mais: Jesus ressuscitou no terceiro dia, andou entre os homens e subiu ao Céu, para ser o Rei dos reis. Com toda certeza, havia muito mais na profecia de Daniel das 2.300 tardes e manhãs e os homens ainda não haviam enxergado toda a sua magnitude.

Jerryl permaneceu com os Nolan, trabalhando na fazenda e, às vezes, utilizando uma forja que fabricou na propriedade. Joe e Maysa ajudavam muito na educação da pequena Hope, que crescia graciosa, cada vez mais parecida com Allice.

Em 20 de dezembro de 1849, Guilherme Miller faleceu sem perder a esperança. Em novembro de 1844, em uma carta aberta enviada a Himes, ele escreveu: “Fixei minha mente sobre outro tempo, e aqui pretendo permanecer até que Deus me dê mais luz – E isto é Hoje, Hoje e Hoje até que Ele venha.”[2] Ao descansar o sono da morte, tinha plena certeza de que Jesus, a Seu tempo, iria voltar.

Nas vésperas do Natal de 1849, Ted trouxe a notícia do falecimento de Miller para os moradores do Condado Novo. O velho viajante participou da ceia de Natal na fazenda dos Norton, onde estava a família de Jim Brautigan e os McNolan.

A certa altura, Maysa foi ao piano e iniciou o toque de um hino.
A pequena Hope, agora com cinco anos de idade, cantou a bela letra e, ao fim, um tanto envergonhada, correu para os braços de Jerryl e ali escondeu o rosto de bochechas avermelhadas.

– Vivo por você, Hope – disse Jerryl McNolan ao ouvido da pequena filha. – Vivo pela esperança. Hoje, hoje, hoje.

---

1. Carta escrita a mão, 13 de dezembro de 1844, como citada em Paul A. Gordon, *Herald of the Midnight Cry: William Miller and the 1844 Movement* (Boise, ID: Pacific Press, 1990), p. 103, conforme referência de artigo de Joan Francis publicado em http://dialogue.adventist.org/articles/06_3_francis_p.htm e acessado em 17/11/2011.

2. Carta escrita a mão, 13 de dezembro de 1844, como citada em Paul A. Gordon, *Herald of the Midnight Cry: William Miller and the 1844 Movement* (Boise, ID: Pacific Press, 1990), p. 107, conforme referência de artigo de Joan Francis publicado em http://dialogue.adventist.org/articles/06_3_francis_p.htm e acessado em 17/11/2011.



O Sr. Jordan olhou para os jovens à sua frente. Estava claro em suas expressões que tinham perguntas.

– Quem contou essa história para o senhor? – perguntou Sam.

– Eu estava lá – respondeu o Sr. Jordan. – Vi tudo com meus próprios olhos.

– O senhor é uma das pessoas que aparece na história?

O velho homem recostou na cadeira e sorriu. Seus olhos perguntavam: Não querem arriscar um palpite?

Enquanto os demais avaliavam as possibilidades, Matheus, com a surrada Bíblia nas mãos, havia aberto a capa e lido os nomes ali escritos. Então ele fez uma pergunta:

– Qual era o nome de solteira da mãe de Jerryl, a Sra. Marta?

Os demais estranharam, pois a questão parecia não ter nada de relevante.

– Quer arriscar? – perguntou o homem, piscando um olho.

– Era Jordan – disse o mais novo, sem titubear. – Ela se chamava Marta Jordan?

Vane, Sam e Jill ficaram atônitos quando, com um sorriso sincero, Jerryl

Jordan McNolan balançou afirmativamente a cabeça.

– A Sra. O’Brian é a Hope? – perguntou Jill.

– Sim – respondeu Jerryl. – Hope Norton McNolan, mas recebeu o nome de seu marido quando se casou.

– O Senhor nunca mais se casou? – foi a vez de Sam perguntar.

– Não. Embora não veja qualquer mal em pessoas reconstruírem a vida depois de perder a pessoa amada. Eu não tive o que reconstruir. Estava inteiro, sendo pai e lavrador.

– Mas por que o senhor mudou de nome? – perguntou Vane.

– Por vinte anos morei no Condado Novo. Depois resolvi me mudar para cá, onde vivia a família da minha mãe. Aqui eu era conhecido pelo nome materno, Jordan, e assim ficou, até hoje.

– E os mileritas, o que aconteceu com eles? – questionou Sam.

– O movimento acabou. Bem, na verdade, ficou dividido entre o fanatismo e pessoas que se embrenharam no devotado estudo da Bíblia. Alguns passaram a marcar novas datas para o retorno de Jesus, e continuam marcando. Essas são pessoas que acreditam que a profecia de Daniel se refere, realmente, ao retorno de Jesus. Outros afirmaram que Jesus voltou em 1844, mas em espírito, e que tudo na Terra continuou normalmente. Mas outro grupo de pessoas passou a estudar a Palavra de Deus e a descobrir maravilhas. Descobriram que a grande decepção estava prevista em Apocalipse 10:10: “Peguei o livrinho da mão do anjo e o comi. Ele me pareceu doce como mel em minha boca; mas, ao comê-lo, senti que o meu estômago ficou amargo.”

O Sr. Jordam prosseguiu:

– Estudaram Hebreus 9:23-26[1] e entenderam o real significado do termo “o santuário será reconsagrado”, usado em Daniel 8:14. Depois de compreenderem Hebreus, chegaram à conclusão lógica de que o santuário a que a profecia se refere não era a Terra. Jesus não voltaria em 1844. A

verdade é que existe um santuário lá no Céu. Há um santuário celeste, sendo que o terreno, construído pelo povo de Israel, segundo o modelo dado por Deus (Êx 25:9, 40; 26:30), era apenas uma figura do verdadeiro que está no Céu. O simbólico dia da purificação do santuário de Israel era o dia do juízo para aquele povo, o chamado Yom Kippur. Portanto, o dia da purificação do santuário celestial iniciou, também, o dia do juízo da humanidade. Jesus passou do lugar santo para o santíssimo no santuário celeste, e por isso há a advertência profética de Apocalipse 4:11.[2] Estamos vivendo no tempo do fim, quando Jesus Se coloca como Sumo Sacerdote no lugar santo dos santos. Essa passagem ocorreu em 22 de outubro de 1844, conforme a profecia de Daniel; era isso que estava previsto e não o retorno de Jesus.

– A decepção de 1844, a mensagem angélica alertando para o Juízo e a existência de um remanescente fiel no tempo do fim, que guarda os mandamentos de Deus e tem o testemunho de Jesus,[3] são profecias previstas na Bíblia. Esse grupo que nasceu das profecias bíblicas recebeu o nome de adventistas do sétimo dia, nome este que referendava duas de suas doutrinas fundamentais: a fé no advento (sem marcar datas) e a obediência a todos os mandamentos de Deus, incluindo a guarda do sábado bíblico.[4]

– O Espírito de Profecia se manifestou na Igreja através de uma jovem chamada Ellen Gould Harmon, que casou com outro pioneiro adventista, chamado Tiago White, que foi o grande responsável pelo início da obra de publicações da Igreja. A então jovem, depois de se casar, passou a assinar Ellen G. White. Há muitos livros de seus escritos inspirados.
A decepção que enfrentamos em 1844 só pode ser comparada à decepção dos apóstolos quando viram Jesus crucificado. Eles esperavam um Rei e nós esperávamos a vinda desse Rei. Mas a Palavra de Deus sempre revela algo bem maior. Do desapontamento da cruz surgiu o cristianismo; do desapontamento de 1844, surgiu o adventismo. Na fazenda dos Norton, continuamos a estudar a Bíblia e, constantemente, recebíamos novos impressos dos adventistas e eu me tornei um deles – concluiu Jordan.

De fato, os garotos se lembraram de uma pequena igreja na cidade, onde o Sr. Jordan congregava com outras quinze pessoas, aproximadamente.

– Foi realmente o Palmer quem talhou o nome nesta mesa? – perguntou Matheus, apontando a antiga escrita na madeira.

– Sim, foi meu irmão Palmer. Aliás, tanto ele como Ralph estão muito bem. Mudaram-se para o norte do Estado de Nova York e têm uma grande família. Às vezes os visito. – Ele fez uma pausa e disse: – Tenho mais coisas para mostrar. Jill, em meu quarto, sobre o criado, há uma rosa de metal. Busque-a para nós. Sam, suba em uma cadeira e traga o florete que está sobre a lareira, com cuidado.

Momentos depois, os dois jovens saíam da casa.

– Esta é a rosa que fiz para Allice – disse Jerryl, passando-a para as mãos de seus ouvintes. – E este é o florete com o qual lutei com Zachary Brat. E não precisam fazer essas caras de reverência. São simples objetos que guardo como recordação de um tempo que já passou.

Os jovens olharam a rosa e a espada. Também olharam a contracapa da Bíblia. Era fascinante ver aqueles detalhes depois de ouvir a história. Era como se pudessem apalpar os fatos contados.

Jill deixou a rosa sobre a mesa. Levantou-se e foi em direção ao velho homem na cadeira. O abraçou bem forte e uma lágrima molhou os cabelos brancos de McNolan.

– Obrigada pela história, Jerryl – disse ela. – Eu também acredito que Jesus vai voltar.

Sam se levantou e se juntou ao abraço, seguido de Matheus e Vane. Fizeram um bolinho de gente abraçada. A emoção tomou conta e aqueles jovens sentiram o forte desejo de conhecer mais o Autor da promessa, o Messias, Jesus Cristo.

Soltaram o velho Jerryl e ele, mais uma vez, enxugou as lágrimas. Levantou-se e atravessou a casa com seus visitantes. Na porta, despediu-se de cada um deles com um forte abraço (os quatro passaram a estudar a Bíblia e foram batizados na Igreja Adventista do Sétimo Dia daquela cidade, representando grande bênção para a comunidade).

Quando os jovens estavam atravessando o portão de saída, Matheus parou. Virou-se e perguntou em voz alta:

– É assim que termina sua história, Sr. Jordan?

– Minha história – respondeu Jerryl, com boa potência na voz – só terminará quando eu me prostrar aos pés de Jesus, no Céu. Aliás, creio que será aí que minha história realmente começará.

Os meninos e meninas sorriram. Acenaram a despedida e voltaram para suas casas. Gostariam de visitar outras vezes o velho homem, mas isso não foi possível. Naquela noite, Jerryl Jordan McNolan sentou-se em sua cama e segurou a rosa prateada. Seu rosto marcado por incontáveis rugas se refletia em cada pétala da flor metálica que, vagarosamente, escorregou por entre seus dedos. Ela caiu no chão de madeira e ali descansou, como seu artesão que, sentindo uma pontada no peito, deitou-se na cama, e disse baixinho:

– Vivi pela esperança. Hoje, hoje, hoje – e então, dormiu para este mundo, para despertar apenas naquele grande dia; o dia da promessa, pois sua história só terá fim depois de ressuscitar e prostrar-se aos pés de Jesus.

---

1. Hebreus 9:23-26: “Portanto, era necessário que as cópias das coisas que estão nos Céus fossem purificadas com esses sacrifícios, mas as próprias coisas celestiais com sacrifícios superiores. Pois Cristo não entrou em santuário feito por homens, uma simples representação do verdadeiro; Ele entrou nos Céus, para agora Se apresentar diante de Deus em nosso favor; não, porém, para Se oferecer repetidas vezes, à semelhança do sumo sacerdote que entra no Santo dos Santos todos os anos, com sangue alheio. Se assim fosse, Cristo precisaria sofrer muitas vezes, desde o começo do mundo. Mas agora Ele apareceu uma vez por todas no fim dos tempos, para aniquilar o pecado mediante o sacrifício de si mesmo.”

2. Apocalipse 14:6, 7: “Vi outro anjo, que voava pelo céu e tinha na mão o evangelho eterno para proclamar aos que habitam na Terra, a toda nação, tribo, língua e povo. Ele disse em alta voz: ‘Temam a Deus e glorifiquem-nO, pois chegou a hora do Seu juízo.’”

3. Apocalipse 12:17, 18; 19:10: “O dragão irou-se contra a mulher e saiu para guerrear contra o restante da sua descendência, os que obedecem aos mandamentos de Deus e se mantêm fiéis ao testemunho de Jesus. Então o dragão se pôs em pé na areia do mar. [...] Caí aos seus pés para adorá-lo, mas

ele me disse: ‘Não faça isso! Sou servo como você e como os seus irmãos que se mantêm fiéis ao testemunho de Jesus. Adore a Deus! O testemunho de Jesus é o espírito de profecia.‘”

4. Êxodo 20:8-11: “Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo. Trabalharás seis dias e neles farás todos os teus trabalhos, mas o sétimo dia é o sábado dedicado ao Senhor, o teu Deus. Nesse dia não farás trabalho algum, nem tu, nem teus filhos ou filhas, nem teus servos ou servas, nem teus animais, nem os estrangeiros que morarem em tuas cidades. Pois em seis dias o Senhor fez os céus e a Terra, o mar e tudo o que neles existe, mas no sétimo dia descansou. Portanto, o Senhor abençoou o sétimo dia e o santificou.”

Apêndice 1

O Que Aconteceu em 1844

Tudo começou com um fazendeiro chamado Guilherme Miller. Ele estudou a Bíblia e passou a calcular uma data que acreditava prever o retorno de Cristo. Inicialmente, seus cálculos apontaram que Cristo retornaria em 1843. Na década de 1830, Guilherme Miller pregou sobre sua interpretação das profecias. Iniciou-se, então, o movimento milerita.

Jesus não retornou em 1843 e muitos dos seguidores de Miller deixaram o movimento. Miller anunciou que havia cometido um erro em seus cálculos, estabelecendo que Cristo retornaria no Dia da Expiação, em 22 de outubro de 1844.

Porém, houve outro amargo desapontamento. Cristo não voltou e Miller reconheceu o equívoco, sendo que muitos mileritas voltaram para suas igrejas anteriores.

Após esse desapontamento, ainda havia um grupo de pessoas reavivadas, que passou a estudar com mais fervor a Palavra de Deus. Eles concluíram que, embora a data de 22 de outubro de 1844 estivesse correta, o evento estava errado. Descobriram que o santuário que seria purificado naquela data, segundo a profecia de Daniel, não estava na Terra, mas no Céu. Jesus havia entrado no santo dos santos do santuário celestial, onde daria início a Sua obra de julgamento. Hoje, Jesus atua como nosso Sumo Sacerdote, ministrando todos os benefícios de Sua morte substitutiva para aqueles que se achegam a Ele.

Apesar de Jesus não ter vindo como os mileritas pensavam, um pequeno grupo de crentes desapontados descobriu novas verdades na Bíblia, e isso se tornou uma mensagem poderosa.

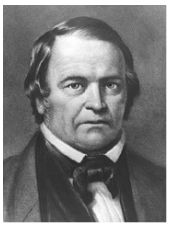
Vale lembrar o que aconteceu na cruz, quando os discípulos viram Jesus crucificado. Esse foi um momento de verdadeiro terror para eles, mas os que perseveraram na fé tiveram o privilégio de ver Cristo ressurreto e

participar do grandioso evento do nascimento da Igreja: o Pentecostes. Do desapontamento da cruz, nascia o cristianismo.

Da mesma maneira, do desapontamento de 1844, profetizado em Apocalipse 10:10: “Peguei o livrinho da mão do anjo e o comi. Ele me pareceu doce como mel em minha boca; mas, ao comê-lo, senti que o meu estômago ficou amargo”, nasceu o movimento adventista do sétimo dia, com sua fé firmemente ancorada no breve retorno de Jesus e com o compromisso de pregar toda a verdade bíblica.

A profecia das 2.300 tardes e manhãs, de Daniel 8, é a última profecia de tempo na Bíblia, sendo que o ano de 1844 indica o início do juízo investigativo e se insere no começo do tempo do fim, em que nós vivemos hoje.

Apêndice 2
Personagens Reais



Guilherme Miller

Nascido em 15 de fevereiro de 1782, Guilherme Miller era o mais velho de dezesseis filhos. Seu pai era um soldado da guerra revolucionária americana. Morava em Low Hampton, estado de Nova York. Teve várias profissões, sendo alcaide, juiz de paz e xerife comissionado e militar. "Recebeu o posto de tenente de milícia em 1810, passou a capitão dos voluntários, ao começar a guerra, e pouco mais tarde ingressou no exército regular com o posto de primeiro-tenente" (Everett Dick, *Fundadores da Mensagem*, p. 17).

Miller era, antes de mais nada, um intelectual, um estudioso da Palavra de Deus, embora tenha relutado até finalmente levar adiante a interpretação de Daniel 8:14. Em 1816, ele começou seus estudos mais aprofundados da Bíblia e, em 1818, teve a primeira interpretação sobre as 2.300 tardes e manhãs. Ele lutou contra a consciência, com receio de que viesse confundir alguém.

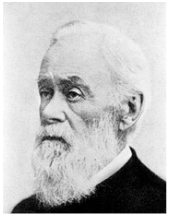
Em agosto de 1831, treze anos após ter interpretado a profecia, Guilherme sentia o peso insuportável de sua missão. Podia ouvir a voz de Deus, que lhe dizia "Vai, anuncia ao mundo. Designei-te como atalaia. Anuncia isto ao mundo."

Depois do milagroso episódio narrado no *Livro Amargo*, quando seu sobrinho o convida para pregar, logo após sua oração desafiando Deus,

Guilherme Miller passou a propagar a mensagem do advento de Cristo.

Jesus não voltou no primeiro período que ele calculou e também não retornou em 22 de outubro de 1844. Após o desapontamento, Guilherme Miller, extremamente cansado das viagens e abatido pelos escárnios de seus perseguidores, terminou seus dias em sua propriedade, reconhecendo que, de fato, cometera um equívoco ao afirmar que Jesus iria voltar em 1844. Ficou desapontado, mas não abandonou a fé na volta de Jesus, não mais com datas fixadas.

Sem saber, Guilherme Miller foi o responsável pelo despertamento e avivamento de cerca de cinquenta pessoas que, reunidas em oração, estudaram a Palavra de Deus, descobrindo nova luz. Interessante que ele, entendendo ser a Terra o santuário da profecia de Daniel 8, acreditou que Jesus voltaria em 1844.



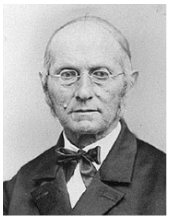
Josué V. Himes

O livro *Fundadores da Mensagem*, de Everett Dick (Casa Publicadora Brasileira), o descreve como “o grande agente de publicidade”.

Himes nasceu em 19 de maio de 1805 e conheceu Guilherme Miller em novembro de 1839, quando este fazia uma série de reuniões em Exeter, New Hampshire.

Os dois se tornaram grandes amigos e Josué Himes passou a ser uma espécie de agente de publicidade de Miller, ficando responsável, inclusive, pela confecção e distribuição de seus impressos, entre eles a revista *Signs of the Times*, que era um meio de comunicação com o público, divulgando os pontos de vista de Guilherme Miller.

Faleceu em 27 de julho de 1895, em Elk Point, Dakota do Sul.



José Bates

Nascido em 8 de julho de 1792, José Bates foi um entusiasmado pregador da mensagem de Guilherme Miller e, depois disso, o primeiro daqueles que fundariam a Igreja Adventista do Sétimo dia.

Seu primeiro encontro com a mensagem milerita ocorreu em 1839, quando assistiu a uma conferência sobre a segunda vinda de Cristo. Depois disso, participou de outros encontros e campais que levavam a mensagem do advento.

José Bates participou do primeiro desapontamento em 1844 e, enquanto se reunia numa campal em Exeter, New Hampshire, deu a palavra para um homem chamado Samuel Snow, o qual fez nova interpretação da profecia, indicando a data de 22 de outubro de 1844 como o exato dia da vinda de Jesus. Surgiu aqui o Clamor da Meia- Noite (*Midnight Cry*).

Quando conheceu uma senhora chamada Rachel Preston, que era membro da Igreja Batista do Sétimo Dia, José Bates começou a estudar sobre o dia de descanso, o sábado bíblico. Em março de 1845, Bates começou a guardar o sábado, na forma ensinada pela Palavra de Deus, sendo o pioneiro adventista a reconhecer essa nova luz e passando a pregá-la.

Presidiu as primeiras sessões da Assembleia Geral da nova Igreja Adventista do Sétimo Dia, inclusive a realizada em Battle Creek, em 1857, sendo que ele foi o primeiro líder a adotar a reforma de saúde, abandonando os alimentos impuros mencionados na Bíblia (Lv 11).

José Bates, poderíamos dizer, liderou Tiago White e sua esposa Ellen G. White, que a ele se juntaram em 1846.

Em 19 de março de 1872, em Battle Creek, José Bates faleceu.



Samuel Snow

Samuel é citado no livro *História do Adventismo* (Casa Publicadora Brasileira), de C. Mervyn Maxwell, como o preletor que, em 1844, numa campal em Exeter, New Hampshire, fez nova interpretação da profecia, indicando a data de 22 de outubro de 1844 como o exato dia da "vinda de Jesus".



Tiago White

Nascido em 4 de agosto de 1821, ele foi o grande responsável pelo início da obra de publicações da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Conheceu a mensagem do advento no inverno de 1840 e 1841, tendo reavaliado sua postura cristã e participado de várias reuniões e campais, estando, inclusive, na reunião campal de Exeter, onde houve a nova interpretação da profecia de Daniel, prevendo a volta de Cristo para 22 de outubro de 1844.

Tiago White foi um dos que sofreram com o desapontamento, mas não se abalou em sua fé, continuando seus estudos na Bíblia e unindo- se ao líder José Bates.

Tiago casou-se com Ellen Gould Harmon, que passou a se chamar Ellen G. White. Foi sua esposa que, inspirada por Deus, o incentivou a iniciar

uma revista. A primeira revista impressa pelos adventistas guardadores do sábado recebeu o nome de *Verdade Presente* [*Present Truth*]. Em 1865, Thiago White foi eleito presidente da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Faleceu em 6 de agosto de 1881, deixando seu precioso legado.



Ellen Gould Harmon (Ellen G. White)

Gosto da definição de Everett Dick (*Fundadores da Mensagem*) para Ellen G. White: mensageira de Deus.

Nascida em 26 de novembro de 1827, Ellen Harmon era uma adolescente de 13 anos, quando conheceu a mensagem milerita. Foi uma menina esforçada para aprender a Palavra de Deus e foi batizada por imersão, em 1841.

Em 1842, seus pais absorveram integralmente a mensagem de Guilherme Miller, sendo, inclusive, convidados a se retirar da comunidade metodista onde congregavam.

A Srta. Harmon foi uma moça debilitada por severos problemas de saúde, sendo que as pessoas mais íntimas não esperavam que ela vivesse muito tempo.

Em dezembro de 1844, ela teve sua primeira visão, quando pôde ver o povo do advento, a segunda vinda de Cristo e a Nova Terra. Em sua segunda visão, lhe foi ordenado que comunicasse o que tinha visto. Após lutar com tal ordem, quando atendeu ao chamado para ser a mensageira de Deus, surgiram diversas oportunidades para pregar as boas-novas.

Inicialmente, o ministério de Ellen era para combater o fanatismo pós-

desapontamento, pois havia pessoas que queriam marcar novas datas para o retorno de Cristo, sem terem entendido o real significado da profecia de 1844.

Em uma de suas viagens, conheceu Tiago White, com quem se casou em 30 de agosto de 1846.

Durante seu ministério, sua saúde foi restabelecida. Inspirada por Deus, tornou-se uma grande escritora, pois atendia a ordem do anjo que a conduzia em suas visões: “Escreve o que vês”.

Também foi fiel auxiliadora de seu marido, tanto na redação de seus impressos como na organização da nova igreja.

Ellen White recebeu visões confirmando a nova reforma, a interpretação correta da profecia de 1844 e o desígnio divino no desapontamento. Também lhe foi revelada a obra de restauração da Lei de Deus, incluindo a guarda do quarto mandamento, o sábado e a reforma de saúde.

Após muito trabalho e milhares de páginas escritas – seu verdadeiro legado ao povo de Deus – adormeceu no Senhor em 16 de julho de 1915, e aguarda o dia da ressurreição na vinda de Jesus.

Apêndice 3

Personagens Fictícios

• Núcleo I – Núcleo da Narrativa

Sr. Jordan: narrador da história

Sam, Vane, Jill e Matheus: os quatro jovens que ouvem a história do Sr. Jordan

Jerryl: Neto do Sr. Jordan e que também leva o nome do personagem principal da história

Sra. O'Brian: filha do Sr. Jordan

• Núcleo II – Núcleo da História Narrada

Jerryl McNolan: protagonista principal da história

Allice: a donzela protagonista da história

Nolan e Marta McNolan: pais de Jerryl

Ralph e Palmer: irmãos mais novos de Jerryl

Gerald e Lea Norton: pais de Allice

Joe: irmão de Allice

Maysa: a irmã mais velha de Allice

Fred: marido de Maysa

Zachary Brat: um burguês do Condado Novo, que tem uma desavença com os McNolan

Jim Brautigan: o respeitado xerife do Condado Novo

Molly Brautigan: esposa do xerife

Gustaph Brat: avô de Zachary Brat

Fearnot: dono de um dos armazéns do Condado Novo

Ted: viajante que vende quinquilharias e que trazia consigo panfletos sobre a profecia de 1844

Pastor Anatoli: pastor da Igreja Metodista do Condado Novo

Pastor Ulric: pastor que explana, pela primeira vez, a mensagem milerita na Igreja Metodista do Condado Novo

Dr. Jacke: médico de Allice

O Condado Novo e o Velho Condado são cenários fictícios. Os demais nomes de cidades citados na obra, incluindo onde Guilherme Miller morava, são reais.